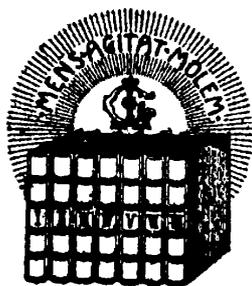


ANTONIO TORRES

Prós & Contras



1922

LIVRARIA CASTILHO

A. J. DE CASTILHO — EDITOR

R. da Alfandega, 124 — Rio de Janeiro

.
Not enjoyment and not sorrow
Is our destined end or way;
But to act that each to-morrow
Find us farther than to-day.

Art is long and Time is fleeting
And our hearts, though stout and brave,
Still, like muffled drums, are beating
Funeral marches to the grave.

In the world's broad field of battle,
In the bivouac of Life,
Be not like dumb driven cattle!
Be a hero in the strife!

Trust no Future, howe'er pleasant!
Let the dead Past bury its dead!
Act, — act in the living Present!
Heart within and God o'erhead!

.
Let us then be up and doing,
With a heart for any fate;
Still achieving, still pursuing,
Learn to labour and to wait!

Longfellow.

PREAMBULO

É este um livro feito de coisas novas e de coisas velhas. Ha nelle capitulos bem antigos, entre outros o referente a Wagner, que data de 1913 — anno fatidico, o ultimo anno da Antiga Era...

Relendo agora estes escriptos, nos quaes andei cortando aqui, accrescentando ali, remendando mais além, executando emfim esse trabalho fatigante de procurar, ceifando figuras inuteis, imprimir ao estylo mais fôrça e mais exactidão, muitas opiniões encontrei que já não escreveria hoje. Conservei-as, porém, tendo em mente o que diz Renan, isto é, que o espirito tambem tem suas datas.

Ante-hontem recebi do Rio uma carta em que um amigo e collega me dizia, entre outras coisas: «O publico e seus amigos não o esque-

cem». Ora, ha mais de dois mezes recebera eu uma do meu Editor, na qual havia isto: «Quando me manda os originaes? Já tenho papel separado para o seu novo livro». Si o Editor quer os originaes, e o publico ainda se lembra de mim, fraco autor seria eu si deixasse de lançar mais um volume. Portanto ahi vae elle. Não creio que seja melhor nem peor que os precedentes.

O que vão dizer delle, isso já o sei eu: livro demolidor, sem sympathia humana, sem profundeza de pensamento e talvez até sem nobreza de sentimento. Quem publica um livro deve já d'ante-mão estar preparado para receber todas as settas hervadas e todos os gazes asphyxiantes da Critica. Eu não estou apenas preparado, não: estou acostumado tambem. É tão velho tudo isso... Pro captu lectoris habent sua fata libelli...

Como escriptor, só tenho uma ambição: não mentir de caso pensado quando escrevo, não me disfarçar perante quem me lê. Si eu tenho direito de dizer que não gosto de ostras, não sei porque não terei tambem direito de declarar que abomino a influencia positivista no Brasil. Si nada me impede de dizer que a fructa de lobo tem sabor desagradavel, não sei o que me impedirá de reconhecer, em voz alta e em letra de fôrma, que os portuguezes são atrazados e

decadentes. O que não se me affigura decoroso é fazer como grandissima parte da nossa Imprensa, que vive diariamente a exclamar, com o olho no annuncio pago ao balcão: — «Portugal, nação irman! Os nossos irmãos de além-mar! A laboriosa colonia portugueza! Esse povo que tem feito a nossa riqueza!» — e outras armadilhas para pilhar o dinheiro ao luso incauto, quando todos indubitavelmente sabemos que, como materia de facto, não ha brasileiro que intimamente não despreze o portuguez, como não ha portuguez que não deteste o brasileiro. Essa posição falsa é que sempre me repugnou. As posições claras, definidas e definitivas sempre me encantaram. Eu bem sei que com semelhantes attitudes ninguem póde prosperar materialmente, sobretudo num paiz como o Brasil, em que o heroismo consiste primordialmente, em ter astucia. Mas cada qual toma o seu prazer onde o encontra. O asno está feliz deante de um feixe de herva; o porco, rebalsando-se na lama; e certos homens, imitando o porco. Outros, entretanto, ainda quando estão no meio da turba multifaria, preferem, consoante o conselho de Emerson, «conservar com perfeita doçura a independencia da solidão». Gosto de pertencer a esse numero. Para viver, de bem pouca coisa necessito. Os meus prazeres são extremamente

sobrios. Um canto tranquillo para vegetar com decencia e sem demasias de desconforto, cultivando a amizade e os livros — que mais quero eu? Talvez um pouco de socego para meditar... Politica, amor, riqueza, aura popular, relações de sociedade, coisas todas são estas que me deixam mediocrementemente interessado. Não assim um bello livro, uma phrase justa, um amigo sincero, uma flôr vista pela manhan, ainda humida de orvalho, uma acção nobre, um lance de coragem, emfim tudo e qualquer coisa que possa concorrer para o nosso aperfeiçoamento moral.

A ter de escrever, nos nossos tempos, para nada dizer; a ter de escrever apenas litteratura academica, contos agradaveis, phantasias amenas e logomachias innocuas, é preferivel não escrever. Eu admiro essa severa escola mental, que é a escola do Catholicismo, e esta nos ensina a dar á Palavra o seu valor, a evitar as palavras ociosas, pois por cada uma dellas responderemos no Ultimo Dia, a não profanar a palavra humana e a adorar a Palavra Eterna, porque In principio erat Verbum et Verbum caro factum est: no principio de todas as coisas existia o Verbo e esse Verbo se fez carne! Um dos maiores males, uma das muitas pestes dessa peste universal que se chama Democracia é a pro-

fanação da palavra, quer fallada, quer escripta. O homem que tivesse, já não digo sentimentos religiosos, mas ao menos alguma noção da sua categoria aristocratica no conjuncto do Universo, devêra estremecer de emoção toda a vez que, tendo de fallar a seus semelhantes reunidos para ouvil-o, pronunciasse esta formula vulgar: Peço a palavra; porque em verdade pedir a palavra é pedir immensidades, e ás vezes, quasi sempre, immensidades de catastrophes. Reunir palavras sonoras mas sem intuitos de ensino não é escrever. Assim como o guerreiro não deve sacar da espada si não tiver necessidade de ferir, assim o escriptor não deve pegar da penna si não tiver intenção de instruir, seja para o bem, seja para o mal. Escrever exclusivamente por interesse é prostituição mental; e escrever apenas para agradar é leviandade de rapariga doidivas que tambem acabará fatalmente prostituida.

Ahi está porque me chamam demolidor: porque eu odeio escrever só para alinhar palavras maviosas. Paciencia. Agora estou velho para emendar a mão. Demais, escrever de bôa fé aquellas coisas que pensamos com sinceridade é prazer. É bello e agradavel procurar cada um ser o que é. Isso consola de pobreza, de doença,

de abandono, de miserias, como dizem os bellos versos de Matthew Arnold:

Resolve to be thyself, and know that he
Who finds himself loses his misery!

É precisamente o que nos falta no Brasil: homens resolvidos a ser elles mesmos. Todos no nosso paiz procuram ser alguma coisa, varias coisas e muitissimas coisas. Estes buscam apparecer como financeiros, que dariam talvez conscienciosos praticos de pharmacia; aquelles preferem adoptar a mascara de politicos e de administradores, mas de politica e administração entendem tanto quanto um bedel; outros impõem-se como poetas, jornalistas, litteratos, pintores, artistas de todos os generos, que mal poderam ser porteiros de ministerios ou bilheteiros em circos de cavallinhos; e todos elles procuram invariavelmente parecer o que não são e nenhum cogita de ao menos tentar ser o que parece. De certo essa horrivel atmospherá moral não póde existir sem causas efficientes. Quaes serão essas causas?

Varias.

Em primeiro logar, falta de educação moral e religiosa em casa, falta de educação inicial, falta de educação materna. O brasileiro em geral me dá a impressão de nunca ter tido mãe

que se interessasse por elle, pelos seus bons costumes, pelas suas boas maneiras, pela sua perfeição moral, pela bravura gloriosa da sua juventude, pela honestidade da sua idade madura e pela belleza da sua velhice.

Em segundo logar falta de educação moral e religiosa nas escolas primarias, onde o nome de Deus foi substituido pelo de varios e broncos manipanços republicanos; onde programmas enormes, monstruosos e inexequiveis nem siquer dariam tempo ás professoras para tratar de educação religiosa e moral, caso a liberdade de consciencia republicana lhes permittisse fallar nisso; onde finalmente as proprias professoras ignoram semelhantes materias e não cogitam de aprendel-as, pela razão muito simples de que todas ellas são productos das Escolas Normaes, e estas são, pouco mais ou menos em toda a parte, viveiros não propriamente de ensino leigo, mas de ignorancia leiga e de escandalos por vezes repugnantes.

Em terceiro logar. — e isto é uma consequencia do que precede — nas escolas secundarias e nas superiores da Republica a mocidade prepara-se apenas para obter um grau universitario, pouco importando que isto se consiga pela fraude; porque, verdadeiramente, tanto alumnos como professores não têm noção de dever, de

justiça e nem ao menos da mera legalidade das acções. O essencial é triumphar, vencer na vida. Triumphar ou vencer na vida é fazer um casamento rico, ser deputado, obter contractos rendosos com o Thesouro Publico, ainda que seja necessario falsificar firmas, calumniar, entregar a mulher á lascívia dos ministros e prostituir a filha á sensualidade de qualquer banqueiro, embora a esse banqueiro lhe escorra puz de um ouvido, ou uma perna lhe esteja carcomida de herpes, ou o sangue lhe esteja corrompido por successivas e incuraveis infecções de que não val tratar aqui. Todos esses processos são legitimos desde que surtam o cubiçado effeito, isto é: automoveis, vestidos, joias, theatros, bailes, viagens á Europa, etc.

Em quarto lugar, a apathia da Egreja Catholica no Brasil, cujos ministros interpretam a Separação como sendo uma especie de libertação compulsoria dos deveres mais inilludiveis do apostolado. Basta ver o que se passa na capital do paiz, de onde devia partir o exemplo do bom combate. A Egreja limita toda a sua actividade a obras de culto externo e de devoção. Emquanto na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Allemanha, na França, na Italia, na Hungria, o Catholicismo é um organismo vivo, que se interessa por todas e em todas as obras soclaes,

no Brasil a Igreja parece atacada de hemiplegia e só se ouve fallar della para missas de sétimo dia, missas de acção de graças, procissões e outros exercicios estrictamente devocionaes.

Eis ahi, pois, o nosso estado geral neste momento: as massas, inteiramente illetradas; o ensino, escasso e inefficiente; não existe uma classe media capaz de nortear com energia, bom senso e segundo padrões tradicionaes de moralidade privada, os destinos da Nação; a Igreja, completamente inactiva, apathica, paralytica, tendo por chefe um homem como o sr. Cardeal Arcoverde, que parece ter nascido já empalhado para figurar em museus como o de Madame Tussaud; a politica... mas é melhor não tratar de coisas putridas.

Que perspectivas e que surpresas nos reservará o Futuro no seu escritorio de tragedias?

Sabe-o Deus e tenha Elle piedade de nós...

Londres, 29 de Janeiro de 1922.

ANTONIO TORRES.

CASTELLOS NO AR...

REALMENTE ha idéas... Essa, por exemplo, de construir no morro do Castello uma miniatura do Castello da Pena, em Cintra, é extraordinaria. Não se sabe de quem terá partido, mas o que a todos admira é que o sr. Prefeito a tenha esposado, a ponto de declarar-se disposto a ir, desde já, preparando o morro para nelle se erguer o tal castello em homenagem a Portugal. Uma série de absurdos. Felizmente, segundo consta, o Presidente da Republica não está pelos autos. Dizem que S. Ex. prefere o arrazamento total do morro, afim de que a área arrazada seja aproveitada como terreno de construcções civis, permittindo-se dest'arte ao commercio desenvolver-se por aquelle lado.

Vamos, porém, ao mais importante, isto é, aos absurdos...

O primeiro delles é quereremos nós comemorar o centenario da nossa Independencia com uma homenagem a Portugal. O bom senso está indicando claramente o contrario. Si faz agora um seculo que nós lutámos para nos separarmos da antiga e ominosa metropole, o que só conseguimos á custa de muito sangue e — salvo engano — dois milhões de libras dados ao sr. D. João VI, para que não nos incomodasse mais, então nós é que ainda vamos prestar homenagem á decadente ex-metropole? Nesse jogo não entraremos nós: é muito desigual. Pelo contrario, Portugal é que tem obrigação de prestar-nos homenagem, quando por mais não seja, ao menos em consideração áquellas libritas que demos ao defunto rei, ex-Nosso Senhor, libritas essas que, por signal, lhe fizeram muito bom arranjo...

Depois, que papel faremos nós, com um castellino de confeitaria erguido ali no Castello, a querer deslumbrar o estrangeiro com essa miniatura ridicula? O castello da Pena póde ser uma obra prima, e eu não duvido de tamanha cousa. Mas é obra prima lá em Cintra, lá em Portugal. Só a Portuguezes póde elle interessar. O Jeca Tatú brasileiro não tem nada que

ver com o sr. Dom Affonso V, nem com o sr. Dom João I, nem com a sra. Dona Filippa, nem com a sra. Dona Urraca.

Mas — dirão — os norte-americanos vão, segundo consta, offerecer ao Rio de Janeiro uma estatua de Washington. E que tem isto com aquillo? Washington é um pouco maior do que o castello da Pena; é uma figura politica universal; ao passo que o famoso castello é uma obra d'arte puramente local.

O nosso grande pé-de-chumbo Alexandre de Albuquerque (Alexander Magnus de Albaquercu, bacharel de Coimbra e inimigo pessoal da estatua de Eça de Queiroz) já se manifestou favoravel á idéa do castello da Pena, ali perto dos Capuchinhos, dizendo que isso é uma expressão politica, «a politica nobre e elevada da communhão, cada vez maior e mais perfeita, das duas Lusitanias, d'aquem e d'além ondas».

Está tudo certo, menos aquillo das duas Lusitanias. Não ha duas Lusitanas. Nunca o houve. Lusitania só existe uma: a que está na peninsula iberica. Isto aqui é Brasil, muito bom Brasil, exclusivamente Brasil, e nada mais, nem menos. A Lusitania está lá, do outro lado do mar. Do lado de cá existe o Brasil. Tudo que possuímos aqui nesta terra, é e quer e deve ser brasileiro. O Presidente já o disse e o disse

eximiamente, em discurso na Liga de Defesa Nacional, onde declarou que, até quando falarmos, devemos falar brasileiro, lingua brasileira. E nós não podemos permittir a quem quer que seja dar á nossa terra o nome de Lusitania, do mesmo modo que não podemos tolerar que se chame S. Paulo a Italia Tropical e se diga que o Rio Grande do Sul é a Allemanha Austral. Mais amor e menos confiança! Aqui não ha nem Lusitania, nem Italia, nem Allemanha. Ha por aqui Lusitanos, Allemães e Italianos, mas todos esses têm que viver de accordo connosco, que somos, bem ou mal, queiram ou não queiram, os senhores de uma terra que se chama Brasil e não deseja, por emquanto, mudar de nome...

Depois de citar «o exuberante Byron», diz o Albuquerque Terribil que, contemplando o nosso castellino da Pena, veremos passar Dom João I; Nun'Alvares Pereira; Dom Affonso, bastardo de Aviz (bello titulo de gloria!) e sua noiva, D. Beatriz, filha de Nun'Alvares; Dom Affonso V; Dom João II; Dom Manoel I, o Venturoso; Dom Sebastião; Affonso VI; o marquez de Marialva; o duque de Loulé, etc., etc. Emfim, uma procissão macabra. Não contente com isso, ainda teremos de evocar, diz Alexandre, a lenda do *Por bem*. Foi

o caso que, estando Dom João I a beijocar uma criada, num desvão de escada do seu real castello, surprehendeu-o nessa troça a rainha Dona Filippa e o interpellou; pelo que el-rei, não achando outra desculpa, respondeu: «Foi por bem!» E a rainha se satisfez com a excusa...

Commentando esse facto notavel, explica o nosso grande Albuquerque: «Não foi uma desculpa de Dom João I, como que a negação de um delicto, antes a forte e clara affirmação das suas intenções de lei: *por bem!*»

Ora ahi está. Encontra uma mulher, o seu marido a fungar na nuca de uma criadinha e brada-lhes a ambos:

— Que pouca vergonha é essa?

— Não é nada, senhora, responde-lhe o maganão; não foi por mal; foi por bem...

E mestre Alexandre a exclamar que essa desculpa de cabo de esquadra é a affirmação das maritães intenções de lei! Nessa canôa ninguém embarca. As intenções eram muito outras... Intenções de tudo, menos de lei. Intenções até muito fóra da lei...

Agora pergunta-se: que temos nós com tudo isso, com o desastre de Dom Sebastião, com a calaçaria de Dom João I e com os ciumes das Filippas, Leonores, Catharinas e Urracas que, em tempos idos, perambularam pelos corredores

do castello, ansiosas, contendo a respiração e pisando de leve, para surprehender os idyllios dos reis com as criadas?

Entretanto, ainda ha mais.

O Rio de Janeiro não tem apenas o morro do Castello. Tem muitos outros com direito a ser contemplados com algumas tetéias antigas, doadas pelo Prefeito, que, depois de ter sido tanta cousa na vida, deu agora para ser miniaturista. Assim, construido no morro do Castello um pequeno castello da Pena, proponho que os demais morros do Rio de Janeiro sejam aquinhoados pela fórmula que se segue:

Morro do Pinto — Castello de Santo Angelo; morro do Livramento — A Bastilha; morro da Favella — O Escurial; morro de Santo Antonio — Vaticano e Basilica de São Pedro; morro de Guaratiba — A Torre de Londres, e assim por deante.

Finalmente, concluidas essas obras d'arte, inauguraremos na cabeça do sr. Prefeito o maravilhoso castello de cartas que S. Ex. ha tantos annos e tão trabalhosamente vem construindo...

.

Nós' não precisamos de reproduzir velhas obras d'arte para commemorar o primeiro centenario da Independencia. O Brasil tem necessi-

dade, neste momento, de escolas, hospitaes e laboratorios. Necessitamos, acima de tudo, de instrucção e de hygiene. Assim, a melhor maneira, a maneira mais nacional que podemos ter de commemorar dignamente o centenario é espalhar escolas e hospitaes por todo o paiz: escolas practicas de commercio, de agricultura, de industria e de primeiras letras; hospitaes para tratamento intensivo dos infeccionados de ancylostomose, de tuberculose, syphilis, impaludismo, molestia de Chagas (que não é uma pilheria, como affirmou ha poucos dias, por despeito, o sr. Afranio Peixoto na Faculdade de Medicina), morphéa e leishmaniose, assim como de todas as fórmás e modalidades de psycho-neuroses, muitas das quaes são consequencias de syphilis hereditaria, do alcoolismo dos pais quando geraram os seus desgraçados filhos e de muitas outras causas, que os competentes conhecem e saberão apontar e combater quando fôr opportuno. Esta seria a mais bella commemoração do centenario da Independencia, pois mostraria ao continente e ás nações européas que somos um povo emprehendedor e sério, que deseja progredir, são de corpo e de espirito, para poder ser cada vez mais util a si e á humanidade.

POR CAUSA DE UMA CARTA
ANONYMA...

UMA carta anonyma pôde matar?

Eu sempre imaginei que a carta anonyma só matasse personagens de theatro ou de novellas do romantismo. Nunca suppuz que, por causa de carta anonyma, fosse alguma noiva capaz de morrer nestes tempos. Porque são hoje as noivas tão espertas e tão habeis, tão ladinas e maliciosas, tão cheias de amiguinhas e tão frequentadoras de cinemas, que eu sempre suppuz que uma carta anonyma, ainda recheiada de torpezas e obscenidades, lida por qualquer d'ellas, não lhe fizesse mozza mais forte do que o nojo que porventura lhe causasse o apparecimento subito de um rato á hora do jantar...

Agora já creio que a carta anonyma seja capaz de matar, ao menos em casos excepçionaes.

Com effeito, li ante-hontem uma noticia tão espantosa, tão fóra das tendencias sociaes e das directrizes moraes de hoje, tão extranha, tão ante-diluviana que, antes de concluir-lhe a leitura, corri-lhe logo ao final, na presupposição de que se tratasse de algum reclamo de casa commercial. Mas não era. Era noticia verdadeira. Era a divulgação autorisada do que se poderia chamar, como nos annuncios de cinema, *um drama da vida real*, isto é a historia triste de uma moça que morreu por causa de uma calumnia...

Para mim, pois ficou provado que uma carta anonyma é capaz de matar. Nunca o acreditaria eu! Pois então? Se cartas anonymas fossem dotadas de tamanha virulencia, ha muito que eu não existiria mais; porque não se passa semana em que não me venha mais de uma. Rio-me ao lél-as. Por ellas é que meço a fôrça dos meus escriptos. Quando elle é forte, quando fere com exactidão o alvo em que o autor poz a mira, chovem-lhe as cartas anonymas, estas de louvores, aquellas de descomposturas. Não ha chefe de Estado, ministro, director de jornal, alto funcionario, jornalista em evidencia que não receba sempre cartas anonymas: de applausos umas, injuriosas outras; e outras — ainda — repletas de denuncias, intrigas e calumnias contra este ou aquelle desaffectedo. Quanto a jornalistas, o

que, d'entre elles, não recebe cartas anonymas bem recheiadas de insultos não tem efficiencia. Deus me livre de que, escrevendo ha tanto tempo, nunca tivesse levado descomposturas, ou pelos *apedidos* ou em cartas anonymas. Não digo que sejam agradaveis as primeiras que se recebem; mas, ao cabo, a gente acostuma-se a recebê-las e até chega a descobrir-lhes a utilidade, porque neste mundo, si exceptuarmos a virtude, tudo o mais é util. Assim, sempre que recebo uma carta anonyma alegro-me com a minha prosperidade. Fico contente por ver que cause inveja ao missivista. Tantas já tenho recebido que conheço a carta anonyma só pela physionomia do endereço e pelo aspecto da sobrecarta. Às vezes faço experiencia para divertir os companheiros. O continuo entrega-me a correspondencia. Pego de uma carta e declaro aos amigos:

— Esta tem descompostura.

Abro-a e mostro-a ao que duvidou da minha sagacidade; e é raro enganar-me... Alguns anonymos ha que, desejando manifestar todo o seu desprezo por mim, nem se dão ao trabalho de escrever-me insultos: limitam-se a enviar-me imundiceis embrulhadas em papel hygienico! Acho esses sujeitos admiravelmente praticos e economicos. Aproveitam tudo; e, em vez de escreverem a palavra, preferem mandar-me *en na-*

ture aquillo que ella significa. Admiro-os, mas, acima de tudo, invejo-lhes o estomago...

A carta anonyma, inoffensiva quando endereçada a solteirões como eu, torna-se um pouco perigosa quando dirigida a casados. Não ha, com effeito, homem casado, por maior que seja a sua confiança na mulher, que não se aborreça ao ler num trapo de papel: «Caro sr... — Porque será que, quando o sr. sae de casa, sua mulher toma um taxi em direcção á Tijuca e lá se encontra com um rapaz baixote, moreno, etc., etc.? É o que deseja saber — *Um amigo*». Tambem não ha mulher que lhe não sinta bater com mais fôrça o coração, ao ler num papelucho: «Minha senhora — Si quer ter uma surpresa agradável, vá amanha ás duas horas da tarde ao numero tal da rua do Riachuelo, onde seu marido se encontra com uma senhora loura, alta, etc., etc. A dona da casa chama-se Zulmira. *Um respeitoso admirador*». Brincadeiras taes costumam determinar o que os noticiaristas chamam *tragedias conjugaes*... Mas voltemos á historia da menina que morreu por causa da carta anonyma.

Morava ahi pelos lados de S. Francisco Xavier e era noiva de um rapaz mais ou menos bem encaminhado na vida. Uma vizinha, que a invejava, ao que parece, mandou ao pae d'ella uma carta anonyma em que dizia: primeiro — que a

menina já era amante do noivo; segundo — que este ainda tinha uma outra amante lá em certa rua distante. O pae, homem severo, chamou-a a ajuste de contas, disse-lhe algumas asperezas e, no auge da indignação, mostrou-lhe a carta fatidica. Tanto que a leu, prorompeu a rapariga no mais angustiado pranto deste mundo. Jurou que tudo era mentira, isto é, tudo que se referia a ella... Ficava-lhe ainda a magua de saber que o noivo *tinha uma outra*. E o pae, querendo talvez dar tudo por terminado, saiu rispidamente. Pessôas da casa, condoidas da sua sorte, levaram-na para a cama, onde ella se deitou, chorando sempre, até alta noite, e sem largar dos dedos crispados a carta maldicta. Mandaram chamar o noivo. Interpellado com violencia, declarou que tudo era infamia: não era amante nem de uma nem de outra. Quiz fallar á noiva; levaram-no, pois, á presença d'ella; mas a moça já não o reconheceu: enlouquecera! Sobreveiu-lhe depois uma febre cerebral e no dia seguinte estava no cemiterio...

Si um escriptor publicasse um conto ou um romance baseado neste schema, seria apedrejado pela critica e esta não deixaria de ter alguma razão; porque, no romance, o que se quer não é o *verdadeiro* mas apenas o *verosimil*. A verdade excede e transborda da vida, segundo a

concebe, comprehende e descreve a litteratura. Ora, este caso de uma môça, em pleno seculo XX, no Rio de Janeiro, com o automovel, com o cinema, com o succulento noticiario dos jornaes, com a facilidade da leitura de romances amoraes, enlouquecer por causa de uma calumnia e morrer romanticamente de uma doença já fóra da moda em taes casos, como a febre cerebral, é verdadeiro, é de ante-hontem, mas não tem verosimilhança. Si ella, ao ler a carta, caisse para traz, instantaneamente morta de uma syncope cardiaca, ainda se poderia aproveitar o seu caso como assumpto de uma novella rapida, em que o estylo do escriptor e a sua maneira aguda de apresentar as personagens conseguissem valer mais do que o entrecho da novella propriamente dicto. Mas perder a razão e, não contente com isso, ainda morrer de febre cerebral, como nos romances de Camillo e de Escrich, isso é que se me affigura fóra de medida. A febre cerebral, como desfecho de drama sentimental, não se admite mais em litteratura moderna. Não digo isto para zombar da menina; mas si, depois d'ella morrer de febre cerebral, o pae morresse de apoplexia, o noivo se suicidasse com uma bala no coração e a autora da carta mortifera apparecesse desgrenhada em scena, gritando: — *Fui eu que escrevi!*

Matem-me tambem! — então, sim, é que o dramalhão ficaria completo e a preceito para a companhia da senhora Italia Fausta. E muita gente havia de chorar copiosamente no theatro Recreio, tanto mulheres como homens, quando o actor Ferreira de Souza, representando o papel de *velho amigo da familia*, dissesse com emocional entonação á causadora da tragedia, que áquella hora devia estar arrancando os cabellos, de tanto remorso:

— Contempla, miseravel, contempla a tua obra!

E aqui devia cair depressa o passo, antes que morresse mais alguém...

No caso da menina de S. Francisco Xavier o panno caiu depois da sua morte. Com a febre cerebral acabou-se a peça. Quanto ao jornal, commentando esse drama, diz que o unico castigo que espera a causadora desse desastre é o remorso. Bem fraco, esse castigo. E ella o soffrerá, ainda assim? Tenho minhas duvidas. Geralmente, quem lança mão da carta anonyma como meio de vingança já atravessou, na sua vida interior, tantos estagios de deliquescencia moral, de miseria d'alma, que é todo elle como si fosse um pantano com apparencia humana. O individuo que escreve cartas anonymas é mais doente do que criminoso. É um doente da vontade, atacado de co-

vardia congénita e incuravel. Seu pae era provavelmente syphilitico; sua mãe talvez fosse dada ao vicio da embriaguez, em segredo; que muito será que o filho ou a filha tenha nascido doente? Eis porque não creio que, ainda em casos como o da menina de S. Francisco Xavier, a autora da carta anonyma sinta remorsos do que fez. Vão perguntar ao stegomya si elle sente remorsos das mortes que causou com as febres que transmittiu. Sente? Pois assim são os calumniadores anonymos...

Agora, á maneira de moral da fabula, para concluir: peço ás minhas patricias que não morram por causa de cartas anonymas; si, porém, alguma achar indispensavel morrer por causa de uma calumnia, pelo amor da litteratura contemporanea não morra de febre cerebral: morra de outra doença, de appendicite, por exemplo, que é mais moderna. Mas o melhor ainda é não morrer de coisa alguma, porque como diz, com a sua habitual profundeza, o professor Austregesilo, a vida é bôa...

CHRISTO, POSITIVISMO, MEDICINA E AMOR...

O Positivismo Orthodoxo deve estar de peza-
mes: Christo, apesar do requecimento do
sr. Venancio Neiva, não foi retirado do Tribunal
do Jury; o sr. Bagueira Leal, pontifice da rua
Benjamin Constant, que queria impedir que ca-
daveres de indigentes servissem de campo de
estudos anatomicos nos amphitheatros da Facul-
dade de Medicina, acaba de ser derrotado em
polemica, pelo dr. Silva Santos, professor de
anatomia naquella escola scientifica; finalmente,
o sr. Laurò Sodré, governador do Pará, está
envolvido numa complicação amorosa que em
nada honra as suas tradições de vestal da Re-
publica.

O sr. Venancio Neiva, que requereu ao juiz
a suppressão da imagem de Christo no tribunal

No terra de desenvolvimento

e viu indeferido o seu esdruxulo requerimento, é um positvaço tão formidavel, que tem, á porta de sua casa, uma placa com a seguinte legenda: *Cidadão Venancio Neiva*. Como se sabe, os positivistas não admittem, para ninguem e sem excepção alguma, o tratamento de *Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*, que elles consideram qualificativos insinceros e capazes de destruir a hierarchia social, concorrendo para prolongar os restos de instinctos nobiliarchicos da civilisação catholico-feudal, extincta na Republica Occidental, desde o ascendente dictatorial do grande Cromwell!

A meu ver, quem devia tomar conhecimento dessa placa do cidadão Venancio Neiva era a Recebedoria Municipal. Si os medicos e advogados pagam impostos para terem placa á porta, placa que é o signal de sua profissão, assim tambem o cidadão Venancio deve pagar tributo de placa, para poder exercer dignamente a sua profissão de positivista, pois, como se sabe, desde a proclamação da Republica, ser positivista é uma lucrativa profissão.

Claro é que o cidadão Venancio, si lhe forem cobrar o imposto de cidadania, appellará para a Constituição, como fez no caso dos quatro mil réis de custas, e dirá que a sua placa é apenas a digna propaganda de conveniente

tratamento republicano, tendente a nivelar desde já todos os membros da sociedade actual, como um preparo empirico da systematisação futura da fraternidade universal. Mas o recebedor da Prefeitura deve cerrar os ouvidos a esse palanfrorio sectario e exigir dignamente os mil réis devidos ao fisco pelo cidadão Venancio.

Quanto ao sr. Bagueira Leal, o caso é curioso. Este cidadão, que é general medico do Exército, não admite que os cadaveres de indigentes sirvam de campo para estudos de anatomia na Faculdade de Medicina. Na opinião desses senhores, para saber anatomia topographica, basta ler os livros de Bichat e Broussais, contemplando as respectivas gravuras e esforçando-se para conseguir a representação mental, no espaço, de tudo quanto estiver escripto nos livros — o que tem ainda mais a vantagem de desenvolver o aparelho da imaginação: *Ver para prever afim de prover*. Com este systema de aprender sciencia, acredito que um homem vá para o Hospicio, mas nunca para o Pantheon, aquelle famoso paraíso espirital que o incomparavel Mestre previu para os seres convergentes, irrevogavelmente incorporados á Humanidade. Mahomet, por exemplo, já está lá, embora preferisse estar no paraíso d'elle mesmo, que era, indubitavel-

mente, muito mais divertido do que o de mestre Comte.

O dr. Silva Santos, que precisa de cadáveres para viver, porque, si não houver cadáveres, elle não poderá ensinar anatomia; e, si não ensinar anatomia, não poderá receber os seus vencimentos; o dr. Silva Santos acudiu logo, pelos «*apedidos*» do «*Jornal*», a 'clamar contra o dr. Bagueira, homem que tamanho horror tem á carne, que só come folhas verdes. O dr. Bagueira achou melhor não discutir; e o dr. Silva Santos ficou senhor do terreiro.

Não sei si os senhores conhecem o general Bagueira, pontifice empiricamente surgido da anarchia mental e moral do Occidente. É um ento alto, magro, escanifrado, dissolvido nas suas proprias abstracções, diluido em formulas algebricas e notações arithmeticas. É um logarithmo com figura humana. Este logarithmo, quero dizer, este homem, não come carne. Convenceu-se, em primeiro logar — da sua qualidade de logarithmo; e em segundo logar — da necessidade de reprimir o surto egoistico do instincto nutritivo em nome dos pendores altruisticos, de modo a fazer os phenomenos mais grosseiros se subordinarem aos mais nobres, reagindo em favor do predominio decisivo da moralidade sobre a animalidade, até tornar finalmente possi-

vel o advento sociocratico da utopia da Virgem-Mãe.

Póde ser possível tal advento; mas, quando eu considero na macilencia do dr. Bagueira, fico a pensar que do seu vegetarianismo só póde advir um phenomeno: a transformação de S. Ex. em planta. S. Ex. está se transformando, a olhos vistos, em folha de alface. A diaphaneidade esverdeada da sua cutis está claramente indicando que nas suas veias já não corre sangue, mas apenas seiva vegetal. Assim, nem ao menos se póde impôr ao dr. Bagueira o castigo de legar o seu cadaver á Faculdade, para ser escallpellado pelos estudantes; porque, não sendo já animal, o chlorophyllico sacerdote do comtismo só poderá figurar como amostra de planta damninha nas aulas de materia medica vegetal. Em todo o caso, si o dr. Bagueira consentir em fazer, com tal fim, um contracto com o director da Faculdade, poderá, como compensação, receber mensalmente uma empirica mesada, ou melhor, uma especie de subsidio apostolico, espontaneamente pago pelo thesoureiro da sobredita Faculdade, comtanto que as folhas do seu cadaver sirvam de campo para estudos dos que frequentam as aulas daquelle instituto anarchico-revolucionario, onde só se ensina pedantocraticamente

o despotismo sanitario da pseudo-ciencia academico-official. E passemos adiante...

O dr. Lauro Sodré, que foi discipulo e secretario de Benjamin Constant, anda envolvido num caso um tanto escabroso. Dizem que o governador do Pará, depois de velho, resolveu ser Luiz XV, e devastar a parte feminina do Partido Republicano Paraense. O caso é perfeitamente explicavel, como tudo no positivismo. O general Sodré, apesar de, como positivista, ser obrigado a viver ás claras, não despresa as morenas, e é membro da maçonaria, que é uma sociedade secreta. Elle tem, assim, duas personalidades: uma, que vae á rua Benjamin Constant, aos domingos; e outra, que gosta da rua do Lavradio... Não ha nisso sombra de metaphysica. Si o bravo militar do 14 de novembro se embellecou por alguma correligionaria, não o fez como positivista, mas como maçon; e, ainda que o tivesse feito como positivista, embora scismatico, não teria feito mais do que submetter os surtos do seu altruismo espontaneo e systematico á digna influencia santificadora do sexo affectivo. Portanto, não ha motivo para barulho nem matinada; porque o general Lauro Sodré, como positivista, não póde deixar de ter o Amor por principio e a Mulher por baixo...

CHRONICA CULINARIA

SEGUNDO mandou dizer de Bello-Horizonte um correspondente jornalístico, para certo jantar offerecido pelo senador Francisco Salles, não foram convidados alguns cidadãos suspeitos de *não-sallismo*; e o sr. Salles, para explicar essa exclusão, tão fóra dos moldes da hospitalidade mineira, declarou que não os convidara por ser muito acanhada a sua sala de jantar; por onde se vê que a sala de jantar do egregio senador é, quanto a capacidade, semelhante ao seu intellecto. Quer-me parecer que um senador como o sr. Salles, chefe politico, ex-ministro e, portanto, millionario, não tem o direito de ter sala de jantar assim, tão estreita, como a de qualquer pobre diabo — eu, por exemplo; até porque a sala de jantar de qual-

quer politico deve sempre exceder em capacidade o seu craneo.

A homem como o sr. Salles incumbe a obrigação de ter varias salas de jantar, capazes de conter não só os correligionarios politicos, como e principalmente os adversarios. Ninguem já hoje em dia nega a influencia de um bom jantar na orientação de uma bôa politica. Dêem-me bons cosinheiros e um ponto de apoio no orçamento e eu dominarei o mundo.

Póde um homem ser inimigo politico de outro; mas si jantar em casa desse outro e encontrar lá bôa sopa, bons vinhos do Rheno, bom peixe, bons ensopados, bons assados, sobremesa fina e charutos capitosos; algumas senhoras intelligentes (que conversem mais com os bellos olhos e com os magnificos dentes do que com a intelligencia); uma dona de casa que não falle a respeito de criados; duas ou tres senhoritas que sejam capazes de cantar agradavelmente e sem insistir muito uma aria de Gluck, de Rossini, de Wagner, de Gounod ou de Carlos Gomes (*O ciel di Parahyba...*); alguma senhora capaz de interpretar um nocturno de Chopin ou uma sonata de Beethoven; um pequeno conjunto de musicos de camera que nos dêem alguma coisa de Cesar Frank ou de Vincent d'Indy; tudo isso com muito tacto, finura e pro-

porção, nesses momentos olympicos em que o principio da digestão e o inicio da embriaguez do charuto começam a espalhar-nos por todo o corpo, desde os cabellos até os pés, um bem estar generalizado que frisa com o mais delicioso estado de estupidez gentil; pergunto: o homem que jantar em tal casa poderá algum dia ser inimigo do seu amphytrião? É preciso que seja muito dyspeptico para commetter tamanha ignominia...

Por isso digo: si o senador Salles tivesse mais tino politico, teria convidado a todos os seus adversarios para jantar intimamente ou na sua casa ou no Grande Hotel. Eu — e Deus me livre de tal! — não desejo estar na pelle desse macambuzio senador; mas, si por ventura, *eu fosse elle*, convidaria para jantar commigo todos os *não-sallistas*. E, de duas, uma: ou elles viriam, ou não viriam; si viessem em massa, eu ficaria prestigiado; si não viessem, ficariam sendo pasto das intrigas dos adversarios e concorrentes.

Assentados, pois, todos em volta da minha vasta mesa de jantar, apresentar-lhes-ia eu um cardapio bem mineiro e executado sob minha immediata e escrupulosa fiscalisação. Para começar, sôpa de legumes (daquelles adoraveis legumes que ha na chacara do senador Salles) bem esco-

lhidos por mim em pessoa — a alface tenra, a cenoura nova, a couve-flor macia, o repolho bem novinho, com tempero de salça e cebolinha de todo o anno, isso bem cosido em caldo de gallinha gorda, mas tirada a enxundia, para não fazer mal aos convivas de estomago delicado, si é que os ha entre politicos...

Depois desta sôpa, eu mandaria servir uma trahyra, pescada pela manhan no Rio das Velhas, ahi por perto de Santa Luzia, e vinda em trem especial, si preciso fosse; guisada em molho de tomates com pimenta malagueta discretamente dosada, fumegante e aromal; para acompanhar a trahyra, arroz branco, bem quente e bem cosido com miollo de repolho bem tenro. A trahyra, sendo bem feita, tem a faculdade de fazer os convivas lamber os beiços tão voluptuosamente como si fossem cães de gente rica...

Depois do peixe, franco ensopado com batatas muito novas e guisado por cosinheira sabia. Depois, viria lombo de Minas, mas o lombo clasico, como só se conhece lá nas montanhas, depois de subida a serra da Mantiqueira.

Um antigo tratado de culinaria, LA CUISINIÈRE BOURGEOISE, citado pelo velho Dumas nos seus PROPOS D'ART ET DE CUISINE, traz a seguinte e deliciosa calinada: *Pour faire un civet de lièvre, prenez un lièvre.* Eu, porém,

vos digo, ó leitores: *para fazer um leitão assado, matae uma leitôa; e para fazer um lombo de porco tostado, matae um porco.* Assim, pois, abatido pela manhan o porco, um grande porco de toucinho de palmo, retira-se-lhe o lombo, puro, sem nenhuma gordura. Deita-se esse lombo em agua limpa, que se renovarâ a quando e quando, até que não haja nelle vestigio de sangue. Faz-se uma salmoura de vinagre, cebola, sal, folhas de louro, pimenta e alho, tudo bem moido e misturado num almofariz. Despeja-se essa salmoura numa vasilha conveniente, na qual, em seguida, se colloca o lombo; toma-se um furador com a mão esquerda; com a direita, empunha-se heróicamente uma colher; e, á proporção que a esquerda vae furando o lombo a esmo, a direita, com a colher, vae-lhe derramando molho por cima, tendo-se o cuidado de repetir essa operação em cada uma das faces d'elle. Quando o operador, segundo o seu senso artistico, julgar que não é necessario furar mais o lombo, deixe-o em deposito na salmoura até o momento de leval-o 'ao fogo. Chegando esse momento, deve elle ser collocado numa frigideira secca e assado a fogo lento; á medida que se fôr suavemente tostado, não se esqueça o cosinheiro de o ir lubrificando com uma penna

de gallinha ou de Perú embebida na salmoura em que elle esteve depositado. Quando esse lombo vem para a mesa, traz, por dentro, uma alvura virginal; por fóra, a sua côr é como si elle estivesse sendo dourado pelos ultimos raios do sol poente; o seu perfume é grato aos heroes e aos deuses; e antes de comel-o, deve o conviva ferejar o ambiente em torno, recolher-se alguns momentos dentro de si mesmo, agradecer a seu deus, seja qual fôr, o dom da vida do porco e meditar sobre a alegria de viver... Para acompanhar esse lombo, salada de alface e de chicorea, colhidas em um canteiro especial, regado toda manhan por mim em pessoa.

Sobremesa: doce do mais puro leite de Minas; compota de laranjas curtidas em agua corrente, sob o luar montanhez; figos frescos, crystallizados por alguma senhora edosa, digna continuadora das gloriosas tradições de glutoneria dos capitães-generaes das Minas.

Quanto a vinhos, esmorece um pouco o meu patriotismo; mas, — por Baccho! — uma garrafa de Chianti, de Collares ou de Bourgo-gne sempre se encontra em qualquer parte. Para concluir, uma chicara de café, preparado segundo todas as regras e exigencias da arte.

Terminado este jantar, eu quizera ver si haveria algum adversario que não estivesse conver-

tido ás minhas idéas e á minha cosinha, aos meus discursos e ás minhas panellas, aos meus condimentos e aos meus paradoxos. Tenho quasi certeza de que só não seriam meus amigos os que, no dia seguinte, tivessem morrido de embaraço gastrico...

OS COMICOS AMORES DE JOÃO COSTA

A semana passada estalou ahi pelas alfurjas da Saude um drama d'amor de typo sarraçal mas nem por isso desinteressante para quem das coisas olha mais as correspondencias internas do que as proprias coisas em si. Noticias de sujeitos que matam mulheres suas, de outrem ou de toda a gente, isso diariamente vem pelas folhas. E não teriam maiores consequencias, si infelizmente não dessem occasião á reportagem para bordar litteratura assassinando a grammatica.

João Costa, pobre preto, pertencente a essa raça até hoje maldita neste paiz de brancos filhos de mães oxydadas, tomou-se de amores por uma rapariga alva, loira como um anjo da escola flamenga, e de raça slava como filha que

é de um certo Radetsky, polaco que se diz conde cá por estes sitios onde ninguém cogita de verificar pergaminhos.

Este neto de Sobiesky não tem propriamente um castello na Saude. Tem coisa mais modesta: uma fabrica de balas de assucar, officio pouco heroico para o fidalgo, mas, pelos modos, muito propicio á bolsa do fabricante. João Costa era o vendedor das balas do conde, e nas horas vagas olhava para a filha do patrão. Olhava e era feliz. A môça correspondia a esse affecto de carapinha e nariz esparramado? É de crêr que não. Tambem não tratava mal ao preto. Era affavel para com elle.

João Costa via em cada sorriso da menina uma promessa definitiva de felicidade *Quod volumus facile credimus...* A môça via na paixão do preto uma bôa affeição animal a que, si não era decente, perante as leis da epiderme, responder, tambem não valia a pena repellir. João Costa era para a loira baleira um animal de estimação que se domesticara por si e ali estava quedo e manso... O seu amor crescia, crescia com essa impetuosidade que nos climas quentes faz de cada paixão uma tragedia e de cada namorado um criminoso, ou em acção, ou em projecto. Na sua rudeza de primitivo, elle não seria capaz de nos dizer o que sentia de elevado e

de docemente fluido, quando a sua Dulcinéa lhe sorria; como também não nos poderia explicar que negrume espesso de trevosa noite lhe passava da flôr da pelle para o profundo da alma quando ella sorria a outro... O amor, nas organizações rudes, é perfeito, porque é instincto puro. Amor que se analysa deixa de ser amor para ser apenas um symptoma de que, em dado momento poderá existir, mas que não existe ainda.

João Costa tinha o amor sublime. Era incapaz de raciocinar acerca da sua paixão. Provavelmente, quando estava junto della, como um tigre junto da sua domadora, todo o seu candente affecto se resumia em contemplal-a, com aquelle silencioso embevecimento que teria um metaphysico no dia em que lhe fosse dado contemplar a *verdade* face a face.

Era, porém, um vulcão prompto a arrebentar á menor oscillação tellurica, um vulcão desse amor romantico que não existe mais senão entre os simples:

Di quell'amor ch'è palpito
Dell'universo intero,
Misterioso, altero,
Croce e delizia al cor,

como lá se garganteia na *Traviata*...

Mas era só isso: amor e mais nada. Ora cada vez mais o amor puro perde a sua cotação. É um valor abstracto. Hoje quer-se o valor positivo, o valor em especies capazes de aguentar as oscillações da Bolsa. O preto João, além de não ter esses valores concretos e sonantes, tinha o vicio de origem: a pelle negra d'azeviche. Então fôra lá possível que a epiderme nivea de uma slava baleira e fidalga algum dia se unisse á de um fuliginoso neto de congolezes?

De certo João Costa fallava da sua paixão por toda a parte. Pelas tavernas, botequins, bodegas e bibocas da Suburra, entre estivadores e moscas, João fallava da sua eleita. Pobre Romeu ingenuo e bronco! A pontinha de vaidade plebéa e candida com que elle, descendente de escravos lybicos, acariciava o sonho intangivel de ter nos braços herculeos a carne macia de uma branca! A adustão do deserto africano aspirando a fundirse com a frigidez da estepe slava...

Visinhos maldosos contaram ao fidalgo das balas as pretensões do seu baleiro. A moça começou a não apparecer ao preto João. Quanto elle soffria! O seu vulcão interior começou a referver. Si houvera na Saude um Plinio para estudar aquelle Vesuvio, podéra ter avistado no pico da montanha, ardente de amor, do preto João pennachos delgados e intermittentes de

fumo, prenunciadores da erupção imminente. Mas ninguem via nada. Ninguem observava coisa alguma. Está escripto que uma pelle alva não se póde unir a uma pelle negra, si esta não se apresentar doirada por algumas libras. Ha de ser assim e *pereat mundus...*

Um bello dia o conde das balas chamou o preto e lhe disse:

— Aqui está o teu saldo. Não preciso mais dos teus serviços.

Despedido! Não fallar mais ao seu amor! Não ver mais o seu amor! Não ouvir mais a voz do seu amor! Era lugubre. Não haveria mais raios nos céos?...

Quando o preto voltou a si do espanto, repontou-lhe no subconsciente a mesma dolorida interrogação de Othelo: *Come la uccideró?*

Então pedio ao patrão que lhe permittisse despedir-se da filha. Foi-lhe concedido. João subio a escada e foi ter com a môça no corredor. Quando esta appareceu, tranquillã e indifferente, o vulcão explodio: João saccou do revolver, presenteou a deidade com uma bala, que não era propriamente de assucar, e, voltando contra si proprio o cano da arma, detonou-a duas ou tres vezes.

A môça quasi nada soffreu. O projectil passou-lhe pela cabeça de raspão. João, quasi morto,

foi para a Santa Casa. Typo cômpleto de Othello *raté*, não chegou a realizar o seu sonho de amor nem pode estancar a sua sêde de vingança...

Ouve, preto João. Não sei si morreste ou si conseguiste escapar. Pouco importa. Nunca mais olhes para as brancas. Deram-te liberdade as leis. Pódes ser bacharel e deputado. Presidente da Republica e embaixador duvido que o consigas ser. Sabes porque? Para não escandalisar o estrangeiro. Bem sei que isso é uma incongruencia, amigo João, uma grande falta de logica: o Brasil te deu liberdade, porque era uma vergonha ter negros escravizados perante o estrangeiro; o Brasil não consentirá que sejas Chefe do Estado, porque é uma vergonha ser governado por um preto deante do estrangeiro. Que queres, João? Aindá ha muito respeito humano nesta terra...

Contenta-te, pois, com a liberdade, com a carta de bacharel e com o diploma de deputado, si conseguires ser bastante cynico para participar das trampolinices dos brancos. Mas nada de amores com as brancas. Salvo si fizeres fortuna. Então o caso muda de feição. Todavia, como fazer fortuna não é das coisas mais fa-
ceis, principalmente nestes tempos, aconselho-te o seguinte: carrega na metaphysica.

É isso mesmo, João: ou dinheiro ou meta-

physica. Dinheiro para conquistal-as; metaphysica para desprezal-as, como a raposa desprezava as uvas... Lê os philosophos. Medita as grandes theorias. Verás como ficarás orgulhoso. *Scientia inflat*. E si ficares orgulhoso, apanharás o habito de não ser jamais o primeiro a levantar os olhos para uma mulher. Os philosophos te ensinarão muitas coisas a respeito do amor. Ficarás sceptico. E olha que para curar um homem do mal de amor não ha nada como o scepticismo philosophico engastado no orgulho da sua pessôa... Si a tua actividade não te der fortuna, e si o teu coco não conseguir encharcar-se em metaphysica, então adeus. Era um dia o preto João. Continúa a matar por amor e a ir para o hospital ferido. Depois de curado, irás para a Detenção. Póde ser sublime, mas é muito incommodo...

A THEOPHOBIA GAÚCHA

ANDAM já como baratas assanhadas os parlamentares mais ou menos adeptos das idéas de Augusto Comte. O episcopado nacional, reflectindo a opinião da maioria dos brasileiros, pediu ao Poder Legislativo determinasse claramente um dia no anno para o povo render graças a Deus pelos beneficios feitos ao Brasil. Parece-nos inutil encarecer a importancia desse pedido.

Com raras excepções, a população do Brasil é theista, dividindo-se em varios ramos religiosos, como o catholico, o protestante, o thaludico, o orthodoxo grego, o maronita, etc. Atheus propriamente ditos parece que só existem uns tantos cidadãos, que aos domingos se reu-nem no Templo da Humanidade, ali na rua Benjamin Constant. Sob a egide da Virgem-Mãe

Clothilde, que por signal, nunca foi mãe nem era virgem, rezam esses homens a Santo Augusto Comte e ouvem pacientemente prelecções massudas a respeito do altruismo, do sexo affectivo, da incorporação do proletariado á sociedade moderna, etc., etc. Umas duas ou tres dezenas de sujeitos d'ambos os sexos ouvem dizer, sem protestar, que o incomparavel mestre Comte foi gradualmente expurgado de todo azedume por Clothilde e espontaneamente confirmado na sua regeneração mediante o exemplo continuo da sua immortal irman Sophia Bliaux (*11ª Santa Clothilde*). Quem diz, ou, melhor, quem mastiga actualmente todas estas coisas tremendas, salpicadas de Carlos Magno, pendores benevolos, anarchia mental do Occidente e maximas de Clothilde, inferiores ás do Marquez de Maricá, é um homem alto, magro e verde, vegetalisado: o general Dr. Bagueira Leal. É esse o grupinho dos atheus — sel-o-hão mesmo? — que impozeram aos brasileiros, na sua bandeira, um lemma positivista, que algum dia ainda havemos de arrancar de lá, por bem ou por mal. Fóra desses taes, não ha atheus espontaneos e systematicos no Brasil, a não ser na bancada rio-grandense, cujos membros se proclamam positivistas, por medo do sr. Borges de Medeiros, e se proclamarão, com a mais certa das certezas, catholicos, no dia

em que o presidente do Rio Grande do Sul se declarar catholico. Eu ainda hei de ter a mystica consolação de ver o sr. Joaquim Osorio á mesa da communhão, o sr. Vespucio batendo no peito, de joelhos, aos pés de um frade, confessando-se dos seus formidaveis e cabelludos peccados, assim como o sr. Evaristo do Amaral, com o seu rosario, rezando constrictamente, por alma dos degollados na revolução federalista, deante do altar do Senhor da Bôa Morte...

Optimamente fundamentou o senador Pedrosa o seu projecto, considerando que «na elaboração das leis se deve ter muito em conta o respeito aos costumes e, por isso, não se póde legislar sem attender aos habitos, sentimentos e tradições da maioria do povo». Tivessem os constituintes mais amor aos habitos, sentimentos e tradições da maioria do povo do Brasil, e não estaríamos a braços com essa Constituição, que parece ter sido feita de proposito para impedir que se pratique o bem no nosso paiz. Felizmente, já se nota uma salutar reacção contra eses abominavel mostrengo. O proprio sr. Pedrosa, justificando o seu projecto, declarou sem ambages que, «ainda que elle fosse inconstitucional (o que não é), não nos devemos esquecer de que nas democracias deve prevalecer o principio da vontade das maiorias». Ora a maioria ca-

tholica, christan e theista no Brasil não póde absolutamente continuar a ser dominada por uma infima minoria de positivoides, amalucados, uns, e cavadores, os restantes, que fizeram da philosophia de Augusto Comte a gazúa com que têm forçado as portas das mais altas posições, e transformaram as fraldas de Clothilde em bandeira de combate ás tradições mais fortemente arraigadas no espirito do povo brasileiro. Essa minoria de lunaticos alliados a espertalhões já se manifestou por meio da estridencia vocal do senador Monteiro. Este embaixador do sr. Borges de Medeiros, com effeito, rompeu fogo contra o projecto Pedrosa pelas seguintes razões: 1º) — por ser inconstitucional, o que não é verdade; 2º) — por ser elle, Monteiro, livre-pensador; 3º) — porque, si se conceder um feriado aos catholicos, devem-se conceder tambem feriados aos membros de outros credos religiosos existentes no Brasil.

Quanto ao primeiro motivo, não ha necessidade de responder, por estar cabalmente provado que a Constituição não se oppõe ao projecto.

Quanto ao segundo, ao livre-pensamento do sr. Monteiro, é de todo indifferente o paiz. Além do mais, toda a gente sabe que essa historia de livre-pensamento no sr. Monteiro é uma grande pilheria, pois S. Ex. é incapaz de pensar direi-

to, si o sr. Borges de Medeiros exigir que elle pense torto. Livres-pensadores, os representantes do Rio Grande do Sul! Ai delles no dia em que pensarem de modo differente do por que pensa a Titi Patrocinio de Porto Alegre! Essa bancada de livres-pensadores é a bancada mais escravizada do Congresso Federal. Si ha doença que não soffrem os politicantes gaúchos, é essa do livre-pensamento, pois elles só pensam e dizem o que o sr. Borges exige que elles pensem e digam. Portanto, bom será que o senador Monteiro se abstenha de pilheriar com o paiz, declarando-se livre-pensador.

Quanto ao terceiro motivo, manifesta é nelle a má fé do senador gaúcho. Esse feriado, que deve ser no dia de Natal, por ser dia de universal alegria no Occidente e em partes do Oriente, não favorece apenas aos catholicos, não, senhor. Elle favorece a todos os christãos, catholicos ou não — methodistas, evangelicos, presbyterianos, cophtas, maronitas, orthodoxos, etc., etc. Mais ainda, favorece tambem aos não christãos, como, por exemplo, os judeus e mussulmanos, que, apezar de pagãos, são theistas. O que nelle se inculca é o culto a Deus, em geral, ao Deus de todos, o Deus dos catholicos, dos protestantes, dos hebreus e dos mussulmanos. Então pensa o sr. Monteiro que só os catholicos acreditam em

Deus? Que livre-pensador, este, que ignora o que pensa!

Curiosos, estes liberrimos pensadores! Acham muito justo e muito legal obrigar o Brasil, no dia 14 de julho, a festejar a tomada da Bastilha. Acham igualmente muito simples estabelecer um feriado para o Dia da Mulher (projecto Pernetta), o que é de um ridiculo apavorante. Estabelecer, porém, um dia para Deus, não! Basta falar em Deus para esses senhores lançarem logo baba espumante, atacados de theophobia. Fique, porém, tranquillo o sr. Monteiro e póde tambem tranquillisar os seus correligionarios, os escravos-pensadores do Rio Grande do Sul. Ninguem os obrigará a ir á missa no dia de Natal. Irá á missa quem quizer. Irá á Synagoga quem quizer. Os positivistas poderão ir tranquillamente á chafarica da rua Benjamin Constant, ouvir as somnolentas prelecções do sr. Bagueira Leal, apostolo empiricamente surgido do esquife de Miguel Lemos. Quanto ao sr. Monteiro, ninguem o impedirá de, nesse dia, como o faz diariamente, ir ao Jockey-Club, fazer a sua *fézinha* ao *pocker*, e depois dar um pulo até ao Cattete, contar o que viu e ouviu...

O THEATRO NACIONAL

HA mais de um mez estão na berlinda dois theatros: um que possuímos e é o Theatro Municipal; outro que não possuímos e vem a ser o Theatro Nacional. Do primeiro se discute o arrendamento; do segundo se quer a fundação pela quarta vez. O Municipal já nos custou cerca de dez mil contos; o Nacional já nos tem custado algumas centenas de contos, inutilmente gastos e; segundo o projecto Mauricio de Lacerda, deverá ainda custar ao Thesouro cento e tantos contos mais. Falemos, pois, um pouco de tudo isso.

O sr. Mauricio, fazendo-se orgão dos que aspiram a ver o Brasil dotado de um *theatro nacional*, adoptou como ponto de partida a idéa, generalisada, de, que, si não temos ainda *o nosso theatro*, é isso devido á falta de protecção offi-

cial aos escriptores dramaticos, aos actores, ás actrizes, aos scenographos, etc.

Argumentam alguns:

— Então não vêdes a França? Porque será que a França tem o *seu* theatro? Porque existirá o *theatro francez* e não poderá existir o *theatro brasileiro*? Porque o governo francez subvenciona a Opéra, a Comedia Franceza, o Odeon... Logo, si o nosso governo subvencionar uma companhia que represente obras nacionaes no Municipal, teremos fatalmente o *theatro brasileiro*.

Observam outros:

— Si nós não temos o *nosso* theatro, é isso devido não apenas á falta de subvenção official, mas principalmente á falta de um theatro accessivel ao publico. O Municipal, com os seus marmores, etc., etc., etc., causa mêdo ás pessoas timidas, etc., etc., etc., Portanto, a existencia do theatro brasileiro depende da construcção de um theatro accessivel a certo publico, que não seja composto exclusivamente dos novos ricos e dos ladrões da guerra, assim como das almofadonas e capricorneos — mães e paes de melindrosas e almofadinhas, etc., etc., etc.

Não faltam outras considerações a respeito do *nosso* theatro; mas as principaes são estas:

1º — falta de subvenção official;

2º — falta de um theatro mais sympathico ao publico.

Será, entretanto, verdade que a França tenha um *theatro francez*, porque o governo francez subvencione companhias theatraes? É preciso não conhecer certos dados sociologicos e psychologicos para reduzir a complexidade da fundação de um *theatro nacional* á simplicidade de uma simples subvenção e da construcção de uma casa de espectaculos, cujas localidades sejam accessiveis a todas as bolsas.

Na CHAVE DE SALOMÃO, Gilberto Amado, com a sua habitual e luminosa clarividencia, demonstra que, não tendo nós ainda dramas essenciaes á nossa vida como povo, não podemos, *ipso facto*, ter um theatro nosso, uma vez que um theatro como expressão de arte, capaz de transmittir ao publico as altas emoções do povo a que pertence o proprio publico, só póde existir em nações decadentes, isto é, em nações cuja civilisação tenha attingido ao maximo da sua intensidade, do seu esplendor, da sua perfeição.

Assim, pois, si a França tem theatro, é porque existe uma nação franceza, um povo francez, um espirito francez, uma nacionalidade franceza, uma alma franceza, uma consciencia nacional franceza. Porque dizemos nós que existe um theatro francez, um theatro italiano, um theatro

alemão, um theatro russo, um theatro inglez e não dizemos que existe um theatro dinamarquez, differente do theatro sueco e do norueguez? Porque existe uma alma franceza, uma alma italiana, uma ingleza, uma allemã e uma russa, todas differentes entre si, ao passo que a alma dinamarqueza, a noruegueza, a sueca e a finlandeza se dissolvem, se diluem e se confundem nas mesmas nevoas, através de cuja alvura frígida mal conseguimos distinguir a Scandinavia... Ibsen, segundo o consenso dos seus maiores criticos, não é nem sueco, nem norueguez, nem dinamarquez, mas é, pelo seu espirito, um scandinavio... De maneira que, quando um paiz quer possuir um theatro seu, a primeira coisa que deve fazer é existir para o theatro.

E será esse o caso do Brasil?

O Brasil, como a Argentina, como os Estados Unidos, como Nicaragua, é apenas uma projecção, um reflexo da Europa, isto é, da França, da Germania, da Inglaterra, da Italia, da Russia... Não temos ainda tradições, dramas, que, sendo inteiramente nossos, traduzindo a nossa vida, se enquadrem tambem entre as grandes creações humanas. Quando eu digo *dramas*, não me refiro a *dramas escriptos*, mas aos dramas intimos, a manifestações da nossa propria vida moral. Não podemos, pois, ter ainda um theatro

nosso. Podemos gastar cem, quinhentos, mil, dois mil contos em subvenções a companhias, autores, scenographos, musicos, criticos e puxa-vistas; esses senhores montarão peças fabricadas, quer aqui, quer no estrangeiro; mas, em qualquer hypothese, o theatro nacional só existirá quando existir um espirito brasileiro, uma nação brasileira, uma consciencia nacional brasileira, differente da consciencia nacional norte-americana, da consciencia nacional argentina, da consciencia nacional paraguaya. Por emquanto nós só nos differenciamos dos francezes, dos argentinos, dos cubanos e dos guatemalenses pela lingua, um pouco pelo typo dos homens e das mulheres, pelas côres da bandeira e pelas tabellas de exportação e importação... Quanto ao mais, somos o mesmo acampamento cosmopolita, que formam, na America uruguayos e haitianos; e o maximo a que podemos aspirar, em questões de theatro, é o pequeno theatro de costumes, como já existe ahi no *Trianon*, no *S. Pedro*, etc. O theatro de grande e alta escola, por emquanto ainda não é para nós.

Agora pergunto eu: valerá a pena gastar uma centena de contos para termos theatro de costumes, uma vez que, por emquanto, ainda é cedo para termos a alta comedia de caracteres? Claro que não. Theatro de costumes, mais ou

menos burlescos, nós o temos ahí á mão, facil e applaudido, com as peças de Viriato Correia, Claudio de Souza, J. Britto, Bastos Tigre, Abadie Faria Rosa, Gastão Tojeiro, João do Rio, sem falar em outros. As peças destes comediographos necessitaram de subvenções officiaes para serem aceitas e applaudidas pelo publico? Não. Leopoldo Fróes, si não está rico, está ao abrigo da pobreza; mas isso elle obteve apenas com duas alavancas: o seu talento de actor e a sua capacidade commercial. Não teve subvenções; não pleiteou a criação do theatro nacional; não mendigou favores officiaes; e attingiu a certo estado de fortuna que, para um artista, no Brasil, é alguma coisa visinha da opulencia...

Pelo que, sair do estado em que nos achamos, e, para isso, recorrer ao Thesouro, não digo que seja crime, mas é, positivamente, inutilidade. Celestino Silva, Mocchi & Da Rosa, José Loureiro, Paschoal Segreto e Leopoldo Fróes ganharam dinheiro sem subvenções officiaes. Verdade é que os actores morreram pobres. Mas que importa isso? Havendo subvenções officiaes, os actores e autores continuarão a morrer pobres da mesma maneira, e nem ao menos a sua pobreza servirá para cimentar os alicerces do famoso theatro nacional. Lucro só haverá para os empresarios. Não menciono entre os beneficia-

rios da empresa as actrizes, porque estas, ganhando quasi o mesmo que os actores, têm outras fontes de rendas e joias, para as quaes os seus collegas de scena, por motivos facilmente comprehensíveis, nem sempre poderão appellar. .

Do que, tudo, se conclue: que o *theatro nacional*, caso seja realmente fundado pelo governo, além de não concorrer em nada para o adiantamento artistico do paiz, ficará sendo apenas o que não poderá deixar de ser, isto é, uma prostituição de bastidores sujos subvencionada pelo Estado. .

O RIDICULO COMO EXPRESSÃO NACIONAL

O *ridiculo como expressão nacional* é uma locução que já vae entrando para o rol das phrases communs, das phrases de todo o momento, das chapas. Por mais que o estrangeiro nos deboche, nos achincalhe, nos acanalhe, não comprehendemos que a vida das nações tem um rythmo, como tudo neste mundo; e que isso a que os esthetas chamam o *rythmo*, os mundanos chamam *linha*. Quer isto dizer que não ha nação nenhuma que possa viver sem aquella medida, cuja ausencia nos individuos os torna ridiculos.

O Brasil é uma nação sem rythmo, um povo sem linha. Tudo se amplia ante a nossa visão deslumbrada de roceiros que veem á villa. Mas o que mais se amplia é a nossa propria capaci-

dade, o nosso valor perante as outras gentes. Dizem que o brasileiro é modesto. Quem olha serenamente para certos factos deve reconhecer que ou não somos modestos como andamos a assoalhar, ou somos muito modestos com effeito, mas completamente desequilibrados.

Quando estourou a guerra, houve aqui um grupo que fundou a *Liga pelos Alliados*. Outro, composto de germanophilos, fundou a *Liga Pró-Germania*. Ora, eu quizera saber o que pensaria dessas Ligas a Europa si lhe sobrasse tempo para tomar conhecimento de bagatellas. Dado de barato que metade da nação brasileira (computada a população geral do paiz em 22 milhões de habitantes) fosse da *Liga pelos Alliados*, e a outra metade, da *Liga Pró-Germania*, que influencia podiam ter taes ligas no desenrolar dos acontecimentos que ensanguentam o sólo europeu? Nenhuma. Estamos a grande distancia do theatro onde se desenvolvem taes successos; e ainda que estivessemos mais proximos, a nossa influencia na diplomacia européa não seria maior do que a das republicas de Andorra ou da Liberia...

Porque, pois, dar ao estrangeiro aso para se rir de nós á vontade e com razão? Tudo isso é ridiculo. Imaginem que, emquanto do outro lado do Atlantico se desenvolve a maior catastro-

phe que jámais houve no Universo, cá deste lado um grupo de cavalheiros promove um festival em beneficio dos aliados. Os germanophilos, enciumados, tambem promovem um festival em beneficio dos imperios centraes. Si esses festivaes rendessem dinheiros fabulosos, como nos Estados-Unidos, ainda a Europa os tomaria a serio. Nada mais serio do que um paiz que manda dinheiro a outro quando este está em guerra, cujo nervo é precisamente a moeda sonante.

Mas fazer festivaes para obter alguns tostões, que em seguida mandamos aos belgas ou aos francezes com o classico pedido de desculpas pela modestia da offerenda! Quem dá um presente, ou escolhe coisa de valor, ou não dá coisa nenhuma. Em qualquer hypothese, pobre não dá presente. Isso de dizerem que basta provar a bôa vontade de servir para se fazer credor da gratidão de alguém é rematada tolice. *Boa vontade* não significa coisa alguma na pratica. É palavra perfectamente vasia, completamente ôca. Em tempos de guerra, o que se deseja são factos, factos positivos e não cigarros. Dizem que até hoje foi o que se mandou do Brasil para o exercito belga: cem mil cigarros! O portador foi o capitão Montarroyos, que, segundo parece, entregou pessoalmente os pacotes a Sua Majestade Alberto I. O *Figaro*, noticiando que o

sr. Montarroyos partira para a linha de frente a levar os cigarros aos guerreiros belgas, commentou o facto mais ou menos do seguinte modo: «É de esperar que com essa dadiva os nossos exercitos do norte avancem pelo menos uns dez kilometros...» Parece que os exercitos não avancaram. Está-se vendo que toda essa patacoada só tem de effeito dar ao estrangeiro alguns minutos de bom humor. É, não ha duvida, prestar bom serviço dar bom humor em momento de tristeza como este. Mas deveramos ter deixado isso a cargo dos palhaços e excentricos de Paris e Londres...

No começo da guerra houve tambem um grupo de senhoras que, segundo noticiaram as folhas, offereceram seus serviços á Cruz Vermelha da Servia! Até hoje procuro nos jornaes a noticia da partida dessas caridosas creaturas e não a encontro...

O sr. Graça Aranha, espirito aliás tão culto, já cahio no ridiculo de declarar num jornal que ia pedir á Grecia, em nome da *Liga Brasileira pelos Alliados*, que entrasse no conflicto ao lado da França! Isto não é mais do dominio da comedia. O comico tem um limite. Isto já é farça e desbragada. Seria interessante vêr o sr. Graça Aranha, em nome de uma salinha do Club de Engenharia, pedir á Grecia uma coisa por que

se vem batendo, sem o conseguirem, os gabinetes diplomaticos de Roma, Paris, Londres, Petrogrado, etc.

Quanto aos rapazes brasileiros que têm ido para a guerra, noto um facto curioso: não ha maneira de fazer morrer qualquer delles. Parece que, mais felizes do que Achilles, elles são absolutamente invulneraveis. De quando em vez nos apparece por ahi um delles, tranquillo, contente, e nos diz gloriosamente que veio da linha de frente, onde tomou parte em varios combates e não foi ferido em nenhum, graças a Deus. Os jornaes publicam-lhe o retrato com uma entrevista *et voilà tout...*

Parece que foram esses senhores todos que mandaram para cá estes dias um telegramma, pedindo que o Brasil adherisse ao bloqueio da Inglaterra aos imperios centraes. Á força de viver pelos *cabarets* de Montmartre, esses patriocios acabaram por convencer-se de que este mundo todo é um immenso *cabaret*, e os governos, simples variantes de *garçons*.

Pela madrugada, quando o *champagne* sóbe aos miolos, os *noceurs* não se contentam de beijocar a sua companheira, já bebada por sua vez, nem de derramar vinho pela toalha. Dizem pilherias ao *garçon*, chegam ás vezes até a abraçal-o e beijal-o... É que naquelle delirio tudo é igual

perante as leis da pandega. Elle já não tem consciencia das distincções sociaes nem do decôro devido á sua pessoa. Taes, os signatarios do alludido telegramma. Com o cerebro perturbado pela gloria de viver em Paris, onde a vida lhes corre facil, graças ás pensões que lhes dá o governo, elles acham lindo que o Brasil, dando um quináo nos Estados-Unidos, adhiria ao bloqueio inglez! Esses notaveis compatriotas sem duvida ignoram que, além de não possuirmos esquadra para tornar efficaz a nossa adhesão, estamos tambem bloqueados, pelo menos tanto quanto os imperios centraes. Bloqueados por fóra e broqueados por dentro: por fóra, bloqueados por todas as nações européas, de cuja tolerância vivemos, exactamente como vivia até bem pouco a Turquia; por dentro, minados pela broca de revòluçõesinhas de opereta e pela incompetencia dos que nos governam...

O PRINCIPE DE ROCCARNA

EU lia, no silencio da noite, com os ouvidos azoinados pela zoadá do Carnaval. Parecia-me ouvir ainda vagamente como um longinquo rumor de tempestade, os assovios, a gritaria, as trombetas e os bombos do Zé Pereira.

Dahi a pouco, vi de soslaio deslizar uma sombra mansamente, approximar-se da minha mesa, inclinar-se, fincar um dos cotovelos junto ao livro que eu lia, e começar a ler também. Levantei os olhos. Céos! Alto, magro, esgrouvinhado, elegantissimo na sua casaca, elle estava agora a meu lado, erecto e sorridente, fitando-me através do monoculo preso ao pescoço por um fio de cadarço negro. Os cabellos encaracolados, os bigodes de guias longas e a pera comprida e fina davam-lhe ares de um Napoleão III, mais divertido e menos enigma-

tico. Mas os olhos! Despediam chispas. Não eram dois carbunculos, nem eram feitos de onyx, nem eram dois pedaços de noite arrancados ao Tempo, solidificados, polidos e engastados nas orbitas do meu visitante: não eram nada disso e eram tudo isso reunido e sublimado. Eram dois olhos prodigiosos, habituados a fitar incendios vastos e a olhar o sol como uma brasa que se apaga humildemente num cinzeiro a um canto...

Elle continuava a olhar-me e a sorrir, estendendo-me a dextra fina e longa.

— Bôa noite. Não te espantes. Que importa que eu seja o Diabo? Isso não tem importancia. Um cavalheiro como qualquer outro. Vim ver-te. Antes eu do que outro, quero dizer, deves achar muito melhor receber-me a mim do que receber um homem. E sabes porque? Porque eu aqui estou contigo algum tempo, converso, e me retiro, sem te pedir dinheiro emprestado e sem ir falar mal de ti á porta do Garnier. Qualquer homem que aqui viesse, em primeiro lugar te aborreceria porque, como diz Leopardi, a coisa mais difficil do mundo é achar um homem supportavel; e depois talvez te pedisse dinheiro, coisa que não tens...

— Realmente, meu caro doutor... doutor..

— Nada disso. Doutor era Fausto, que por

signal não aprendeu coisa alguma nas universidades. Eu sou apenas príncipe...

— Das Trevas!

— Que Príncipe das Trevas! Preconceitos catholicos. Príncipe das Trevas é o pobre diabo que não tem lume em casa para se alumiar. Lá a minha casa é perfeitamente illuminada, porque sou rico e posso trazel-a bem montada. Sou príncipe de Roccarna. O meu principado fica na Italia. Fui creado príncipe pelo rei Victor Manoel II. Excellente amigo! Prestei-lhe pequenos serviços, por occasião da libertação da Italia, sabes? Para dizer a verdade eu não tinha interesse nenhum em metter-me naquella embrulhada. Tudo mandava que me mantivesse neutro. Mas eu não gostava do Papa, entendes? Pio IX, que, como homem, não era máo, como chefe da Igreja era de uma parcialidade evidente quando se referia a mim, que afinal não sou politico militante, nem grão-mestre da maçonaria, nem coisa alguma neste mundo, onde, dada a minha influencia, eu poderia ser o que me appetecesse. O rei, querendo premiar os meus modestos serviços, fez-me príncipe Roccarna e me deu o grande cordão da Annunziata que, não sei si sabes, me dá regalias de príncipe de sangue. Mas nunca fui a Roccarna. Nem sei bem onde fica. Sei apenas que é na Italia.

— E, perguntei mais calmo, que faz Vossa Alteza aqui no Rio, príncipe?

— Passeio. Venho sempre pelo Carnaval. Agrada-me esta alegria, este ruído barbaço, este barulho de Pandemonium. Durante o Carnaval estou aqui como nos meus dominios. É pena que haja tão pouco espirito por cá. Os teus patricios são lamentavelmente sem graça. Sabem apenas gritar. Quando falam, vem asneira pela certa, asneira insulsa. Durante os folguedos eu só ouvi ou berros ou pornographia. Francamente, já estou um tanto velho para me comprazer em phrases descabelladas...

— Sim, de certo, tem razão Vossa Alteza. Tanto assim, que o chefe de policia baixou uma circular, recommendando aos delegados não consentissem cantatas obscenas...

— Tolice da policia. A obscenidade tem muitos grãos e infinitas matizes. Eu vi representar em Athenas a *Lysistrata* de Aristophanes. Si já lêste as obras deste meu grande amigo, sabes que ellas são dotadas de tal crueza de expressão que as traducções trazem certos trechos em latim, por ser lingua menos accesivel á curiosidade de menores que, sem taes resguardos, não quizeram mais ler senão Aristophanes. Entretanto *Lysistrata*, como as demais comedias do mesmo autor, era representada em Athenas para todo o

povo. Hoje ninguem seria capaz de tentar representar Aristophanes na integra. Todavia pelo inverno, vejo as tuas patricias, ainda virgens, supponho, irem ao Municipal ouvir dialogos de Sergine e outras frioleiras francezas feitas expressamente para gaudio da patifaria em transito por Paris. As familias vão aqui aos theatros ouvir *revistas* que, além de serem intoleraveis pela falta de espirito, são pachuchadas da mais dissolvente pornéa. Não, meu amigo. A circular da policia é innocua. O que se deve fazer não é prohibir a obscenidade: é tornar obrigatoria a graça. Mas isto não se consegue por meio de circulares...

Pouco a pouco a palestra de Satan me interessava e me fazia ir perdendo os terrores primitivos com que eu o recebera. Offereci-lhe um charuto. Recusou-m'o com um gesto da mais fina amabilidade.

— Não fumo, disse-me elle. Não fumo nem leio jornaes. Sinto engulhos. Na America não ha um só jornal interessante. Não ha espirito neste continente. Parece que o espirito não emigra da Europa, principalmente da França. Ha no mundo um só jornal que leio ás vezes com prazer, porque me faz sorrir.

— Algum jornal de humor inglez, com certeza...

— Não. É *La Vie Parisienne*. Eis, meu amigo, uma revista proibida que não envergonha os homens. Por vezes, lendo-a, me lembro dos bons tempos antigos.

— Da Renascença?

— Não. De Corintho. Certos aspectos de Paris recordam a cidade grega. Mas Paris tem um defeito para os individuos da minha aristocracia. O seu cosmopolitismo. Qualquer imbecil que tenha dinheiro vae a Paris. Ora hoje em dia quasi toda a gente tem dinheiro. De sorte que, em certas épocas do anno, Paris se torna um vasto emporio de cretinos internacionaes endinheirados. Coryntho era differente. As communições eram difficeis. A entrada do porto era perigosa. Poucos eram os ricos no mundo grego-romano; e desses poucos ricos, nem todos se atreviam a arrostar os perigos da viagem e o preço das hetairas... Por isso é que um poeta meu amigo, Quintus Horatius Flaccus, teve toda razão quando disse que nem a todos era dado ir a Coryntho: *Non cuivis homini contingit adire Còrinthum*.

Mas tambem os que conseguiam abicar á terra gozavam de maravilhas que não te posso contar por miudo... Basta dizer-te que todas as bellas hellenas que se votavam a Venus tinham em Coryntho os templos mais sumptuosos para

o seu culto delicioso e magnifico. Por aqui não ha idéa do que seja uma mulher bella. Vi todas as bellas da tua patria. Conheço muitas dellas intimamente... Si tivessem visto, ao menos de longe, Lais de Coryntho, todas se abriram os seios a punhal, humilhadas e reconhecendo-se indignas de viver sob o mesmo sol que illuminasse o rosto de Lais. Era um bocado digno de deuses, porque ella propria era uma deusa. Seu corpo era a synthese de um seculo de helle-nismo. Um suspiro seu resumia toda a volupia mediterranea...

Satan dizia estas coisas com a simplicidade de quem conta uma aventura sem grandes lances. Principe admiravel e sem pedantismo! É hoje um typo perfeitamente equilibrado. Os seculos e a convivencia com os scepticos fizeram-no perder aquelle aggressivo charlatanismo que na mocidade o levou até a revoltar-se contra Jehovah.

— Naquele tempo, continuou o principe de Roccarna, valia a pena ver uma multidão em que houvesse mulheres. Só as bellas appareciam. Em Coryntho, por exemplo, ellas vinham banhar-se nas ondas jônicas, vestidas apenas da sua belleza. Na tua terra é maior o numero das feias do que o das simplesmente apresentaveis. A tua raça é deploravel, não te offendas com isto, mas a tua raça é deploravel...

— Pois apesar disso, Alteza, não imagina como os rapazes se casam cedo aqui...

— Não me admira. Noto nos teus patricios certa inclinação para a mandria. Nestas condições explica-se a facilidade do casamento, como permissão ao homem para repousar na fortuna ou no trabalho da mulher! Demais a excitante promiscuidade, em que ambos os sexos vejo ahi por essas ruas, põe deante das raparigas as pontas deste dilemma: ou o prostibulo ou a pretoria. Geralmente as raparigas preferem a pretoria, que offerece mais garantias...

— É isso mesmo. Durante os tres dias de Carnaval é preciso que a policia ande com cinco sentidos para que não se multipliquem os casos em que raparigas ainda menores se extraviam...

— A policia foi sempre uma empata-fofia, interrompeu o principe.

— E sabe Vossa Alteza de uma coisa? Do Carnaval saem innumerados casamentos tratados...

— Eis ahi o que me causa assombro: que um rapaz venha escolher noiva durante o Carnaval! Devia ser justamente o contrario: o rapaz de bom senso devia aproveitar estes tres dias para organizar na Avenida uma lista de *Raparigas com quem não me casarei*. É claro que um rapaz sósinho não póde organizar uma grande

lista. Tirará apenas uma gôta d'agua do oceano. Mas si cada um dos seus amigos organizar a sua lista, depois todas serão conferidas e o nome que faltar em uma será supprido pela outra. Este processo seria para os rapazes uma excellente maneira de se livrarem de muita es-piga...

O principe de Roccarna calou-se. Tirou o monoculo e começou a limpá-lo vagarosamente no lenço de linho branco. Entalou novamente o vidro no olho e me perguntou:

— Que horas são?

— Uma da manhã.

— Bem. Tenho ainda muito tempo. Mas são horas de partir.

— Vae ao Palace-Club, principe?

— Não. Vou a Constantinopla. Prometti ao Sultão estar com elle hoje, quinta-feira, ás nove da manhã. É cacete, ter de ir agora á Turquia. Mas não posso deixar de ir attender ao Grão-Turco. Sou um velho amigo dos Osmans. Adeus!

Levantei-me para abrir a porta a Sua Alteza. Elle me ordenou com o gesto que parasse.

— Não é preciso, disse. Saio por aqui mesmo...

E desapareceu não sei por onde! Eriçaram-se-me os cabellos e um calafrio percorreu-me o corpo. Terror do sobrenatural. Procurei domi-

nar-me, dizendo a mim proprio que aquillo tudo não passava de allucinação. Consegui lembrar-me vagamente de Maudsley e tentei recordar-me dos versos de Lucrecio ou dos theoremas de Spinoza... Mas o que me veio do coração aos labios, com a fôrça de uma paixão violenta, foi o versiculo biblico: «Livra-nos, Senhor, da setta que vôa durante o dia e da coisa que perambula nas trevas da noite — *a sagitta volante in die, a negotio perambulante in tenebris...*

POR CAUSA DE UMA GATA...

UM official da esquadra norte-americana, tendo passado mezes a bordo do seu navio, embebendo-se na monotonia das aguas salgadas, teve a felicidade de afinal entrar um dia no Rio; desceu á terra e fez o que faz toda a gente, descenda ou não da raça anglo-saxonia: assentou-se á mesa de um bar e enguliu umas bebidinhas leves — *whisky, cock-tails cognac*, etc.

Pergunto: poderá haver coisa mais natural do que um marinheiro de raça branca, de raça anglo-saxonia, de raça superior, gostar de cerveja e de *whisky*?

Tendo, pois, engulido esses liquidos e sentindo-lhes os effeitos, tratou o official de ir para bordo; dirigiu-se para o cães Pharoux, naturalmente com a intenção de tomar o escaler

que o levasse a seu navio; mas... corria branda a noite, o cáes era sereno; a praça Quinze, silenciosa; a viração, subtil; não sei si a lua em pleno azul erguia o rosto ameno, mas o certo é que havia no céo inteira paz, e, si não havia na terra um pleno abril, era só por estarmos em pleno dezembro, com verão de rachar. Sentindo-se cansado, assentou-se o official num banco da praça e dormiu, provavelmente sem intenção de commetter crimes durante o somno.

Pergunto novamente: é ou não é natural que um marinheiro anglo-saxonio engula os seus liquidos?

É, sim, senhores!

É ou não é natural que um marinheiro anglo-saxonio, depois de engulir os seus liquidos, fique bebado?

É, sim, senhores!

Depois de bebado, é natural que elle fique escornado?

Sim.

E, depois de escornado num banco, é contrario ás leis da natureza que esse homem durma?

Não; pelo contrario, a coisa mais natural que possa fazer um bebado é exactamente dormir para cosinhar a carraspana. A Natureza já dispoz sabiamente que o sujeito, quando «amarra a

gata», durma, para não commetter desatinos e não dar desgostos á familia.

Ora, succedeu que, no dia seguinte, dormia ainda a somno solto o official, quando um reporter, tendo-o bispado ali, naquella situação de Noé, o patriarcha dos beberrões, chamou um photographo e mandou que funcionasse a «*kodak*»; á tarde o jornal estampou a photographia do official sob as influencias dionysiacas da camoeca. Resultado da indiscrição do jornal: foi preso o official, submettido a conselho de guerra e, segundo consta, vae perder os galões e soffrer um anno de prisão!

Alguns jornaes, achando que é pena demasiado forte para crime tão pequeno, começam a atirar a culpa de tudo para cima de um guarda-civil, que, tendo visto o official na mona, não cuidou de despertal-o, de avisal-o carinhosamente, talvez até de carregal-o maternalmente nos seus hombros, e leval-o para o berço. Tudo isso é injusto. Nem o official merece castigo tão forte, nem o guarda-civil merece censura. A meu ver, esse guarda só não despertou o official por motivo da grande consideração que lhe merece a marinha de guerra norte-americana; si se tratasse de um brasileiro que estivesse a dormir num banco da praça Quinze, esse guarda teria dito ao pa-

tricio, dando-lhe com o *São Benedito* na cabeça:

— Ó cidadão, é proibido dormir em publico.

— Proibido por quem?

— São ordens do Chefe. Vamos lá! Desinfecte o becco, que eu não admitto discussões...

E o cidadão teria de levantar-se, caso não preferisse ir dar com as costellas no xadrez. Tratando-se, porém, de um official norte-americano, o guarda, como bom brasileiro, acovardou-se. Si nós vemos o Congresso, a Imprensa e tudo entre nós de gatinhas deante de qualquer marinheiro norte-americano, ou inglez, por mais boçal que seja, devemos e podemos censurar um pobre guarda só porque respeitou mais do que devia um official de pifão? Demais a mais, existem ahi na cidade patrulhas de marinheiros norte-americanos, encarregadas de dirimir todas as questões, ou, como se diz na giria, encarregadas de desmanchar as differenças que surgirem entre seus patricios; essas patrulhas, sim, é que deviam e devem ser responsabilizadas pelo que succedeu ao official, si é que em bôa consciencia póde alguém ser responsabilizado pelas chuvas do proximo...

Quanto ao pileque do tenente, considerando a sua raça e a sua profissão, não podemos

fazer delle tão grande crime. Sabe-se com effeito que os habitantes de paizes septentrionaes têm o habito de beber a tripa forra. Bebem todos, desde os reis até os criados. Nos mesmos Estados Unidos, tomar camoecas não é novidade para ninguém. Os deputados norte-americanos bebem até durante as sessões da Camara; não digo que vivam todos aos bordos, mas bebem. E todos os grandes homens de terras do Septentrião bebem. Luthero emborcava jarros sobre jarros de cerveja e por isso fez a Reforma. Si Luthero não bebesse não teria coragem para insurgir-se contra o Papa. Na noite em que elle defendeu os seus famosos principios da *Confissão de Augsburgo*, falou muitas horas a seguir; a sua garganta já estava secca; o reformador mal podia falar, quando o Duque de Brunswick, attentando no seu cansaço, disse a alguém:

— Este homem deve ter sêde.

E saindo, trouxe-lhe logo dali de uma taverna ao pé uma bôa malga cheia da melhor cerveja de Einbeck, que Luthero enguliu de um folego — grande homem! — e proseguiu no seu discurso. Li isto em H. Heine. Pitt, quando ia falar contra Bonaparte, costumava entrar na Camara dos Communs tão bebado, que ia escorado por dois amigos; e as suas bebedeiras não o impediram de concorrer para dar com o Corso

em Santa Helena. Nos Estados Unidos houve um sujeito que, para mim, vale mais do que o sr. Wilson: foi um bebado chamado Edgard Poe. Então lá na America do Norte ninguem bebe? Pois si é de lá que nos vem quasi todo o *whisky* que por aqui se bebe! E o *whisky* terá impedido que os Estados Unidos sejam uma das maiores nações do mundo? Não creio. Pelo contrario, acredito que o *whisky* tenha grandemente concorrido para a prosperidade da formidavel nação. Diga com sinceridade o almirante Caperton si algum dia, na sua já remota mocidade, não terá tomado a sua gottinha a mais... É por isso que não vejo motivo para que se condemne com tamanha severidade um tenente que, não tendo habito de beber em paizes tropicaes, dormiu santamente num banco de praça publica. Muitas vezes um homem bebe pouco, mas fica bebado, devido não só a beber pouco, como tambem a qualquer indisposição de estomago. Naturalissimo, naturalissimo, tudo quanto ha de mais natural, principalmente tratando-se de um cavalheiro que, além de ser patricio de Ed. Poe, tem, como marinheiro, o dever profissional de não temer liquidos...

LITERATURA ESTRANGEIRA

OS jornaes francezes ultimamente chegados trazem artigos varios, assignados por typos varios, a respeito de Edmond Rostand.

Lendo alguns desses trabalhos, eu me lembrava de certo capitulo de Tobias Barreto (dos ESTUDOS ALLEMÃES, salvo engano), em que o grande agitador de idéas, tratando de Guyot, dizia, com alguma injustiça, que, depois da guerra de 1870, os francezes tinham perdido a capacidade de crear coisas grandes, e lhe parecia que os allemães, submettendo a França a tremenda indemnisação de guerra, não tinham levado consigo apenas os bilhões mas tambem o pouco que restava da intelligencia franceza...

Empanturrado de idéas e autores allemães a mais não poder, Tobias Barreto tinha obliterada a visão critica, ao menos nesse ponto. Tro-

pical e naturalmente exuberante, elle ampliava a extensão da derrota de 1870 e exaggerava o alcance moral e intellectual das victorias do conde de Moltke. Os factos vieram demonstrar que a Allemanha, querendo esmagar a França com a exigencia dos cinco bilhões de francos que extorquiu á economia franceza, tinha errado no calculo. As previsões de Bismarck e dos seus auxiliares financeiros falharam deante da reserva de força moral que as derrotas não conseguiram extinguir na alma franceza; e a capacidade de resurreição que existe entre os que habitam a região que vae de Luneville a Bayonna dez annos depois causava inquietações lá do outro lado do Rheno. A industria franceza tornava a levantar-se; as finanças estabilisavam-se; o trabalho accentuava-se; é, quanto á face intellectual do seu problema nacional, essa realisava-a a França em todas as suas modalidés e em toda a sua plenitude.

Lembraram-mé as phrases de Tobias Barretto alguns artigos do *Temps* a respeito da morte do autor do CYRANO DE BERGERAC. Si o autor dos ESTUDOS ALLEMÃES vivesse hoje e lesse o que se publicou em França depois da morte de Rostand, talvez, mesmo depois da victoria das armas francezas, ainda mantivesse o que publicou pouco depois da victoria alleman de 1870.

É claro que alguns artigos de jornal não podem servir de bitola para avaliar a mentalidade do paiz em que esses artigos se publicam, principalmente quando esse paiz é a França. Não nos esqueçamos de que lá existe ainda um homem chamado Anatole France...

Nós brasileiros, temos o costume de deprimir tudo quanto é nosso e de achar bom, elevado, genial só o que nos vem do estrangeiro. Dom Pedro II, si não mente o sr. conde Affonso Celso no seu — O IMPERADOR NO EXILIO — interpretava tal sentimento como exaggero, entre nós, de um sentimento muito nobre: a modestia. Póde ser que Sua Majestade tivesse razão. Em todo o caso e seja como for, por modestia ou não, por inferioridade ou não, temos esse mau vezo, nascido principalmente da ignorancia em que vivemos relativamente ao que se passa no estrangeiro. Si não fossemos um povo que vive numa verdadeira China tropical; si as idéas correntes no exterior pudessem chegar até nós; si nos informassemos um pouco mais do que se pensa, do que se pratica e do que se escreve lá para além dos mares, em paizes de lingua differente da nossa, talvez nos tornassemos um pouco mais benignos, digamos, mais justos, para comnosco mesmos. Quantas vezes atacamos certos escriptores que empregam expressões chilras, sem nos

lembrarmos de que nos paizes de mais alta civilisação e de mais alto pensamento, ha tambem escriptores, desses a que chamamos *conceituados*, os quaes escrevem coisas tão chatas como as que gottejam das pennas peores que possuímos!

Eu não quero, com este optimismo dar a entender que o facto de outros escriptores, de paizes superiores ao nosso, escreverem mal seja justificação do nosso habito de escrever mal. Desejo apenas fazer comprehender que nós não estamos intellectualmente, em relação a outros paizes, na posição de exclusiva inferioridade em que nos collocamos. De certo estamos, mentalmente, muito longe da França, da Italia, da Inglaterra e da Allemanha; mas, quanto a mal escrever, cá e lá mais fadas ha...

O sr. Abel Hermant, por exemplo, escriptor com quem a minha intelligencia sempre teve a mais sincera e espontanea antipathia, dedica um paragrapho da sua *Vie de Paris*, no *Temps*, ao autor da PRINCESSE LOINTAINE; e esse paragrapho começa assim: «*On a écrit de belles choses sur celui qui vient de partir. Les poètes, et même les modestes prosateurs, en écriront de plus belles quand ils auront le loisir de la réflexion. Le rossignol a bien mêlé sa louange á la «chanson éternelle», et les crapauds se sont tus, un instant. On parlera de sa gloire... Est-ce de sa gloire*

qu'il faut parler? Ceux-là le jugeront mieux selon son désir secret, qui se contenteront de dire, avec le tremblement dans la voix des enfants qui vont pleurer:

— J'ai du chagrin».

No correr desse parographo, que occupa quasi por completo uma das largas e conservadoras columnas do *Temps*, o sr. Abel Hermant, continuando a mastigar os mesmissimos logares communs, ainda encontrou meios de intercalar trechos de uma carta em que Rostand dedica alguns elogios convencionaes a um de seus romances. E depois de tudo isso, conclue o sr. Hermant: *«Il a vu la victoire. Hélas! il ne la chantera pas, et celle-ci est la suprême injustice. La mort n'est pas seulement venue comme un voleur: elle ajoute au dommage du vol une espèce de lourde ironie, une ironie à l'allemande. Nous ne savions pas quel était leur vieux dieu; voici la réponse, c'est la Mort fourbe, et elle ne les a pas encore abandonnés».*

Vejam a traducção destes ultimos periodos: «Elle (Rostand) viu a victoria. Ai! não a cantará e esta é a suprema injustiça. A morte não veiu apenas como ladrão: ella accrescenta ao prejuizo do roubo alguma coisa como uma pezada ironia, uma ironia á alleman. Nós não sabemos qual era o velho deus delles (dos alle-

mães): eis a resposta: é a Morte, a Morte velhaca, e ella ainda não os abandonou».

É preciso ser irremediavelmente cretino ou estar de miollo molle (o que vem a dar no mesmo) para escrever semelhantes chatices a respeito de Rostand. Edmond Rostand está longe de ser um genio primacial; mas tambem sejamos justos, reconhecendo que elle foi um poeta um pouco acima de mediocre; e nesta qualidade, merece alguma coisa mais... Que é que têm a ver os allemães com a morte de Rostand? E para que insultar a pobre Morte, que não tem a menor responsabilidade no desaparecimento do poeta? Rostand morreu porque o seu organismo assim o exigiu; mas a Morte nada tem com isso...

Em outro numero do *Temps*, um senhor chamado Gaston Deschamps assigna um artigo cujo principio é este:

Edmond Rostand n'est plus... Cette nouvelle, trop prévue, hélas! depuis quelques jours, est un deuil d'autant plus cruel pour les lettres françaises, que la victoire est inséparable de la poésie, et que nous avons besoin, plus que jamais, de l'art qui a rendu justement célèbre l'auteur de la PRINCESSE LOINTAINE et de CYRANO. Ses brillants et rapides succès vinrent de ce qu'il aimait et révérait: d'un culte passionné les ver-

tus héroiques de la race française. Ces vertus, il eut le joli courage de les chanter, en un temps où les sceptiques et les blasés affectaient de n'y plus croire. Le plus applaudi de ses drames fut un acte de foi dans les destinées de notre pays».

Não vale a pena commentar estas frioleiras, que percorrem todo o artigo. Cito-as sómente como amostra da tolice humana em paizes de civilização secularmente superior á nossa. Miremos nesses espelhos; respeitemos, assimilemos o que o estrangeiro nos offerecer de bom; mas não consideremos bom e bello só o que nos vier de terras distantes e tenhamos a certeza de que, si o estrangeiro, quando escreve, é intelligente, nós tambem, quando escrevemos, costumamos não ser tão asnos quanto em geral nos julgamos...

AMORES DE POETA

UM grande homem não se faz glorioso impunemente. A celebridade é feita metade de luz e metade de esterco: a primeira metade attrahe entes que querem ser illuminados; a segunda — escaravelhos e moscas, que não podem passar sem a graveolencia dos esterquillios. Da vida dos homens celebres é principalmente a face sentimental que seduz a penna dos commentadores e dos analyistas, ainda os mais cheios de espiritalidade. Porque? Porque é no abandono do sentimentalismo que se podem conhecer as mais intimas reintrancias do character de um grande homem. Tratando-se de um escriptor ou de um poeta, os seus amores commentarão e explicarão por vezes com mais clareza e autoridade a sua obra do que certas analyses que traçarem pennas ageis. Dize-me si amas, a

quem amas e como amas e eu te direi quem tu és. Conforme o ponto de vista moral em que nos collocarmos para apreciar o phenomeno do amor, um grande homem que tiver sido um grande amoroso poderá assumir, a nossos olhos, feições de heroe sublime ou de soberbo imbecil.

Que pensar por exemplo de Victor Hugo, cuja vida amorosa mereceu do sr. Louis Barthou (da Academia Franceza) um livro, LES AMOURS D'UN POETE, cuja segunda edição nos chegou ha poucos dias, pelo ultimo paquete? Os primeiros annos da vida de Victor Hugò foram dominados pela mais absoluta castidade. Quando se casou, era ainda virgem; pelo menos, elle teve a ridicula coragem de confessal-o á sua noiva, em uma das suas cartas. Parece que a noiva não se enthusiasmou grandemente por essa estupenda confissão de virgindade masculina, pois que na carta seguinte o poeta, por sua vez admirado da extranheza de Adelia Foucher, lhe affirma nada lhe ter dito que não pudesse «ser escutado pelo ouvido mais puro e mais virginal». Seja como for, elle promettera á noiva que «conservaria até á noite encantadora das nupcias a sua feliz ignorancia». Prometteu-o e cumpriu o... Por ahi se vê que o joven e já grande poeta estava fatalmente predestinado a ser trahido, como o foi, pela mulher. De facto, poderá aspirar a

outro destino quem confessa á noiva semelhante absurdo?...

Emfim... casaram-se. Durante oito annos, foi Victor Hugo o modelo dos maridos. Apesar de sua mulher ser mais que muito inferior a elle quanto a intelligencia, o poeta a adorava. Era bella, excellente mãe, magnifica dona de casa, um pouco fria deante das expansões lyricas do marido, a quem admirava sem comprehender; espirito pratico; adorava-o sem ser ciumenta; muito franca, declarava-lhe não comprehender muita coisa do que elle escrevia para ella...

Não foi Victor Hugo, aliás, o unico homem de intelligencia casado com mulher mentalmente inferior a elle. A mulher de Goethe adorava-o; tinha a noção vaga de ser casada com um deus; mas não entendia patavina do que produzia e publicava esse marido olympico. Toda a sua adoração se resumia em tratá-lo sempre por *Vossa Excellencia* e a dizer infallivelmente, quando se referia a elle: *O sr. Conselheiro Intimo...* (*)

A mesma fidelidade que cultivava seu mari-

(*) A respeito de Heine o mesmo se póde dizer. Conforme elle proprio dizia certa vez a um amigo, Mme. Heine tinha apenas a vaga noção de que elle «escrevia coisas para uma revista...»

do não se póde attribuir a Madame Victor Hugo. O seu caso com Sainte-Beuve, assim como o de Madame Charles com Lamartine, tem sido discutido por escriptores de marca — Faguet, Jules Lemaitre, Leon Seché, Guimbaud, etc. Não faltam defensores da innocencia dessas duas senhoras, immortalisadas pela convivencia com homens illustres; mas os documentos ahi estão para desmentir a candura dos paladinos... A ligação de Madame Victor Hugo com Sainte-Beuve, por exemplo, não foi puramente platonica; provam-no certas cartas até agora ineditas e que acabam de ser publicadas pelo sr. Barthou.

Como toda a gente sabe, Sainte-Beuve era intimo amigo de Victor Hugo. Essa amizade nasceu como costumam nascer amizades litterarias. Morando ambos na mesma rua (Vaugirard) foi Victor Hugo agradecer a Sainte-Beuve um artigo elogioso e muito imparcial por este publicado no *Globo* (Janeiro de 1827), a respeito das ODES E BALLADAS. Sainte-Beuve não estava em casa, mas dias depois foi retribuir a visita ao poeta, cuja esposa assistiu á entrevista dos dois.

A certa altura Madame Victor Hugo perguntou ao joven critico quem tinha escripto no *Globo* um artigo não assignado e um tanto severo para com o CINQ-MARS, de Alfred de Vigny, outro amigo da casa; Sainte-Beuve teve de leal-

mente denunciar-se como autor do artigo e até apresentou algumas excusas, de pura convenção, já se vê, pela severidade da sua critica. Todos eram moços nessa occasião. O poeta contava apenas vinte e cinco annos; sua mulher, que nessa data amamentava um filhinho de dois mezes, era mais moça ainda. Sainte-Beuve e Hugo eram afinal dois homens de genio que se encontravam. Um ficou logo fascinado pelo outro; mas a intimidade franca e bella que se estabeleceu entre ambos não impediu que o critico, tempos depois, lançasse á esposa do poeta olhares menos repassados de castidade. A paixão de Sainte-Beuve por Adelia Victor Hugo reveste-se então de fulgores dramaticos; ensandecido, allucinado, elle chega a ponto de confessar ao marido o violento amor que tinha pela mulher! Nessa situação verdadeiramente singular, Victor Hugo revela sublime, espantosa superioridade moral; consola o amigo, dizendo-lhe não enxergar motivo para ruptura de relações entre ambos, pois que attribuia o sentimento do seu critico a passageira exaltação dos sentidos e ao mesmo tempo depositava em sua mulher a mais absoluta e, até então, mais merecida confiança; de seu lado Madame Hugo consolava Sainte-Beuve com a lealdade e a pureza de seus sentimentos de amiga sincera; para mais fortemen-

te cimentar os alicerces de uma amizade que ambos quizeram solida e indestructivel, o poeta e a esposa convidaram a Sainte-Beuve para padrinho de um dos filhos — a tal ponto chegava a cega confiança que tinha o casal na lealdade do amigo e commensal de todos os dias...

Mas Sainte-Beuve soffria; e é bem possivel que Madame Victor Hugo tenha cedido, a principio por piedade. Ha grandes dedicações amorosas que começam assim, pelo ménos nos livros... O amor de Desdemona por Othelo começou pela piedade que lhe inspirou a narrativa dos soffrimentos do guerreiro. Adelia caiu; mas, apesar de haverem depois rompido relações o poeta e o critico, parece que Hugo nunca teve certeza da traição da mulher, a quem continuou a amar com sinceridade de coração e ainda depois de ter ficado amante de Juliette Drouet.

Esta, sim, foi o grande amor de Victor Hugo. Bella, mas de belleza rara, intelligente, sensivel, capaz de comprehendel-o, era menos uma mulher do que uma perenne e radiosa vibração. Quando Victor Hugo a conheceu, em 1832, ella tinha vinte e seis annos e já fôra amante de um certo Charles Séchan, decorador e scenographo, que trabalhava na Porte-Saint-Martin; de Alphonse Karr, o das GUÊPES, o qual Karr, apesar de todo o seu pamphletaris-

mo, de vez em quando mandava á amiga um bilhetinho em que lhe pedia seus quinhentos francos emprestados e — signal particular do sobredito cavalheiro — nunca lh'os pagou; finalmente de um opulento e faustoso boyardo, o príncipe Demidoff, com quem vivia quando Hugo a viu num baile de artistas. Elle era fidelissimo á esposa. Apesar de ir aos ensaios de suas peças, nunca houve actriz que o fascinasse. Repugnavam-lhe, e com razão, as mulheres de bastidores. Mas em janeiro de 1833 mettia-se em ensaios, no theatro da Porte-Saint-Martin, a sua nova peça *Lucrecia Borgia*; e Juliette Drouet, apesar de ser primeira actriz, aceitou com prazer um papel secundario, o da princeza Negroni, e chegou a dizer: «Não ha papel pequeno numa peça de Victor Hugo...» Apesar da pouca importancia do seu papel, a formosa actriz se fez notar do publico. Resultado: *Lucrecia Borgia* foi representada no dia 2 de fevereiro; dezeseite dias depois, isto é, no dia 19, Juliette era amante de Victor Hugo; e esse amor durou cincoenta annos, sempre com a mesma vivacidade de paixão, com a mesma intensidade de sentimento, com a mesma sinceridade em ambos! Durante meio seculo Victor Hugo não teve pensamento de que Juliette não tivesse tido a sua parte de inspiração. Viviam um para o outro; e apesar

das tempestades que o ciúme e, por vezes, dificuldades materiaes costumavam desencadear de parte a parte, os dois amantes viviam exclusivamente um para o outro. Foi ella incontestavelmente a grande musa do seculo XIX; grande parte das obras-primas de lyrismo que hoje orgulham a litteratura franceza foram inspiradas por ella, sem contar os versos ineditos, feitos só para a amante, e agora publicados pelo sr. Barthou, que teve a fortuna de percorrer o archivo intimo de Juliette Drouet. E que versos! Que altitude! Estes por exemplo, que trazem a data de *meia noite* de 20 de agosto de 1833:

Oh! je suis le regard et vous êtes l'étoile!
 Je contemple et vous reluisez.
 Je suis la barque errante et vous êtes la voile!
 Je flotte et vous me conduisez.
 Près de vous qui brillez je marche triste et sombre,
 Car le jour radieux touche aux nuits sans clarté,
 Et comme après le corps vient l'ombre,
 L'amour pensif suit la beauté!

Não devia ser creatura de qualidades culminantes a mulher capaz de suggerir versos de tão alta inspiração? Aos oitenta annos de idade, Victor Hugo dirigia a Juliette, que contava setenta e seis, versos, cartas e pequenas confiden-

cias em que a scintilla da paixão crepitava com o mesmo vigor dos trinta annos. Pouco antes da morte della, que estava devastada por um cancro, mandava-lhe Victor Hugo um dos seus mais bellos retratos com esta significativa dedicatoria: «*Je t'aime. Cinquante ans d'amour, c'est le plus beau mariage*». Sim, não ha duvida que sim; e é agradavel percorrer, com um guia discreto e habil como o sr. Barthou, esses cincoenta annos de paixão, que só o romantismo era capaz de produzir e de justificar; e terminando a leitura do livro, eu, barbaro e nascido em terra barbara, «d'aspero matto e de espessura brava», não pude deixar de lançar, por cima do Oceano, um olhar de remota e inoffensiva inveja para essa terra de tão aguda civilisação, onde póde nascer, crescer, amar e morrer esse ente extremamente raro e de nós desconhecido, que é uma mulher espiritual...

SAÚVAS E CUYABANAS

EXISTE na Sociedade Nacional de Agricultura um ancião, venerando como todos os anciãos antigos, modernos e futuros, o qual só tem na vida uma paixão: as formigas cuyabanas. Esse cavalheiro está convencido de que as cuyabanas matam e comem as saúvas, destruidoras das plantações; de sorte que, tendo feito, durante annos, a mais apaixonada campanha de imprensa e *meetings* a favor das cuyabanas, conseguiu que muitos fazendeiros adquirissem milhões de milhões destas formigas, para formarem com ellas, nos roçados, partidos de opposição ás saúvas. Parece que as saúvas são federalistas, emquanto as cuyabanas são castilhistas; e assim como os castilhistas não têm feito até hoje outra cousa sinão devorar os federalistas, assim tambem as cuyabanas, segundo a opi-

nião do dr. Borges, seu advogado, só vieram ao mundo para degollar sauvas. Dahi, a obrigação de consciencia em que se sente o venerando ancião de defender as suas queridas e invictas cuyabanas contra qualquer aggressão de que sejam victimas, não por parte das sauvas, mas por parte da imprensa.

Valha-nos Deus, que o dr. Borges tem sido, para as cuyabanas, o mais zeloso advogado que lhes poderia dar a Divina Providencia, zeloso e desinteressado, porque as defende sem cobrar honorarios. Creio mesmo que é S. S. o unico advogado do Rio que trabalha por amor á arte. Até agora, de advogado que não ganhasse e não furtasse, só havia noticia de um: o bemaventurado Santo Ivo, de quem canta a Igreja, com grande admiração, no seu devoto dia:

Ivus fuit advocatus,
Advocatus et non latro,
Res miranda populo!

O dr. Borges é o Santo Ivo das cuyabanas. Defende-lhes a causa e não lhes rouba o assucar, apesar de ser consocio do coronel Bezerra, senador. Em resumo: devido á propaganda tenacissima do seu advogado, foram as cuyabanas adoptadas pelos fazendeiros para exterminio das

sauvas, porque, enquanto estas devastam as roças, contentam-se aquellas com alguns torrões de assucar, que lhes dão os senhores á guisa de soldo; finalmente o dr. Borges, logo que lê nos jornaes algum artigo contra as suas constituintes, pede a palavra na Sociedade de Agricultura e fala a favor dellas duas horas, como Cicero *pro, Milone*.

*

* *

Ora, succedeu que ha poucos dias estava reunida a Sociedade de Agricultura. E preparavam-se já todos para cochilar, quando o dr. Borges, pedindo a palavra, começou a defender as cuyabanas, que nesse dia tinham sido victimas de um ataque, como todos os ataques, insolito. Parece mesmo que o dr. Borges recebera pela manhan daquelle dia um telegramma do Rei das Cuyabanas, concebido nestes termos: «Dr. Borges — Sociedade Nacional de Agricultura — Rio. — Ataques matutinos injustos. «Desminta boatos tendenciosos. Abraços. — *Cuyabano I*». Começou, pois, o provector advogado o seu *plaidoyer*, em obediencia ás ordens do seu augusto cliente; mas, no mais acceso do seu entusiasmo defensivo, foi interrompido *ex-*

abrupto por um agricultor fluminense que, presente á sessão, desfez todo o effeito da defesa. Esse agricultor fez contra as cuyabanas um requisitorio tal que até lembrava o do capitão Bouchardon contra Bolo-Pachá. E o dr. Borges, não tendo mais argumentos, calou-se, *res miranda populo!*...

Em summa, que disse o agricultor fluminense contra as cuyabanas? Disse que, influenciado pela propaganda do dr. Borges, mandára vir grande quantidade de cuyabanas para contrapol-as ás sauvas que lhe assolavam as roças; que as sobreditas cuyabanas se installaram commodamente nos seus terrenos; que elle, depoente, as sustentava carinhosamente com assucar; que, finalmente, as referidas cuyabanas, em vez de atacarem as sauvas, deixaram-se ficar tranquillias, a comer-lhe o assucar, enquanto o partido contrario continuava a praticar as maiores depredações nas terras cultivadas. E mais não disse nem lhe foi perguntado.

•

* *

Ahi têm os senhores o feio acto praticado pelas cuyabanas. É o que se chama *trahição*, em linguagem corrente. Pois de certo! Ellas vie-

ram contratadas para combater as sauvas; chegaram, viram e estabeleceram logo com estas uma *entente cordiale*, o que demonstra quanto essas formigas já estão moralmente corrompidas pela convivencia com o homem. Mas não ficaram só na *entente cordiale*; assignaram tambem, ao que parece, um verdadeiro tratado de commercio com o inimigo, si é que não ha já entre ellas algum secreto tratado de alliança, como é de uso entre as grandes potencias. Quem o poderá saber? Pois si nós ignoramos a diplomacia secreta dos homens, cuja lingua e costumes conhecemos, quanto mais o que se passa nos bastidores diplomaticos das formigas, que são naturalmente muito mais reservadas do que a especie humana, inclusive os chinezes! Assim, a situação entre as sauvas e as cuyabanas do Estado do Rio é a seguinte: as primeiras continuam de posse das terras e plantações, isto é, ainda persistem no regimen agricola; as segundas contentam-se com o assucar do fazendeiro, isto é, preferiram adoptar o regimen pacifico-industrial.

*
* *
*

Entretanto, como gosto sempre de remontar ás causas dos phenomenos, — e é este um dos

meus maiores defeitos—puz-me a pensar acerca do que poderia ter influido nas cuyabanas para que ellas, abandonando as suas tradições belliosas, reconhecidas e notorias, assignassem pazes com as sauvas, trahindo o fazendeiro e deixando mal o dr. Borges. Tudo se explica neste mundo, a não ser alguma coisa inexplicavel; e a explicação da mudança de character das cuyabanas está na famosa *lei do meio*. Essas formigas, na Allemanha, por exemplo, continuariam disciplinadas e fieis ao Kaiser; na França defenderiam Verdun e fariam manifestações contra o governo; em Matto Grosso continuariam a matar as sauvas só pelo prazer homicida de destruir as suas semelhantes; no Estado do Rio tornaram-se preguiçosas e transfugas. Influencia do meio, mimetismo, imitação dos homens, que ellas talvez considerem superiores á sua raça, só porque elles fabricam muito assucar, e ellas não. D'onde se conclue que: si os fazendeiros fluminenses quizerem que as cuyabanas voltem a ter nobreza d'alma, façam com que tenham character os homens que lá estão de cima; porque, infelizmente, os que estão de cima são os modelos seguidos pelos homens e pelas cuyabanas, que moralmente se pareçam com elles...

O CENTENARIO DE WAGNER

(1913)

NA Lipsia tradicional e sabia, cabeça desse ducado de Saxe, onde tão bem se casam a industria e a poesia, nasceu Ricardo Wagner, a 22 de maio de 1813.

A mãe de Wagner era uma brava mulher, cheia de viço, de vida, de imaginação. Elle não conheceu pae, senão o adoptivo, Luiz Geyer, pintor, actor e autor, que se tornou celebre principalmente por ter sido pae adoptivo do futuro compositor de *Lohengrin*.

Geyer queria que o pequeno Ricardo fosse pintor. Este, porém, que não parecia ter bastante desenvolvido o senso das proporções lineares, preferiu a musica.

Aos sete annos, quando morreu o pintor, Ricardo Wagner já arranhava com sabedoria

o seu piano. E na vespera da morte do pae, em uma camara contigua á em que começava Geyer a agonizar, o pequeno executava ao piano uma aria de *Der Freischutz*, de Weber; o que fez com que o pintor perguntasse com voz flebil:

— Terá talento para a musica este pequeno?...

Das fadas que lhe adejaram em torno do berço humilde, uma houve de certo que lhe deu, como presente inicial da vida, esse «espírito descontente, que medita sempre novidades», de que elle mesmo fala, alludindo á lenda das Nornas. E esse descontentamento do seu espirito, que buscava sempre coisas novas, foi para elle causa de attribulações e causa de triumphos; porque ao lado da sua imaginação dominava incessantemente a sua vontade de autocrata.

E certo não podia deixar de ser um revolucionario no campo da sua arte, quem, em criança, fôra um phantasista, impetuoso e tenaz, que aprendeu de um jacto o grego, o latim, a mythologia e a historia antiga, e que, para melhor aprender musica, dispensou os serviços do seu professor de piano...

Coisa não difficil é de imaginar a rapidez com que devia desenvolver-se a sua genialidade naquella atmospheria agitada que se avizinhava já desse 1830 tão famoso pelas revoluções

políticas, litterarias, artisticas, sociaes e elegantes.

Wagner recebia todas essas influencias, reflectindo-as, sem se deixar, comtudo, dominar por ellas. E emquanto o deixava indifferente a arte industrial que se dava nos theatros de Dresde, elle immergia toda a sua alma nas aguas lustraes de Sophocles, Eschylo e Shakespeare, onde encontrava simultaneamente a emoção religiosa de que necessitava o seu espirito mystico, e o forte ideal humano que desejava a sua alma creadora. A poesia fascinava-o; o drama encantava-o. Tudo parecia predispol-o, portanto, para ser um excellente poeta.

Mas, um dia, Wagner ouviu a *symphonia em dó menor*, de Beethoven, e o encanto mysterioso daquella musica inimitavel decidiu da sua vida. Cantou-lhe dentro d'alma o deus da inspiração. A cadencia do verso, embora homerico ou shakespeareano, parecia-lhe pobre co-tejada com a harmonia em que cantava a alma de Beethoven.

Como se operou esse mysterio no seu ser ninguem o explica, nem elle proprio. S. Paulo nunca pôde explicar o phenomeno da estrada de Damasco. Wagner *converteu-se*.

Ora, a conversão, si não mente Victor Hugo, é um milagre concomitantemente divino e hu-

mano. Narrando essa mudança, o mestre de *Par-sifal* diz apenas, com simplicidade: «Uma tarde ouvi executar uma symphonia de Beethoven; na noite que se seguiu, tive um acesso febril. Cai doente; e depois de restabelecido, tornei-me musico».

Tornei-me musico! É simples, facillimo...

Correggio, diante de uma tela, tambem exclamou convencido — *Anch'io son pittore!* — e o foi. É tão facil tornar-se alguém musico ao ouvir Beethoven, ou pintor diante de um painel de Miguel Angelo, como, depois de submeter as Gallias, mandar dizer ao Senado Romano — *Veni, vidi, vici!* — tres dissylabos apenas... Depende sómente de possuir este alguém uma qualidade que se chama genio...

Assim, quem já era poeta tornou-se musico. O amigo de Homero e de Shakespeare, o devoto de Hoffmann e das suas visões sinistras, tornou-se amigo tambem de Weber e de Mozart. O conhecedor da eurythmia poetica fez conhecimento com o rythmo musical; e na mesma intelligencia, onde tinham altar a metrica das balladas e a inspiração das epopéas, encontraram incenso e adoração a tonica, a terça e a dominante.

Entretanto, impunha-se ao mestre futuro a necessidade de vibrar e de viver...

E eis-o como regente de orchestra no theatro de Riga. E foi lá, entre o movimento de um theatro pequeno e a monotonia da pequena cidade do Baltico, que elle compoz *Rienzi*, a historia de um tribuno romantico, commentada por uma musica já bastante individual.

O mundo, porém, atrahia-o, e o mundo, para quem quer triumphar na Arte, é Paris. Wagner, abandonando Riga, embarca em um veleiro para Londres. Em meio da viagem, porém, colhe o seu navio uma tempestade que o atira a terras norueguesas.

Então, como Moysés recebera a inspiração da Lei entre relampagos e trovões, Wagner, no meio da tormenta, viu relampejar o deus da sua vida inteira e teve a visão do *Navio Fantasma*, a historia morbida desse pobre marinheiro condemnado por um destino implacavel a errar pelo infinito das aguas, até que encontre uma mulher fiel...

Mais le pâle marin verrait sa délivrance.

Si jamais il trouvait une femme sur terre

Jusqu'à la mort fidèle.

Ah! pâle voyageur, quand la trouveras tu?...

Refere Santo Agostinho que, estando um dia a orar, nos primeiros diluculos da sua con-

versão, appareceu-lhe um anjo que, apontando para um livro aberto, disse-lhe: «*Tolle et lege* — toma e lê». E o Santo tomou o livro e leu-o; e o livro mysterioso revelava-lhe coisas maravilhosas de que até então não ouvira falar aos homens. E aquelle Agostinho que, aos dezeseis annos, fôra já aceito membro de uma sociedade de libertinos, transformou-se em um homem justo, sabio e santo.

A Wagner não appareceu de certo nenhum anjo. O acaso, porém, que é o anjo dos materialistas, fez-lhe cair nas mãos um livro, onde havia uma historia estranha, que se passara na Thuringia feudal do seculo XIII, patria de poetas, terra de guerreiros, viveiro de santos.

Em certa montanha vizinha do castello de Wartburgo, logares de nascimento dessa doce criatura que foi Santa Isabel da Hungria, a quem os seus contemporaneos chamavam *die liebe heilige Elisabeth*, morava Holda, deusa benefica, que espalhava em torno de si um perfume de primavera mas que, amaldiçoada por uns homens macilentos e duros, que falavam em nome de Christo, vira-se obrigada a buscar a companhia de uma outra deusa, tambem formosa, amavel e de fórmias divinas. Foi assim que Holda acabou por confundir-se com a *Venus hellenica*.

Um dia um guerreiro deixou-se apaixonar pela deusa irresistível, que o reteve na sua caverna durante sete annos, em que outra coisa não fizeram senão amar-se doidamente... Findo esse tempo, farto de peccado e saturado de gozo, lembrou-se o guerreiro de que era christão; e, desprezando a sua amante olympica, saiu da caverna, invocando o nome de Maria.

Esse cavalleiro chamava-se Tannhäuser.

Tannhäuser foi a Roma lançar-se aos pés do Papa, pedindo perdão para as suas grandes culpas. O Santo Padre, porém, horrorisado ao ver aquelle cavalleiro christão, que ousara amar uma deusa pagã, respondeu-lhe que mais facilmente floresceria o seu baculo pastoral, do que Deus lhe perdoaria os seus enormes peccados. Mas, ao fim de tres dias operou-se um prodigio: floriu o baculo do Vigario de Christo. O cavalleiro de Tannhäuser, porém, reentrara na caverna de *Venusberg*, onde espera até hoje o dia de juizo, na doce companhia da deusa soberana...

Desta lenda simples e bella, em que apparecem frente a frente, em lucta, Venus, o triumpho da carne, e Maria, o triumpho do espirito, Venus a victoria da fórmula palpitante de vida e de amor, e Maria, a synthese da belleza moral, tirou Wagner o assumpto em torno do qual escreveu o drama e a musica de *Tannhäuser*.

O mestre estava assim em uma especie de arroubo. A convivencia com os deuses de duas civilisações — a christã e a pagã — collocara-o em um estado vizinho do extase. Como os santos que, chegados a certo gráo de perfeição, não quèrem mais descer da região de paz em que se acham, mas antes continuar a pratica da virtude, até que atinjam o pinaculo da espiritualidade perfeita, o creador de *Tannhäuser* permaneceu no convivio tão doce quão elevado dessa encantadora mythologia germano-celtica, cheia de lendas imprevistas e poeticas. E, dessa convivencia divina, como os santos faziam milagres, Wagner, thaumaturgo do Ideal, fez *Lohengrin*. E nessa musica transcendente, de tão forte poder descriptivo, deu-nos a historia tocante desse cavalleiro generoso, filho daquelle Percival que era a fina flôr dos *Cavalleiros da Tavola Redonda* e que possuia a alta e cubiçada nobreza do Santo-Gral. Mas o homem está sempre sujeito a fraquezas...

De um solitario da Thebaida refere SURIUS que attingira a tão elevado grau de perfeição, que lhe foi concedido pelo Senhor o dom dos milagres, das linguas e da prophecia. Um dia, porém, o santo varão deixou-se tentar por Sata-naz: viu uma mulher, amou-a e possuiu-a. Mas caiu em si e na conta do seu erro. Então, para

fazer penitencia, passou dez annos dentro de uma sepultura, em grandes asperezas e macerações. Findo esse tempo, restituiu-lhe o Senhor a sua amizade e a sua graça...

O mystico de *Lohengrin* tambem foi tentado por um demonio, não o da carne, mas o demonio politico. Deixou-se apaixonar pela Revolução, que naquelle tempo escaldava os espiritos em Dresde. E, em castigo do seu peccado, foi exilado em 1849, indo fazer a sua penitencia em uma sepultura muito saudavel e muito risonha que se chama Suissa, onde esteve por espaço de dez annos. E no exilio a graça do Senhor desceu sobre o seu espirito. E elle remontou novamente às puras regiões do sonho; e lá, no azul desses céos encantados, operou maravilhas...

Grande deve ter sido a sua purificação, pois o Senhor lhe concedeu o dom de penetrar nos *Nibelungen*. E elle deu ao mundo o *Ouro do Rheno*, a *Walkyria* e começou *Siegfried*. E, como os grandes mysticos, por maiores que sejam, não se desinteressam dos acontecimentos humanos, eis que Wagner, descendo da montanha nimbosa dos *Nibelungen*, compõe *Tristão e Isolda*, essa historia amarga de um amor fatal, desses que arrebatam o coração como os ventos arrastam pelo outomno as folhas seccas...

Este genio, todavia, precisava de repouso; e como só podia repousar como genio, eis que o seu descanso nos deu a musica dos *Mestres Cantores de Nuremberg*, em que o mestre nos mostra a grandeza da inspiração poetica livre em frente da poesia estacionaria na estreiteza das escolas.

A sua poesia e a sua musica, justamente por serem revolucionarias, suscitaram luctas em que o compositor deu provas de fidelidade á sua arte, combatendo por ella com um valor digno dos heroes niebelungianos. Elle bem podia applicar a si proprio, em relação á sua arte, o que Walther diz a Eva nos *Mestres Cantores*:

Faut-il combattre? Eh! bien! mon glaive frapperá.
 Faut-il chanter? J'en suis; ma voix te gagnerá.
 Deja le feu sacré me trouble et m'inquiete,
 Pour toi s'allume le desir,
 Le saint courage du poete!

E depois de haver mais essa vez defendido a sua deusa com «a santa coragem de poeta», explica novamente as azas do genio e distende o vôo pelas regiões do sonho, penetra na mythologia germanica e termina *Siegfried*, a lenda desse guerreiro estranho que forja a sua

propria espada dos fragmentos do montante paterno, mata o gigante Fafner e desperta o amor de Brunhilda; a Walkyria do Wahalia, que se despoja das suas prerogativas divinas, só para ter o amor do guerreiro que conhecia todas as coisas, excepto o medo...

Com o *Crepusculo dos deuses*, que desapareceram para sempre na pyra immensa do Wahalia, e com *Parsifal*, canto do cysne, em que o mestre narra a conquista do Santo Gral em uma musica que Eduardo Schuré qualifica de *além-tumular*, fecha-se o cyclo da vida musical do grande reformador.

•

• •

Wagner foi, um magico. A critica, que era a Inquisição do seu tempo, tentou queimal-o vivo, como essa outra Inquisição queimava os judeus da sua terra no seculo XV. Para completar a illusão, nem faltou ao grande musico o prestigio da protecção de um rei moço, casto, mystico e sonhador.

Si Ricardo Wagner tivesse surgido no seculo XIII, e si a gente desse tempo tivesse comprehendido toda a belleza da sua musica, certo o seu genio seria tido em conta de re-

sultadó de algum pacto diabolico, segundo o costume daquella época, em que todas as obras grandiosas eram attribuidas directamente a Deus ou ao Diabo. Pois não foi o Espirito Santo que inspirou os versos ardentes do *Cantico dos Canticos*?... E não foi o Diabo em pessoa que fez o projecto da cathedral de Colonia?...

Wagner declarara no prefacio do *Anel do Niebelung* que, para realisar o seu sonho artistico e poder fazer representar a sua tetralogia, era-lhe necessario nada mais nada menos que um monarcha magnanimo.

Esse monarcha foi o rei Luiz II da Baviera, principe nascido e educado entre o sonho e a realidade, nessa magnifica e poetica natureza dos Alpes bavaros, na contemplação desses lagos em cuja superficie tranquilla vogam como barquinhos de neve cysnes airosos. O seu rei foi esse principe, que mandou edificar o santuario de Bayreuth e que se encerrava quasi sozinho no theatro, em semi-obscuridade, para ouvir, horas a fio e sem que ninguem o interrompesse, as harmonias do seu grande amigo, executadas por uma orchestra regida pelo proprio Wagner. É que a alma sonhadora do principe se conjugava maravilhosamente com a inspiração transcendental do artista. Luiz II, nebuloso e esphingetico, sentia-se bem com essa

musica, cujo caracter principal, como diz Schuré (que não grande auxilio presta á penna que escreve estas linhas), «é o idealismo transcendente do pensamento unido ao mais alto gráo de força e de vida na expressão».

Wagner, que foi um luctador na vida ordinaria, foi igualmente um luctador, mas triumphante, na sua vida artistica. Só uma individualidade como a sua, composta de imaginação e vontade, podia sustentar no mundo artístico a lucta titanica que elle sustentou, porfiada e incessantemente, defendendo a sua arte e «desafiando o Universo em nome do Ideal».

Por isso elle tinha razão para affirmar que não tivera outros educadores sinão a Arte e a Vida. E esse genio, como essas pugnas, reflectia-se com realismo no seu exterior.

Schuré, que o conheceu quasi com intimidade, diz que olhar para a cabeça de Wagner era ver no mesmo rosto a fronte de Fausto e o perfil de Mephistopheles. Dentro de poucos minutos podia-se descobrir na sua expressão physionomica a negra tristeza do Hollandez, o desejo desenfreado de Tannhäuser, a altivez inaccessivel de Lohengrin, a ironia glacial de Hagen e o furor de Alberico.

Hoje, cem annos decorridos depois do seu

nascimento, a sua figura pertence ao mundo. É um patrimonio universal.

Quem tão alto soube elevar a Arte, quem com tamanha exactidão soube exteriorizar as grandes tormentas da alma humana, que quasi todas se resumem na palavra *amor*, entrou para a essencia da Humanidade, no que esta possui de mais nobre.

O immortalizador das Walkyrias vale pela sua obra; e esta vale principalmente pela sua feição profundamente humana, pela sua symbolologia penetrante e pelo facto de resumir em si, neste mundo e nesta época de industrialismo exclusivista, o ideal supremo da Belleza, do Amor e da Verdade.

COMO SE DOMAM INGLEZES...

O Inglez, Superintendente da Leopoldina, quando soube da parede que fizeram algumas centenas de operarios, declarou que *elle na Africa costumava debellar taes reclamações a chicote.*

Quando li isto, fiquei a pensar, a pensar... Parecia-me ouvir já o silvo do latego britannico desse nosso alliado sobre o lombo dos brasileiros. Mas depois, vi que melhor era sorrir. Sim, senhores! Com que, então, a chicote, hein? Mas, meus amigos, esse inglez está deslocado na superintendencia da Leopoldina. Esse cidadão é, sobretudo, um humorista, um grande, um luminoso, um irresistivel humorista. Não é um humorista ingenuo como Mark Twain, nem um suave humorista como Charles Dickens; é

um ironista doloroso, escorchante, genero Swift! Maior do que Swift!

Vêm os trabalhadores pedir augmento de ordenados a um patrão que na paz já era riquissimo, e mais rico ainda ficou durante a guerra; o patrão recusa-se a recebê-los; sorve um trago de *whisky*; solta aos ventos uma baforada de cachimbo, e grunhe na sua meia-língua: «Oh! Oh! combato isso a chicote! *All right!*» É Gulliver em Liliput. Como Swift conhecia bem os seus patricios! Mas o homem da Leopoldina não teve necessidade de sair elle proprio, de latego em punho, chicoteando operarios Praia Grande em fóra; encontrou coisa melhor: o governo do Estado do Rio, que mandou sair a policia a campo, de durindana em punho...

*

* *

Entretanto, si o quizessem, poderiam os trabalhadores ser humoristas a seu modo.

Antes de tudo nada de dynamite! A dynamite é uma arma, de defesa, ou de vindicta, tão legitima como qualquer outra; mas não é arma de precisão; é impossivel adaptar mira a uma bomba; de sorte que, uma vez lançada,

mata não só culpados como innocentes; e as mais das vezes mata só innocentes, emquanto o culpado escapa são e salvo; é, pois, um processo brutal, estúpido, de reacção. Nós temos aqui nas nossas florestas muitas qualidades de plantas, authenticas strychnaceas que, sabiamente preparadas e astutamente propinadas, numa chavena de chá ou num copo de *whisky*, produzem no mais resistente e tradicional organismo britannico sensações taes, que o paciente morre em vibrações tetanicas, transformado em arco, de dentes cerrados, espumando, amaldiçoando o dia em que nasceu, o pae que o fez, e a mãe que o pariu... Não ha sabio, não ha sciencia capaz de salvar o desgraçado de tão temivel peçonha. Si dellas se lembrassem os operarios ameaçados de chicote? Era assim que procediam, e muito justamente, para com os maus senhores, os nossos negros d'Africa, no tempo da escravidão. Ah! *Mister Taylor*, immenso humorista! Cuidado com essas allusões aos negros d'Africa e ao chicote que lhês lanhe o lombo! Não se esqueça de que os africanos puros já por aqui morreram mas deixaram descendentes; e estes, louvado Deus, têm estudado o seu bocadinho nos livros dos brancos; e em certos casos o humorismo africano póde

supplantar o humorismo inglez, cuja principal característica é a ingenuidade.

Mas ha ainda muitos outros meios de resistencia pacifica contra o estrangeiro que se fizer oppressor; e um desses meios é a cobra. Que variedade temos nós desses animaesinhos, que são terriveis, mas podem tornar-se, em dado momento, auxiliares da nossa autonomia!

Temos a coral, por exemplo, de côres varias, perfida e linda, a meretriz irresistivel das moitas; o seu veneno é rapido como o do olhar de uma mulher formosa; e a sua fuga é segura como a de uma ladra. Ora, pois! Está o inglez da Leopoldina jantando alegremente na sua casa com amigos e amigas; estoura a champagne e ferve a pandega, quando, de repente, um criado, um operario, *um não se sabe quem*, solta uma coral sobre a mesa do banquetel! Eil-a a deslizar por entre os copos, com os olhitos scintillantes e a fitinha da lingua a servir de leme para o golpe certo que dará... E o inglez a fugir com as damas!

Temos a jararaca e a jararacussú, duas benemeritas do nacionalismo. Negras, levemente rajadas, frias como o coração de um lord, perigosas como um judeu da City, traiçoeiras como *detectives*, que não fariam ellas, si collo-

çadas discretamente no quarto de dormir de um superintendente da Leopoldina!

Temos a surucucú e a surucucutinga, que se enroscam como molla de relógio e saltam sobre o adversario em certo bote que rivalisa com a precisão mathematica das metralhadoras.

Temos a cascavel, majestosa, inimiga de comprar brigas, muito confiada no seu chocalho, mas abstendo-se de atacar si não fôr atacada. É partidaria da neutralidade. Estando de barriga cheia, a Patria lhe é indifferente. Não nos convem...

Temos finalmente, para não citar mais, a urutú. A urutú é pequena, alargada, de cabeça chata, preta, velocissima, e a sua peçonha é mais mortal do que a da vibora, salvo melhor informação do dr. Vital Brasil. Lá no sertão, quando a urutú consegue picar o roceiro no dedo do pé ou da mão, elle arranca logo do facão e decepa o dedo, porque, si não o fizer, a morte é certa e immediata. Ora, imaginae, amigos, o effeito que produziria uma urutú no quarto de dormir do presidente do Rio de Janeiro, defensor perpetuo da Leopoldina. Soltas uma urutú, uma jararaca e uma surucucú no quarto do homem que dorme nos braços da Leopoldina, eu só quizera saber si elle as es-

pantaria a chicote... E como seria comico ver o inglez de pyjama, ás duas horas da madrugada, saltando da cama e muito brasileiramente abrindo a janella e chamando o guarda-nocturno para matar as cobras! E não é só isso! Nós temos ainda os carangueijos de terra, as aranhas cabelludas e os escorpiões, que são deliciosos...

De maneira que, em caso de revolução declarada contra os escravocratas da Leopoldina, eu não aconselharia aos operarios que fossem tomar por força armas aos arsenaes, como se fez no principio da Revolução Franceza e de muitas outras revoluções; o aconselhavel é irem os meus amigos ao Instituto de Butantan e tomarem as centenas de cobras, que existem no seu *Serpentario*; de posse desses animaesinhos, estarão habilitados a fazer as mais pacificas, brilhantes, proveitosas e revolucionarias pilherias deste mundo. O estrangeiro póde resistir a canhão; mas ha duas coisas que o horro-risam acima de tudo: faca de arrasto e cobra jararaca. Tenho visto muito valente de alem-mar correr desses dois monstros...

10 SUPER-HUMAN

- 1914-1918 -

A VISÃO DE MONS

Ouverte en large éclair, parmi les bru-
[mes,
Une avenue;
Et Saint Georges, fermentant d'ors,
Avec des plumes et des écumes,
Au poitrail blanc de son cheval, sans
[mors,
Descend.

.
Comme un haut cri de foi,
Il tient en l'air sa lance,
Le Saint Georges...

E. Verhaeren — POÈMES.

A alma contemporanea já se sente fatigada de não pensar nos divinos mysterios cosmicos e desse longo não querer abraçar alguma verdade, dentre as muitas que os philosophos lhe offerecem como definitivas. O espirito ho-

dierno pensa nos mysterios da vida. Os sabios, mesmo por entre o troar da artilheria, levantam os olhos aos ceos. Fitam-nos nas estrellas com aquella doce paixão ancestral que faz de um sabio um namorado, quando se lhe depa-ram aos olhos algumas facetas mysteriosas e reconditas da Vida. Os sabios de hoje ainda fitam os olhos na magnitude das constellações, ou na pequenez das bacterias, na monstruosidade de um caso teratologico, ou na belleza de uma flôr, mas parece haverem perdido aquella faculdade de amar que os sabios antigos, menos mathematicos e menos racionalistas, hauriam no fundo do proprio mysticismo. As interrogativas constantes dissolvem o amor... Parece que nós não amamos a Natureza, porque não fazemos mais que interrogal-a. A Natureza para nós deixou de ser uma *Venus Genitrix* para assumir as egypcias feições de uma Esphinge.

O sabio antigo, entrevendo alguma scintillação, leve que fosse, dos inexhauriveis segredos do Universo, deixava-se arrebatado em extase. E, explicando no infinito as azas da imaginação, cantava um poema; e, abrindo o coração aos influxos do Cosmos, amava... Si S. Francisco de Assis tivesse estudado a ma-

thematica de Lagrange, ao contemplar o Sol, teria talvez escripto uns novos calculos de logarithmos, mas nós teriamos ficado sem o *Hymno ao Sol...*

E ahi está a differença entre o sabio moderno, que é sempre um especialista, e o sabio antigo, que era um universalista. Talvez resida nesta differença a razão da falta de encanto que ha nas mais sapientes elocubrações dos nossos dias. A sciencia de hoje estuda minucias. A sciencia de outr'ora, ao envez, contemplava o conjuncto. Por isso, o antigo, embevecido na belleza do todo cosmico, extasiava-se e amava. O moderno, preocupado pelas minucias analyticas de uma parte, raciocina e deduz apenas. São frios os sabios modernos. Frios como o raciocinio.

E terão razão?

Assim como um temperamento normal não se póde apaixonar por um seio de mulher, destacado do conjuncto corporeo, mas tem de amar a harmonia de todo o corpo, assim, talvez a Natureza tenha deixado de ser um factor de poetica inspiração, desde que as exigencias da analyse a espostêjaram como se esposteja um cadaver numa prancha de anatomia...

Mas, como eu dizia no principio, a alma contemporanea, agitada por tantas duvidas, abalada por tantas interrogativas, enervada por tanto scepticismo, sente-se fatigada de mover-se no vacuo; e o ponto de apoio espiritual que a Sciencia lhe prometteu com tanto estardalhaço, sem conseguir effectivar as suas promessas, esse ponto de apoio, que a Edade Média teve a illusão de haver conquistado na religião e no heroismo, a alma moderna quer encontral-o novamente no mysticismo. Os sabios, depois de prometter-lhe a paz, que nasce da posse da Verdade, só conseguiram mostrar-lhe alguns crystaes salinos no fundo das retortas, alguns instrumentos novos de commodidade e conforto e não foram capazes de explicar-lhe a origem de nada. Perdidos, sophismaram. Tentaram convencer-nos de que a origem das coisas era inaccessible aos surtos mais poderosos do nosso intellecto.

— Deus era uma hypothese, diziam com Laplace.

— Bem, respondia a humanidade. Seja uma hypothese. Mas onde está a certeza?

E os sabios, deante desta pergunta, sentiam-

se tão pequenos e tão desilludidos de achar a verdade, como um velho alchimista, depois de passar toda a existencia a encarquilhar-se, a apergaminhar-se noites e noites deante de alfarrabios mosarabes, ao chegar ao momento da morte, confessava-se desilludido de descobrir a pedra philosophal...

*

* *

Pela Europa, como pelo mundo, passa agora um suave sopro de espiritualismo. Si apparecesse nestes dias um propheta, e si a policia não o trancafiasse na cadeia, como perturbador da ordem, elle arrastaria após si nações inteiras. A alma humana, mercê das perplexidades philosophicas e fluctuações espirituaes de quasi um seculo, está preparada, como uma chapa photographica, para receber impressões espiritualistas.

O caso dos *Anjos de Mons* é um symptoma do que affirmamos. *La Revue*, no seu ultimo numero, explica em que consiste a apparição de Mons, que tão grande celeuma tem levantado na Inglaterra. O povo inglez, principalmente a gente dos campos, está convencida de que São

Jorge appareceu aos inglezes o anno passado, por occasião da batalha de Mons. Depois da batalha, que os alliados perderam, retiravam-se os inglezes para as bandas de França, acossados pelos teutões, quando surgio no céo, luminosamente, um cavalleiro de armas fulgurantes, a cavallo, lança 'em riste, e, do alto dos seus nimbos, devastou as phalanges germanicas, com uma furia só comparavel á do anjo que outr'ora fulminou os soldados de Sennacherib.

Todos os retirantes saxões viram esse estranho cavalleiro. Entretanto alguns viram, enquanto outros não viram, anjos auxiliares, que tambem matavam allemães.

No dia seguinte havia, do lado dos perseguidores, mais de dez mil mortos, cujos corpos não apresentavam vestigios do mais leve ferimento.

Os allemães, com certeza para deixarem mal os inimigos perante a opinião do universo, disseram que aquelles corpos, assim intactos, provavam exhuberantemente que os inglezes tambem usavam de gazes asphyxiantes. Mas é porque não tinham visto os anjos...

Esta lenda corre na Inglaterra, com pequenas variantes. Ha quem affirme que só appareceu S. Jorge. Ha quem affirme que apparece-

ram anjos. Não falta quem negue ambas as hypotheses...

Como terá nascido no subconsciente de todo um povo tão estranha historia?

De um modo muito curioso.

O sr. Machen, homem de letras, belga, actualmente em Londres, publicou no «*Evening News*» (salvo engano) um conto, cujo resumo é mais ou menos o seguinte: «Os inglezes retiram-se de Mons. Chovem sobre elles projectis de todos os calibres e variedades. A retirada é penosa. Os soldados cáem por pelotões, ás vezes por companhias inteiras. Os allemães avançam sempre. Ora, succedeu que entre os soldados inglezes, havia um que, entre varias coisas inuteis, sabia latim. Esse rapaz, marchando, fatigado, num estado de quasi sub-consciencia, lembrava-se de certo restaurante que elle frequentara em Londres e cujos pratos tinham gravada no fundo uma effigie de S. Jorge, em baixo da qual se podia ler, á guiza de motte: *Adsit nobis Sanctus Georgius!* E a tropa marchava. Marchava sempre. E as granadas choviam. Os camaradas continuavam a cair. O nosso homem, num momento de saudade, bradou, como num desabafo: *Adsit nobis Sanctus Georgius!* O seu visinho mais proximo repetio o brado. Outro o imitou. Então começaram todos os solda-

dos a bradar por S. Jorge. E logo, por um poder mysterioso, começaram a ouvir nos ares brados em linguagem archaica: *Eia! Pelo bem-aventurado S. Jorge!* E outros semelhantes. De repente appareceu o santo guerreiro, resplandecente, como nos versos de Verhaeren, e aniquillou os allemães, pelo poder miraculoso e irresistivel da sua lança ignivoma, emquanto os inglezes, protegidos por elle, conseguiam salvar-se...»

Como se vê, trata-se de um conto que, transcripto por um sem numero de semanas religiosas, logrou um exito nunca visto na Inglaterra. O povo acreditou candidamente na historia de S. Jorge. E, por um processo muito commum na eclosão das lendas, a imaginação popular accrescentou á narrativa, puramente litteraria, do autor uma variante que dava S. Jorge acompanhado por uma cohorte fulgurante de anjos. É claro que os catholicos abraçaram logo a lenda. E como os protestantes, na maioria das suas seitas, não se mostram infensos aos anjos como ao culto dos santos, o conto teve tambem larga repercussão entre elles.

Entretanto, os philosophos racionalistas explicavam o phenomeno por uma allucinação collectiva. Depois dos Santos Padres, Maudsley era chamado para dar a sua opinião...

O sr. Machen, autor do conto, explicou pela imprensa que aquillo era apenas um vôo da sua phantasia. Debalde. O povo continuou a crêr na realidade objectiva da visão de Mons. Mas o mais curioso é que uma dama do paço real da Inglaterra, com certa acrimonia, declarou a um jornal que a paternidade, ou melhor, a maternidade do conto pertencia a ella e não ao sr. Machen. Este fôra apenas um transmissor da suave phantasia que a dama de honor, por sua vez, lhe communicara por ordem de gente mais graduada do que ella...

O que ha de positivo é: 1º, que foi o sr. Machen quem assignou a fantasia; 2º, que o povo lhe deu e lhe dá ainda inteiro credito. Si foi a dama que a compoz, por ordem de Sua Majestade a Rainha, para «erguer o moral das tropas», isso não está provado. Tambem não está provado que S. Jorge tenha apparecido nem em Mons nem em qualquer outra parte...

•*

* * *

Que conclusão inferir de tudo isto? Que a alma contemporanea está num desses periodos de que costuma nascer ou o prestigio mystico

e político de S. Bernardo, ou o prestígio revolucionário de Lutero. Seja como fôr, essa facilidade em crêr, essa confiança tão absoluta e tão exclusivista nas visões do além significa que ha no fundo da alma moderna, apesar de todo o nosso dissolvente industrialismo, uma grande, uma profunda ancia de Infinito...

PELA FRATERNIDADE OCCIDENTAL!

Os mortos são sempre e cada vez mais explorados pelos vivos.

Augusto Comte.

A Humanidade se agita e o homem faz o possível por desencaminhá-la.

Bichat

Todos nós temos um pé no ar sobre a soleira da Verdade, e a mão no bolso da Humanidade.

Clothilde de Vaux.

Exploração dos fracos pelos fortes e esc.....mbação dos fortes pelos fracos.

O Dr. Audiffrent.

A san politica é filha da Moral e da Razão. Tem, portanto, a san politica duas mães; quanto ao pae, é incognito.

José Bonifacio.

—

Para a victoria do egoismo sobre o altruismo não precisamos sinão de amor, mais amor, um bocadinho de dinheiro e industria siderurgica.

Traiano de Medeiros.

—

Umanidade é sem H; sinão, não pega.

Miguel Lemos.

(NORMAS ORTHOGRAPHICAS)

—

A Republica brasileira não poderá achar melhor inspiração do que a da doutrina que tem o Amor como meio de vida, a Ordem por baixo e o Progresso por cima — salvo seja.

Benjamin Constant.

(Discurso num banquete celebre, depois da champanha).

—

Para a incorporação do pro'e'ariado á sociedade moderna, as patrias brasi-

leiras não podem pedir ás leis soluções reservadas aos costumes. O que se póde pedir é o facão do coronel João Francisco para quem não estiver comnosco e isto sem prejuizo da fraternidade universal.

Borges de Medeiros.

Os animaes são fortes e não comem carne: capim tambem sustenta.

Maxima Positivista.

(CARTA QUE A UM POSITIVISTA ORTHODOXO DIRIGE UM RETROGRADO-REVOLUCIONARIO)

Cidadão Demetrio Ribeiro.

HA trinta annos que o vosso nome não apparece nas folhas diarias; ha trinta annos passastes pelo Governo Provisorio como gato (nosso irmão inferior) por brasas; durante todo esse tempo ficou o vosso nome tão esquecido como si o vosso corpo já estivesse no Bosque Sagrado, definitivamente incorporado ao Grão Ser, gozando da immortalidade subjectiva e rindo-se do meu, que, sendo de um empirico,

retrogrado-revolucionario e anarchico, terá de contentar-se com o Campo dos Reprobos, para onde será levado como um funesto fardo por quatro orthodoxos de sobrecasaca preta, chapéo molle, sapatos de panno e guarda-chuva debaixo do braço, funebres, solemnes, espontaneos e sobretudo systematicos.

Do vosso nome só tive noticia quando li a Historia do Brasil na escola primaria: na narrativa da proclamação da Republica lá estava, com effeito, um cidadão Demetrio Ribeiro, que foi ministro das Obras Publicas no Provisorio. E nunca mais me fallaram da vossa pessôa. Depois que sahi da escola primaria, só hontem, abrindo o *Fon-Fon*, dei com um manifesto em que vinheis apresentado como candidato á presidencia da Republica!

Os cidadãos que vos apresentam não deixam de ser conspicuos até certo ponto e têm todos muita autoridade para fazer um presidente. A sua influencia na politica nacional é grande. Demais a mais, elles dizem que é preciso «republicanisar a Republica» e que vós sois o unico cidadão capaz de tão grande trabalho. Que sejais capaz de trabalhos até maiores, isso acredito eu, porque sois operoso e homem de bem; mas de republicanisar a Republica! Duvido um pouco. E quereis saber porque? Porque é,

impossivel republicanisal-a mais do que ella já está. Não ha no mundo republica mais republicana do que a nossa. A Suissa? A França? Os Estados Unidos? Andorra e São Marinho? Historias para adormecer crianças. Republica é a nossa. E sinão, vejamos.

No Governo Provisorio, um homem de bem como vós, não concordando com certo arranjo relativo á organização dos celebres bancos emissores, teve de largar a pasta; e a Republica fez os bancos, com o fim de popularisar-se. Decretaram-se estados de sitio; prenderam-se e fuzilaram-se personagens varias em nome da Ordem, do Amor e da Humanidade.

Depois houve Canudos. Uns centenares de sertanejos ignorantes, cuja psychologia está definitivamente feita por Euclides da Cunha, foram tidos por inimigos do regimen federativo, e a Republica, em vez de mandar-lhes professores primarios, mandou-lhes tropas e balas e elles foram exterminados em nome da Ordem por base, do Progresso por fim, do Amor por principio e de todas aquellas coisas civicas, domesticas e planetarias que vós sabeis muito melhor do que eu. Depois vieram mais revoluções, defalques, augmentos de impostos, furtos sem nome nem qualificativo, tudo em nome da san politica, filha de duas mães: a Moral e a Ra-

zão. Depois tudo se desmoralisou; o nível mental do paiz baixou; a cretinice venceu; a ignorancia triumphou; a falta de character substituiu a seriedade do Imperio; as leis ficaram sendo feitas de accordo com os interesses mais confessaveis das camarilhas dominantes; os homens de valor foram espontanea e systematicamente afastados de todas as posições de mando para dar logar aos imbecis e accesso aos velhacos; emfim, cidadão, tudo desceu, tudo dissorou, tudo se dissolveu, tudo que havia outrora desapareceu para que triumphasse o regimen republicano, proclamado, segundo diz o manifesto, «na gloriosa jornada de 15 de novembro de 1889». E ainda querem os vossos amigos republicanisar a Republica! Impossivel! A Republica é isto mesmo que nós vemos por ahi; e tanto assim é, que no tempo do Imperio não havia as maravilhas que hoje nos felicitam.

Em todo o caso, forçoso me é reconhecer que a apresentação da vossa candidatura é systematicamente orthodoxa, porquanto representa espontaneamente uma digna adaptação do mytho da Virgem-Mãe, agora felizmente incorporado ao dominio empirico da politica. Com effeito, segundo a utopia da Virgem-Mãe, qualquer digna representante do sexo affectivo, dispensando a fatal grosseria do concurso masculino,

até hoje apoiado nos sophismas da falsa sciencia official e academica, e assim, conservando toda a sua pureza, póde conseguir, pela autonomia de um simples esforço cerebral, a concepção de novos seres, que poderão não ser systematicos, mas serão fatalmente muitissimo espontaneos. Assim, a vossa candidatura, concebida sem eleitorado, dispensa a abjecção do gesto empirico de metter votos nas urnas, e deixa-nos a esperança de que, pela autonomia de um simples esforço dos nossos corações, sem eleição nem reconhecimento, possamos ver-vos de repente assentado na cadeira presidencial, governando sociocraticamente o paiz. Porque, cidadão Demetrio, só assim podereis chegar a esse appetecido Cattete, por cuja causa o vosso antigo collega de governo, o cidadão Ruy Barbosa, ainda vae acabar fallando sózinho...

Quanto ao mais, crede-me sempre vosso na Fé, na Esperança, no Amor á Humanidade, no Progresso e em todas aquellas complicações civicas, domesticas, planetarias, astronomicas e gastronomicas da egrejinha da rua Benjamin Constant.

O CASO DO PRETO ELOY

FOI o caso do preto Eloy assim como se segue.

Eloy era vendedor de sorvetes ahi pelo Cattete. Bom christão não sei si o era; bom cidadão creio que sim, pois nunca se ouviu dizer que andasse mettido em sucias e tranqui-ber-nias. De dia e de noite, pela rua do Cattete e pelas transversaes, Eloy era o encanto das crianças, quando dava o seu pregão sonoro: *Sorveete, yayá! É de abacaxiii...*

Mas cada qual tem seu dia aziago; e um bello dia Eloy, que até então fôra tão pacifico, trocou asperezas com outro cidadão; travaram-se de razões e foram a vias de facto, como dizem os noticiaristas; mas foi coisa sem importancia: Eloy feriu levemente o seu aggressor e foi pre-

so por um guarda civil que acertara de estar ali no momento, representando a Sociedade. Esse representante da ordem social levou Eloy para a delegacia, onde um representante mais graduado tomou por escripto o seu depoimento e depois o enviou para a Detenção e mandou os autos para o juiz, tambem representante da sociedade. Este juiz, achando que o caso, de accordo com a Lei, era grave, condemnou Eloy a alguns mezes de prisão, para desaggravo da Sociedade offendida e escarmento das gerações futuras. Cumprida a pena, saiu Eloy da prisão, e pensou que devia honestamente voltar a trabalhar pelo seu officio de sorveteiro; para o que, foi tirar licença na Prefeitura, que é, como se sabe, uma repartição onde se defendem os interesses da Sociedade; mas na Prefeitura lhe declararam que a Sociedade, em nome da qual se fazem as leis, exigia que qualquer cidadão que quizesse vender sorvetes apresentasse folha corrida, passada pela Policia; e lá foi Eloy á Policia Central. Depois de muito peregrinar por aquelles longos corredores, cheios de guardas civis e mau cheiro, sempre conseguiu expôr o caso a um funcionario; este, depois de ouvi-lo, declarou que não lhe podia dar folha corrida, por ser elle criminoso.

— Mas eu já cumpri a sentença, replicou humildemente Eloy. De que irei viver agora?

— Não importa, retrucou o representante da Sociedade. Você é criminoso, meu velho; a sua ficha identificadora está aqui; e enquanto não fôr cancellada, Você não terá folha corrida.

Et voilà où nous en sommes. Tem razão a Prefeitura, tem razão a Policia e tem razão Eloy. Apenas não tem razão a Sociedade, que devia pedir a seus representantes a fineza de não impedir o caminho da honra pelo resto da vida a um cidadão, só porque foi processado um dia por leves offensas phisicas. Mas como estamos em estado de sitio e, pois, são muito mais latos os poderes do presidente, resolvi escrever, a rogo do preto Eloy, esta petição, carta, missiva, ou o que melhor nome tenha, a S. Excellencia. Ahi vae, portanto, a

Petição de Eloy, preto, sorveteiro e brasileiro, ao Doutor-Presidente.

Meu Senhor — Saindo outro dia da prisão do Estado, onde estive cumprindo sentença por crime de offensas phisicas, quiz voltar ao meu officio de sorveteiro, no que fui impedido pela Policia de Vossa Senhoria, a qual me negou folha corrida; pelo que, estou agora sem saber o

que faça: porque, não tendo pratica de furto, não posso trabalhar como gatuno, tanto mais quanto actualmente todas as vagas de gatunos estão occupadas por bons cidadãos, alguns até amigos de Vossa Senhoria; de sorte que não ha lugar para mim. De outro lado, succede que o director da prisão, onde eu tive nota de bom procedimento, não consente que eu continue a morar lá, porque o aluguer d'aquella pensão depende de despacho de juiz; e o juiz me disse que, não sendo eu já criminoso, por ter cumprido a sentença, e dado satisfação á Sociedade, não posso continuar na cadeia de Vossa Senhoria Illustrissima, como era aliás de meu desejo, porque a Policia quer que eu, ou morra de fome, ou commetta outro crime. Vae, então, eu resolvi pedir a um amigo meu que escrevesse uma carta a Vossa Senhoria, explicando tudo quanto se tem passado com a minha humilde pessoa, que sempre respeitou muito a toda a Sociedade e a Vossa Senhoria tambem. Quando eu sahi da prisão, a minha machina de fabricar sorvetes estava já enferrujada; o baldezinho em que eu carregava os sorvetes para vender á freguezia tambem está carcomido de ferrugem; e ainda, por mal dos meus peccados, a Marciana, uma do morro do Pinto, que me ajudava em casa, fugiu, isto é, si fugiu não sei,

mas o certo é que desapareceu, e eu soube pela vizinhança que quem lhe andava arrastando a aza na minha ausencia era um cabo do 20 de infantaria. E agora pergunto a Vossa Senhoria, meu patrão, si tudo isso não faz um homem perder o juizo. Perdi a machina, perdi o balde e perdi a Marciana, isto sem fallar do tempo que perdi na cadeia; e agora não me dão folha corrida e sem ella eu não posso ser vendedor ambulante. Pois então, meu senhor, para poder vender sorvetes sou obrigado a apresentar folha corrida, e não se exige isso a muitos cidadãos que occupam logares mais importantes do que o meu! Por exemplo, Vossa Senhoria é o nosso Doutor-Presidente e ninguem lhe exigiu folha corrida antes de Vossa Senhoria tomar posse do Cattete. Ainda outro dia Vossa Senhoria nomeou um seu amigo ministro da Fazenda e ninguem lhe exigiu folha corrida. E o Doutor-Prefeito? E o Doutor-Chefe de Policia? Os jornaes têm dito d'elles muita coisa que nunca ninguem disse de mim, porque, si alguem o fizesse, eu, com licença da palavra, mandava-o para o cemiterio; entretanto o Doutor-Prefeito é o Doutor-Chefe, antes de aceitar os seus cargos, não apresentaram folha corrida; e eu, mal comparando, si fosse Vossa Senhoria, não os nomeava sem que elles me mostrassem esse do-

cumento, porque são accusados de ter feito coisas que Deus me livre de fazer. É por isso que um doutor meu amigo me disse hontem: — «Eloy, você não é larapio; por isso pôde contar com a sympathia da Republica, que é o paraíso dos ladrões».

Eu então respondi:

— «Lá quanto a não ser gatuno, nisso o doutor tem razão, porque eu, com effeito, sempre fiz por ser homem de bem. Agora, quanto á Republica, disso eu não posso fallar, porque infelizmente não tenho os estudos necessarios».

E o doutor repetiu:

— «Eloy, fique com o que lhe digo: a Republica é o paraíso dos ladrões».

Eu então respondi:

— «O doutor que o diz é porque sabe; que emquanto a mim, dessas coisas não entendo, por falta de habilitação; que meus paes não souberam puxar por mim, como os paes do doutor; si não fosse isso, eu não estava agora sem a folha corrida; tudo por falta de estudo». E é exactamente isso que mais me vexa. Tivesse eu um pouco dos estudos de Vossa Senhoria, quem sabe o que eu poderia ser? Mas a sorte não quiz que eu fosse alguém, podendo ter-me feito muita coisa neste mundo. Bôa vontade não me falta. Tanto

assim que eu aprendi a ler por mim mesmo, no Lyceu de Artes e Officios; e um doutor muito instruido já me disse uma vez:

— «Eloy, este mundo anda ás avessas; você é que devia ser o presidente; e o Wenceslau devia vir vender sorvetes». Eu não digo isto por soberbia nem para faltar com o respeito devido á sua digna pessoa, mas isso que ahi está é a opinião de um doutor, um homem formado, que estudou cinco annos; e serve para provar que, si eu, na opinião de um homem tão illustrado, tenho habilitações até para ser presidente, não sei porque me negam a folha corrida, de que necessito para ser sorveteiro. Já paguei a minha divida á Sociedade; não sei o que mais querem de mim. Espero, pois, que Vossa Senhoria ordene ao Doutor-Chefe que me mande passar a folha; Deus lhe dará a recompensa e eu lhe darei um sorvete. Creado e admirador de Vossa Senhoria Illustrissima — *Eloy, sorveteiro nacional*».

A POLICIA CONTRA O DR. AUSTREGESILO!

DELIBERANDO combater severamente o jogo, entrou a Policia no Centro Pernambucano e prohibiu que continuassem ali a jogar campista, roleta, etc.. A Policia é de opinião que a campista é jogo de azar, e que o caminho de ferro, não. São modos de ver. Todo jogo é de azar. Quem aposta numa egua de corrida não póde saber si ella vence ou não vence o pareo; tanto assim, que alguns deixam de apostar pelo *favorito* para jogar no *azar*. A policia, porém, tem lá suas opiniões a respeito, eu não me atrevo a critical-as pela simples razão de que nada entendo de jogo. O que me interessa nessa prohibição de jogos de azar no Centro Pernambucano é apenas a pessôa do illustre presidente daquelle gremio. Esse presidente é,

como se sabe, o notavel medico, academico, poeta, prosador e politico dr. Antonio Austregesilo, meu muito querido amigo e admirador.

O sr. desembargador Chefe de Policia, perseguindo o jogo, encara o problema sob o aspecto puramente juridico e moral. Ora, como é sabido, a letra da lei mata; o espirito é que lhe dá vida. Quer isto dizer que a lei, por mais taxativa e rigorosa que seja, necessita de ser interpretada com serenidade, porque nem sempre a sua estricta applicação dá resultados. Mais de uma vez, porém, será necessario interpreta-la benignamente para não destruir em determinados individuos certas capacidades e pendorres aproveitaveis. É precisamente agora o caso do presidente do Centro Pernambucano.

O dr. Austregesilo é um desses temperamentos multiformes que têm aptidão para todos os misteres. Emquanto estudava medicina, fazia litteratura, sob o nome de Antonio Zilo. O seu livro MANCHAS, no qual ha um conto maravilhoso intitulado *A Alma do Serrote*, é de uma pureza de estylo, de uma fecundidade tal de imagens, que não me consta haja coisa parecida em nenhuma das litteraturas occidentaes. Quem soube traçar-lhe com maestria o perfil psychologico foi o prof. Abreu Fialho, num discurso de saudação que lhe fez a 21 de julho do anno

passado. O dr. Abreu Fialho, esboçando Austregesilo aos 16 annos de idade, disse: «Posto que já lhe pennujasse o buço, nem por isso deixou de aleitar-se nos seios tumescentes da Fortuna, que bem sabe a quem escolhe para os grandes destinos».

Eis ahí o que se póde chamar uma nesga de quadro bem realista: o dr. Austregesilo, aos 16 annos de idade, aleitando-se nuns seios tumescentes. Isso é bom...

Continuando, disse o dr. Fialho: «Eu disse que Antonio Austregesilo tem sido o que tem querido. Pois foi somnambulo e semeou chimeras; foi nephelibata e voou ás nuvens de onde trouxe MANCHAS para a terra que elle pisava á moda dos litteratos daquela escola e dos moços da sua epoca, com botins vestidos de polainas, ao mesmo tempo que trazia inclinado á ilharga da cabeça inquieta o chapeo alto de copa cinzenta, margeado pelas melenas romanticas, no desalinho classico dos poetas que recebem inspirações do Olympo pelas azas dos ventos. Subia de novo aos deuses pagãos, com quem tinha colloquios, rómanceava, descantava em sonetos graças donosas e baixava á vida temporal para doidejar então nas vertigens das valsas».

Este esboço é de mestre. Devia realmente ser interessante o joven Austregesilo aos 16

annos, sugando os seios tumescentes da Fortuna, com o chapéo á ilharga da cabeça, somnambulando, nephelibata, trazendo manchas para a terra, dansando valsas, recebendo inspirações olympicas nas azas dos ventos e concebendo primores litterarios como a *Alma do Serrote*.

Formado, dedicou-se o joven medico á clinica. Mas isso não lhe bastava, porque, como diz o dr. Fialho no citado discurso, Austregesilo «vinha ungido para a lucta, com um mundo de esperanças alvorejando em sua alma vibratil, irrequieta, anciada, e trazendo nas pupillas o reverbero das chammas sagradas da gloria». Este reverbero das chammas da gloria despertou-lhe a cubiça de uma cadeira na Faculdade de Medicina. Duas vezes entrou em concurso e duas vezes foi batido. Mas quem nasceu fadado á gloria ha de ser glorioso; e, como nunca falta um ministro amigo numa Republica de Camaradas, esse ministro amigo nomeou professor ao dr. Austregesilo. Eil-o, pois, na Faculdade de Medicina, com carta branca para injuriar impunemente os microbios, chamando-lhes *iontes do mal* e *Damosos Salcêdes* do organismo, o que se póde facilmente verificar nas PALAVRAS ACADEMICAS.

Isso ainda não lhe bastava. O reverbero das chammas da gloria exigia mais; e elle foi

eleito membro da Academia Nacional de Medicina. Mas o reverbero das chammas da gloria é insaciavel. Austregesilo precisava de ser o que se chama um litterato consagrado. Escriptor festejado já elle o era; restava-lhe ser consagrado. Como? Entrando para a Academia de Letras. E entrou. Não se sabe como, mas o certo é que entrou, ou melhor, escorregou lá dentro por um voto de maioria. «Pois eu lá o vi, na Academia de Letras, diz ainda o dr. Fialho no seu citado discurso, no seu vistoso fardão de academico, de espada á cinta, sorridente e feliz. Até hoje, porém, não revelou nenhum instincto guerreiro». Ainda bem que assim é, e eu faço votos para que assim seja sempre.

Continúa o dr. Fialho: «Ainda não está bem averiguada a pathogenia daquella enfermidade pegadiça, que tem tocado e molestado tanta gente bôa e fina. Ainda não se sabe bem a razão desta attracção, desta gravitação de corpos medicos para o centro desse systema de corpos academicos». Longe de mim a pretensão de querer passar um quináu em pathologia ao professor Abreu Fialho; mas vou esclarecer-lhe o espirito a respeito dessa doença. A meu ver, o germen pathogenico dessa enfermidade pegadiça outro não é sinão aquelle famoso reverbero das chammas da gloria com que o dr. Austregesilo

o nome de Demambara. Esse germen é terrível
 na sua capacidade indocilisante; é mais peri-
 goso do que o typanozoma Cruzii...

...o modesto professor e academico ainda
 não estava contente. Faltava-lhe uma cadeira
 de reputação. As glórias scientificas e litterarias
 era preciso acrescentar as glórias politicas. O
 sciencia e litterato devia mostrar que era tam-
 bém estadista. Um bello dia, o sr. José Be-
 zerra senador da Republica, teve umas dôres
 de cabeça. Chamaram o dr. Austregesilo. Este
 depois de interrogar, auscultou, percutiu, sorriu,
 curou e convenceu, deu uns pulinhos, pronun-
 ciou algumas frases sibyllinas e tremelicantes, as-
 sentiu-se e passou a seguinte receita:

R. Uso Interno

Fez o Exmo. Sr. Senador

José Bezerra

Agulhete Aleman n. 1. 209,0.

Tomar de uma vez.

Entregou o *recipe* a alguem da casa do
 senador; recomendoou que mandassem buscar o
 medicamento na Pharmacia Campos Heitor e
 esperou. O senador tomou a purga; dez minutos
 depois viu-se um effeito tonitruante, tempestuo-
 so, pestilencial, uma procella putrida no meio

da qual, como destroço de um naufragio, appareceu uma cadeira de deputado que o sr. Austregesilo mais que depressa foi tratando de agastanhar assim mesmo como vinha. Como é bom ter um homem sugado os seios turgidos da Fortuna aos 16 annos!

Mas o professor-deputado-academico ainda não estava contente. O reverbero das chammas da gloria queria mais. Diz, com effeito, o dr. Fialho á pag. 16 do seu citado discurso, que o dr. Austregesilo, «como homem victorioso na vida, sente a nostalgia das luctas, dos esforços, das glorias passadas, e é coisa profundamente humana que uma gloria ardentemente desejada e possuida, appetecida e sáciada, desperte o anhelos de outras glorias, de outras tentações, de outras alturas, de outras emoções».

Exactamente. O dr. Austregesilo, fatigado de outras glorias, appeteceu conhecer as de banqueiro de jogo. Foi por isso que elle installou a sua banquinha no Centro Pernambucano, de que é muito digno presidente. Outras glorias, outras tentações, outras alturas, outras emoções, como diz o illustre oculista. A gloria de cartear no bacará! A tentação de uma aposta na campista! As emoções vertiginosas do jogo sentidas nas alturas de um *bancou!* Mas a Policia implica com semelhante divertimento. Prohibe a

tavolagem do dr. Austregesilo. Porque? Pois então elle póde ser professor, escriptor, duas vezes academico, deputado, bailarino, tudo neste paiz e só não póde ser banqueiro de jogo? Porque? Pois si o homem quer disputar as glorias do Tantan, do Djalma, do Alvim, do Victor Fernandes, e outras autoridades na materia, porque vem a policia e lhe tira esse prazer? Elle tem, como diz o dr. Fialho, a nostalgia das luctas. Luctou com os medicos; luctou com os litteratos; luctou com os politicos. Agora quer luctar com os banqueiros e acaba luctando com a policia. Injustiça da Fortuna, em cujos seios elle mamava ainda aos 16 annos! O desembargador Geminiano e seus auxiliares devem ser mais humanos para com o notavel homem de Sciencias, de Letras e de Estado. Não cortem a carreira do rapaz. Deixem-o fazer os seus *bancous de beijo*. Para que contrariar-lhe a vocação? Elle não sabe em que se metteu. Os outros conhecem a escripta. Elle... não sei. Si conhecer, muito que bem. Si não conhecer, vae deixar no *tapis* tudo quanto lhe deu a clinica. Deixem o homem bancar o trouxa á vontade. Si elle, como diz o dr. Fialho, nasceu realmente para ser glorioso, como banqueiro de roleta será fatalmente levado á Gloria...

OS DRAMAS AMERICANOS

EU tive a paciência de ouvir a *Fanciulla del West*, de Giacomo Puccini, que a companhia italiana nos deu no Municipal. Esta opera não resiste a dez minutos de critica séria. É difficil encontrar no repertorio lyrico uma burundanga tão massuda, tão monotona e tão desprovida de pensamentos elevados, sérios e honestos como essa partitura de Puccini, que, segundo rezam as chronicas, é apreciadissima pelos mineiros do Far-West...

Mas si a musica pucciniana, com as suas dissonancias pretenciosas, com a sua ausencia de surtos symphonicos, com a sua pobreza de inspiração melodica e, principalmente, com a sua falta de probidade artistica, me deixou desolado, o libreto, ou, para fallar em gyria de

bastidores, o *poema* interessou-me. O libreto póde ser reduzido a linhas geraes de extrema simplicidade.

Um bandido está perseguido pela justiça summaria da California, ao tempo em que a ida para as minas de ouro constituia acção homérica. Esse bandido, porém, tem a felicidade de inspirar amor a uma rapariga livre, bella, agil e instinctiva, que vivia numa bodega, servindo alcool aos mineiros. A rapariga chamava-se Minnie. O xerife, que é como quem diz — o subdelegado de policia — persegue o bandido. Minnie o esconde no seu celleiro. O xerife o descobre, guiado por uma gotta de sangue... Minnie propõe ao xerife jogar a liberdade do amante ao *pocker*. O representante da lei aceita o desafio... Mas o xerife é um jogador consummado. Minnie começa a perder. O amante, a seu lado, ferido por uma bala de revólver do xerife, geme e espera a prisão. Então Minnie faz tribofe. Finge uma crise nervosa. E enquanto o xerife vae a uma prateleira buscar vinho para reanimal-a, a rapariga esconde uma carta dentro da meia, surripia um az e ganha a partida... Mas os mineiros, suspicazes e vingativos, querem executar o bandido. Depois de varias peripecias sem importancia, levam-no a uma floresta para enforcal-o. E quando o condemna-

do já está com o barão ao pescoço, prestes a perder a vida, eis que surge Minnie a cavallo, num galope walkyriano, e supplica, observa, insta, impõe, exige a liberdade e a vida do amante. Os mineiros, antepassados dos mesmos que hoje applaudem Puccini, rendem-se diante de tão grande amor. Libertam o bandido. E os dous amantes se afastam para o interior da floresta virgem...

Evidentemente o *peema* está longe de merecer enthusiasmos. Quem o fez não soube fazer sobresahir o que ha de heroico naquella acção movimentada. É um libreto de cinema. A acção, porém, encarada em si mesma, sem preconceitos e sem considerações pelo Codigo Penal nem pelo Codigo do Bom Tom, é bella.

Existe nella tudo quanto deve existir nos dramas americanos. Os que vivemos á sombra destes palmares, herdeiros de tradições barbaras mal caldeadas no crysol da civilisação européa, temos de fazer inconscientemente a synthese dos valores moraes e sociaes que herdamos do Passado e que devemos transmittir ao Futuro. E essa synthese, salvo melhor interpretação do nosso espirito como povos, reside numa concepção, por assim dizer, instinctiva e pragmatica da Vida.

Nem se diga que não pôde haver esthetica numa façanha de mineiros rudes.

Um temperamento artistico tanto pôde esthetisar a immensidade dos intermundos como a pequenez das bactérias. E um temperamento vulgar, si não vê a belleza de um micro-organismo, é igualmente cégo diante das irradiações dos astros. Afinal de contas, que é um gallo para um camponio simplorio e pratico? É uma ave mais ou menos valente, que lhe facilita a reproducção dos gallinaceos e que, pelo seu canto periodico, lhe serve de relógio durante a noite... Mas para Rostand é um thema esplendente de que elle extrahirá uma comedia grande. Tudo depende da maior ou menor intensidade do idealismo de quem observa os phenomenos da Natureza.

Nas proezas dos mineiros façanhudos do Far-West ha belleza heroica. Quem não verá belleza nessa multidão de homens instinctivos, espontaneos e bravos, que abandonavam a paz dos lares, ou as angustias de uma civilisação convencional e lá se iam para os desertos, ao sol e á neve, transpondo montanhas, afrontando feras e tribus indigenas, arrostando a peste, morrendo no Lago da Morte, perecendo a fome, a sêde, a frio e a bala e tudo isso para que, céos piedosos? Para arrancarem á Terra o ouro.

o ouro, sempre o ouro! Não haverá belleza dramatica na vida desses homens primitivos? Todos os seus desejos eram feitos de ouro.

Tudo quanto elles viam era ouro. Tudo que elles tocavam era ouro. As suas menores sensações eram de ouro. Só pensavam ouro. E quando morriam, ou das sagittas envenenadas do autochtone, ou das balas dos seus companheiros de aventuras, a ultima visão que lhes interessava a retina agonisante era ainda a do ouro. Morriam, desesperados talvez, e mais desesperançados do que desesperados, mas, como uma compensação que lhes dava a Natureza, a debilidade cerebral, que acompanha os ultimos paroxysmos do moribundo, lhes transformava em ouro as arvores circumjacentes; e os lagos pestiferos de onde lhes vinha a morte eram tambem lagos de ouro...

Quem lê as façanhas dos nossos bandeirantes num compendio de historia, mal pôde adivinhar toda a esthetica que dorme no meio daquelles homens barbaros. Mas Olavo Bilac, que sabe ver, vio Fernão Dias Paes Leme morrer num sonho de esmeraldas...

No caso concreto da *Fancciulla del West*, a figura central, Minnie, é a personificação da vida americana, como deve ser entendida. E quando eu digo *americana*, entendo toda a Ame-

rica, desde o territorio de Alaska até a Patagonia; toda a America cheia de florestas virgens, e de caudaes gigantescas; a America das Montanhas Rochosas, dos Andes, da Cordilheira do Mar, do Mississippi, do Amazonas, dos pampas e dos lhanos; toda a America, mesmo a dos buffalos, dos selvagens, dos intellectuaes, dos industriaes, dos mecanicos, dos politicos e dos *rastacueros*...

Minnie é a Walkyria moderna, mas uma Walkyria superior á das velhas theogonias escandinavas. É uma Walkyria indomavel. A sua lei é o instincto. Não é, como a scandinavia, a *escolhedora da Morte*. Pelo contrario, é a interprete e a propagadora da Vida, através da multiplicidade dos instinctos. Não ha Odin capaz de refreal-a. Não ha Wottan capaz de adormecel-a numa floresta encantada, ou uma montanha ignivoma, até que Siegfried, forjando uma espada invencivel, venha despertal-a do seu somno e desposal-a.

A Walkyria americana cavalga um ardego ginete e atravessa as florestas em busca de Siegfried. Ella não escolhe nem teme o amante que lhe apresentar o Destino. Nunca pedirá, como Brunhilda, que a circumdem de fogo, para que não venha maculal-a cavalleiro que não pertencer á sua casta. Ella quer apenas o herói.

que fôr instinctivo tal qual; que souber fazer frente á Natureza e ao inimigo em defesa della com a mesma bravura com que ella saberá defendel-o, quando isto lhe cumprir. É uma Walkyria valente e amoral, que enfrenta o perigo e escamotêa uma carta ao jogo. Oh! a amoralidade! Mas a Biblia é um livro que está cheio della... Rebecca instiga o filho a enganar o pae, já velho e valetudinario. Lot dorme com as proprias filhas. Judith mente e é trahidora. Esther entrega o seu corpo a um tyranno que lhe não inspira amor. Em tudo isso está a amoralidade meditada e consciente, a amoralidade hebraica...

Minnie é uma amoral instinctiva, espontanea, que não pecca e que não offende o Codigo, porque ella é virginal como uma palmeira, e a Natureza é o seu livro.

O FANATICO DO BANGÚ

DOMINGOS de tal, devoto residente no Curato de Bangú, tendo em vista que nestes tempos de epidemia é mais prudente confiar nos santos do que na Saude Publica, resolveu pôr em pratica este meio prophylatico admiravelmente simples: collocar S. Sebastião num andor e fazel-o dar um passeio pelas ruas do Curato. Domingos até este ponto estava coberto de razão. Si S. Sebastião não fosse o padroeiro da cidade do Rio, ha muito tempo os cariocas já teriam sido devorados pelos mosquitos e pelas febres.

Nos sertões, quando ha epidemia de variola pelas cidades e aldeias, os matutos queimam estrume de boi ás portas das casas. Dizem elles ser o melhor *defumador* que existe. É

verdade haver autores modernos que discordam dessa opinião e apontam meios prophylaticos mais efficazes do que o adoptado pelos sertanejos. Não sei bem de que lado está a razão. Mas o que posso affirmar é que a variola chega a uma cidade assim como hoje; amanhã a população queima esterco bovino; geralmente a variola se despede no terceiro dia. Si por acaso os microbios, munidos de apparatus contra os gases asphyxiantes, persistem em continuar a guerra de trincheiras na pelle do povo, appella-se para o meio infallivel: São Sebastião. Basta leval-o em procissão pelas ruas da cidade, ahi por volta das quatro horas da tarde, para que os infinitamente pequenos portadores da variola se dêem por vencidos, creio que pelo effeito moral da presença do santo. Attendendo a essa efficacia do glorioso martyr contra as doenças contagiosas, certo vigario, varão de muita fé em Deus e nenhuma na sciencia, declarou no pulpito em occasião de peste:

— Meus irmãos! Remedio não vale nada. Estrume de boi é superstição. O verdadeiro estrume de boi é São Sebastião!

O Domingos do Bangú é da opinião desse bom vigario. Estava, pois, com a boa doutrina. Na execução é que elle foi atrabiliario, porque quiz fazer a procissão sem licença do parocho.

Bem se vê que o devoto homem não tem noção desta coisa formidável: o Direito Canonico.

O padre mandou chamar Domingos á sua presença e lhe ponderou que sem o seu *placet*, o santo não sairia. Domingos que, apesar de muito devoto, faz uma confusão lamentavel da Religião com a Republica, resistiu ao *Quos ego* parochial. Resistiu e declarou que punha mesmo a procissão na rua. O vigario pediu a intervenção da policia, e esta, de accordo com as leis e o cura, prohibiu a sahida do prestito. Desorientado, foi Domingos ter com um advogado e este requereu uma ordem de *habeas-corporis* para que o santo podesse sair á rua.

São Sebastião, lá nas nuvens, ha de achar tudo isso pittoresco. Esse *habeas-corporis*, si fôr concedido, parece-me que virá tarde. O advogado de Domingos, devia ter requerido isso no tempo de Diocleciano, quando o santo, aliás capitão de cohorte, se achava no ergastulô, sem fórmula de processo e condemnado sem julgamento, como si fosse um simples sargento conspirador. Mas requerer *habeas-corporis* para o santo quasi dois mil annos depois do martyrio é exquisito.

O vigario não se deixou amedrontar pela devoção revolucionaria de Domingos. Constituiu advogado e... *sub iudice lis est*.

Mas emquanto esperamos a decisão do juiz, podemos perguntar:

— De que lado está a razão? Do lado de Domingos, devoto, desobediente e recalcitrante, ou do lado do vigário, que não admite devoções sem o seu *visto*?

Parece que a razão está do lado deste ultimo. Domingos ignora estas coisas, mas toda a gente sabe que não é permittido a nenhum catholico organizar procissões sem acquiescencia do seu pastor. Este é que tem graça de estado para julgar da conveniencia ou da inconveniencia de uma procissão.

A Igreja é uma grande escola de autoridade. No dia em que ella, a exemplo das seitas protestantes, abdicar do seu julgamento na pessoa de cada catholico, nesse dia soará a sua ultima hora. Ella deixará de ser esse bloco homogeneo, que tem resistido a tantas procellas, para se desagregar e se dissolver num pantanal de seitasinhas que vegetarão aos trambolhões, levadas por todos os lados e impellidas *por todos os ventos de doutrina*. Cada vigário, uma vez que esteja em communhão com a Igreja, representa a autoridade da propria Igreja.

No dia que em cada freguezia qualquer Domingos puder fazer *sahir* procissões contra a vontade do parochio, a grande familia catholica

ficará sendo uma familia tão extravagante como a familia Benoiton e tão desmoralizada como a familia republicana...

Tenha, pois, paciencia o eminente Domingos. A sua rebeldia, embora se dê uns aresinhos pittorescos de scisma suburbano, é tão descabida como a de um soldado que quizesse fazer marchar um batalhão sem licença do commandante. Apenas com uma differença e vem a ser que: emquanto o indisciplinado iria immediatamente malhar com os ossos no xadrez, tu, amigo, por te não poder o vigario fazer o mesmo, requeres ordem de *habeas-corpus*.

Ah! como os tempos mudam! Eu quizera ver-te, ó Domingos, assumir essa attitude no seculo XIII, ali pelas alturas de Tolosa e no tempo daquelle famoso santo de quem tiraste o nome. Naquelle tempo, amigo, não estarias, como estás, em liberdade. Já estarias devidamente catrafilado num calabouço, como rebelde e contumaz. A contumacia, no tempo de São Domingos, era coisa muitissimo séria...

Nas informações prestadas ao juiz, disse o vigario de Bangú que eras dado a praticas de espiritismo. Por conseguinte estavas com mais esta culpa: bruxaria. Já terias soffrido varios interrogatorios, na presença de juizes ecclesiasticos, severos e implacaveis. Varias testemunhas,

velhas carcomidas pelo tempo e camponios ignaros, tremendo de medo deante dos esbirros da Inquisição, já teriam jurado coisas tremebundas: — que tinhas pacto com o demonio; que frequentavas o Sabbat; que ias em noites de Sexta-Feira-Santa confabular com o diabo debaixo de um carvalho, perto do castello do Conde de Tolosa; que em noites de lua cheia andavas pelos ares cavalgando uma vassoura; que te transformavas em lobishomem! Tudo isto, á luz de textos formidaveis, era dado como sufficientemente provado. E uma vez apurados estes crimes, os juizes ecclesiasticos te entregavam ao braço secular. Este poder, então, considerando que eras rebelde, ficto, convicto, bruxo, recidivo e contumaz, te condemnava a ser relaxado em vida. Sabes o que era *ser relaxado em vida*? Vou explicar-te.

Depois de passar a tua noite de oratorio, já condemnado, confessado e commungado (caso não preferisses morrer como um mouro), ali por volta das cinco da manhã, o carcereiro, á luz de uma lanterna embaciada, abria a porta da tua cella. Entrava um frade de São Domingos, que te exhortava á resignação e ao temor de Deus. Depois vestiam-te uma camisola de estamena, atavam-te as mãos atraz das costas e mandavam-te esperar as Ordens. Todos os sinos

de Tolosa dobravam a finados. E quando mais brilhasse o sol, o bello sol da Provença, vinham buscar-te á prisão. Organisava-se o prestito. Á frente iam os cavalleiros, nobres de Arles, de Orange, de Vienna, de Avinhão, de toda a cercania, uns brutos, Domingos, acostumados a espaldeirar mouros e albigenses, vestidos de ferro, arrimados aos montantes, barbudos e ferozes. Vinham depois os frades de São Domingos, de tochas accesas, os padres de todas as ordens, mysticos e impassiveis. E atraz delles, pobre penitente, precedido de um farricoco que badalava uma funebre campainha, tu, vestido de estamenha, seguias a medonha farrandula, de mãos atadas atraz das costas. Na cauda do prestito, a custo contida pelos quadri-lheiros do conde, toda a arraia miuda. Chegavas finalmente a uma praça. No meio della havia uma bem ordenada pilha de madeira besuntada de breu. Ao poste que centralisava essa pilha eras atado. Bem á tua frente, num palanque forrado de brocado carmesim, o conde de Tolosa, imponente e barbaro, com todos os filhos d'algo do seu condado. Em frente ao conde, alguns degrãos abaixo, um arauto d'armas, tirando do peitilho da oparlanda um pergaminho, desenrolava-o e lia um édito que dizia:

«Justiça, que em nome de Deus e da Santa

Egreja, ordena o mui nobre e poderoso conde de Tolosa, etc.»

Um frade, descarnado e pergaminhoso, levantava á altura dos teus olhos um esguio crucifixo. Alguns vilões, serviçaes do Santo Officio, ateavam fogo á pyra. As primeiras golfadas de fumo envolviam-te o rosto. Já as primeiras linguas de fogo lambiam-te os pés descalços de plebeu. Suffocavas, gemias, bramias, urravas, enquanto os sinos dobravam a finados. O provincial de São Domingos, erguendo a dextra, absolvía-te pela ultima vez. Os frades em torno, frios como si fossem de marmore, psalmodiavam lugubrememente o *Miserere*. Todo o teu corpo ardia na pyra immensa. Estavas relaxado em vida. E nem São Sebastião te livrava...

YUNKERS, NEGROS E YANKEES

ACABO de ler o livro FACE A FACE COM O KAISERISMO, pelo sr. James Gerard, ex-embaixador dos Estados Unidos em Berlim, livro que é a continuação do—MEUS QUATRO ANOS DE ALLEMANHA. Sem ser tão interessante como o primeiro, nem por isso deixa de merecer leitura attenta. O sr. Gerard é um narrador sobrio do que viu e ouviu. Não é um pensador de certa altitude, mas um homem pratico, observador e excellente redactor de relatorios diplomaticos. Os seus dois livros são resumos de relatorios. O primeiro é um pouco mais sereno do que o segundo, em que o autor, influenciado pelo ambiente guerreiro do momento, se revela um tanto imbuido desse anti-germanismo *à panache*, que tão comicos torna os jornaes francezes.

O sr. Gerard, como bom norte-americano, é um entusiasta da fórmula republicana como sistema de governo. Não ha duvida, realmente, que seja melhor viver numa democracia como a Suissa do que num imperio como era a Allemanha, dominado por uma casta militar poderosissima e disposta a tudo para satisfazer a qualquer capricho do seu monarcha. Tudo, entretanto, é relativo. Si, na Allemanha imperial, onde havia ainda principados sujeitos a governo absoluto, não podia um camponez offender o gato de um grão-duque, sem correr certos riscos quanto á sua liberdade e á sua pelle, tambem um facto se deve articular a favor dos allemães: nas ruas das suas capitaes nunca se queimaram negros vivos, como nos Estados Unidos, pelo simples e unico crime de não terem a epiderme branca. A phrase de Goethe, citada pelo sr. Gerard — *O prussiano nasceu barbaro; a Civilização o tornará feroz* — póde ser applicada tambem aos cidadãos da *Grande Democracia Pelle-Vermelha*. Da mesma sorte que o allemão estava convencido da superioridade da sua *Kultur*, confiado na solidez do seu progresso material, na efficiencia da sua artilharia e na exactidão da sua sciencia, assim tambem o norte-americano, com toda a sua democracia triumpicante e com a bocca cheia dos nomes de

Washington e Lincoln, não é menos orgulhoso, gabola e fanfarrão, quando olha para os seus milhares de kilometros de estradas de ferro, para os seus navios de guerra, para as suas usinas, para as suas minas, tudo *the best in the world*, embora o mundo esteja farto de saber que ha muita coisa melhor do que tudo isso. Essa gabolice, essa hypertrophia da vaidade nacional conscia da sua fôrça bruta, que levou a Allemanha á ruina, de certo não seria prejudicial a ninguem, si, por desgraça, não constituisse permanente ameaça contra paizes mais fracos. Até hoje os Estados Unidos têm provado que a sua moralidade internacional não é superior á de qualquer das outras nações de rapina que ha no mundo — Inglaterra, França, Turquia, Russia, Allemanha, Japão, etc. E, si compararmos a historia do poderio allemão com a historia do poderio norte-americano, verificaremos que os Estados Unidos estão muito longe de poder atirar pedras no Imperio Allemão e de divergir da Italia na questão de Fiume, a pretexto de liberdade de povos e vagos principios wilsonianos. O Mexico ahi está para attestar até que ponto póde chegar a voracidade kilometrica dos *yankees*. A Allemanha, atacando a França em 1870 e procurando esmagal-a agora, não fazia mais do que tirar desforço das muitas

guerras que os francezes lhe tinham feito. Vingava-se de odios pluri-seculares. Depois da victoria de Sedan, como os allemães continuassem a avançar, tal qual si a guerra ainda estivesse em inicio, perguntou a quem a Bismarck porque continuava elle a guerra, uma vez que, de facto, os francezes já estavam vencidos: «Estamos agora fazendo guerra contra Luiz XIV» — respondeu o Chanceller. Vingava-se das devastações da Westphalia e dos incendios do Palatinado. Moltke se indemnizava, no seculo XIX, das depredações ordenadas por Turenne e pelo principe de Condé... Havia, pois, como se vê, pretextos historicos que impelliam a Allemanha a atirar-se contra a França. Não quero dizer que fosse justo atirar-se a Allemanha prospera e forte contra a França desarmada e decadente; mas a verdade é que, além de razões economicas e financeiras, subsistiam motivos historicos, odios tradicionaes, que, si não justificam, pelo menos explicam a guerra entre as duas nações. Agora pergunto eu: que mal fez o Mexico aos Estados Unidos? Um grande mal: possuir jazidas de minerios preciosos que excitam a cubiça dos *yankees*. E a Colombia, cuja conquista Roosevelt, o grande caçador de leões empalhados, confessou em documento publico? E os povos que habitam as Antilhas? Não consta que algum

desses povos houvesse perpetrado qualquer delicto capaz de arrastar os norte-americanos a vindictas obnoxias á soberania dessas nações. Assim, o movel unico das aggressões pelos *yankees* realisadas contra os seus indefesos vizinhos tem sido apenas a cubiça; a não ser que a União Americana, ao som do *The Star Spangled Banner*, tenha em vista, com taes incursões pelos territorios limitrophes, vingar, em nome de Washington e de Lincoln, possiveis desaguisados anteriormente havidos, ahi por volta do seculo XV ou do seculo XVI, entre aztecas e pelles-vermelhas...

O embaixador Gerard, como todos os allia-dos, attribue a guerra apenas á ambição do Kaiser. É certo que, numa monarchia de direito divino, como era a Allemanha, o poder pessoal do Imperador, a sua aspiração á gloria, o interesse de tornar a dynastia popular perante a nação, além de outros factores de ordem politica, poderiam ter influido na declaração de uma guerra; mas não nos esqueçamos de que havia outros povos igualmente desejosos de fundar a sua respectiva hegemonia commercial, industrial, financeira e politica sobre os destroços de nacionalidades vencidas. Como o reconhece no seu livro o sr. Gerard, a alma humana é a mesma em toda a parte e sob a

influencia de todos os climas. A Allemanha que-
ria dilatar os seus dominios em detrimento da
França e da Russia. Ninguem o nega. Mas não
se póde negar tambem que a França quizesse
— e nunca fez mysterio disso — tomar a Al-
sacia-Lorena e ir a Berlim; que a Austria qui-
zesse submeter á sua corôa a Servia e possi-
velmente a Rumania; que a Italia tivesse con-
tas antiquissimas para ajustar com a Austria;
que a Turquia quizesse anniquilar a Grecia;
que a Bulgaria quizesse tudo quanto lhe fosse
possivel conquistar, inclusive Constantinopla;
que a Inglaterra quizesse destruir o surto com-
mercial allemão; que o Japão, alliado da In-
glaterra e rival dos Estados Unidos, quizesse
mastigar a China e um pedaço da Russia; e
finalmente que os Estados Unidos, depois de
ganhar muito dinheiro com a venda de armas
aos belligerantes, quizessem para si o predo-
minio commercial em toda a America e numa
parte da Asia. No meio de todos esses vastos
appetites mascarados de interesses nacionaes so-
brenadavam as cubiças multiformes dos mer-
cadores d'armas, dos capitalistas e industriaes
de toda a sorte, para quem a paz do mundo
vale muito menos do que os dividendos offe-
recidos pelas companhias aos respectivos accio-
nistas. Como, pois, attribuir só á vontade do

Kaiser uma catastrophe que nasceu de causas tão numerosas e complexas? O rei da Prussia póde ter concorrido para a guerra; mas isso não absolve de culpa e pena os varios reis da Finança e da Industria de todos os paizes, os quaes reis tinham na guerra interesses tão directos como os monarchas dos imperios centraes da Europa.

O sr. Gerard não esconde o seu escandalo de diplomata pelle-vermelha quando trata dos crimes de lesa majestade e da escravidão relativa em que viviam os judeus na Allemanha. Com effeito, é lamentavel que, em pleno seculo XX, seja um homem accusado de haver-se referido com menos reverencia ao Grande Eleitor, ao Marechal da Saxonia ou a algum Guilherme, marquez do Brandeburgo. Em todo o caso, quando algum deputado socialista, ou liberal se atrevia a dizer qualquer coisa desagradavel ao Imperador da Allemanha, este não o enforcava, nem degollava, nem espingardeava a seu talante, e muito menos mandava lynchal-o na praça publica. O magistrado competente, o órgão do ministerio publico, o que nós aqui poderíamos chamar, si estivessemos em regimen monarchico, o procurador da Corôa, procedia *ex-officio* contra o criminoso de lesa-majestade. O respectivo processo seguia os tra-

mites legais e o acusado era condenado, ou absolvido, conforme a natureza das increpações, ou das suas insinuações referentes ao Chefe do Estado e da Dynastia Reinante. Havia sempre uma fórmula de processo que se observava, antes de condemnar um acusado, formula arcaica, medievica, si o quizerem, mas sempre uma formula processual religiosamente seguida por todos os magistrados do Imperio. O que, porém, nunca se viu na Allemanha foi a perseguição, systematica e impune, a cidadãos allemaes por motivos de differenças epidermicas. Os judeus na Allemanha imperial podiam talvez viver em situação mais ou menos precaria; mas essa situação politico-social promanava do direito consuetudinario, das tradições nacionaes e de leis positivas devidamente votadas e sancionadas pelo poder competente. Não succede o mesmo nos Estados Unidos, onde um preto não tem direito de assentar-se num bonde ao lado de um branco e é lynchado na praça publica por qualquer motivo futil. O judeu na Allemanha imperial podia ver deante de si, na vida, algumas portas fechadas, mas ao menos tinha a certeza de que sua vida era respeitada; o negro nos Estados Unidos vive num regimen peor do que o do tempo de Abrahão Lincoln, porque naquelle tempo a sua vida era

poupada como um valor economico de renda immedíata, ao passo que hoje o negro, cidadão americano, que fala a lingua ingleza e dá seu sangue pelos Estados Unidos, como o provou durante a ultima guerra, vive na sua patria como o polaco na Russia quer dos tzares quer dos bolcheviques judeus, sem garantias politicas, sem horizontes sociaes, e antevendo, como unico premio da sua dedicação á Patria-madrasta, a probabilidade de ser lynchado ou queimado vivo em qualquer praça pública da Democracia dos Pelles Vermelhas. Isto nunca se viu na Allemanha. O allemão é severo, póde chegar a ser cruel para com o inimigo vencido; mas nunca, por motivo de raça, queimou na praça publica o seu concidadão, nem siquer o seu colono da Africa. A velha canção dos allemães diz que *a patria alleman é todo logar onde se falla lingua alleman*. O negro nascido nos Estados Unidos, no momento em que suas carnes se calcinam numa fogueira improvisada na praça publica, pede piedade em lingua ingleza, na lingua do presidente Wilson, mas os seus patricios brancos, crueis e selvagens, não entendem a linguagem da sua dôr; não comprehendem nem sentem os gemidos daquellas victimas inermes sacrificadas nos altares do seu egoismo carthaginez. Povo que por tal fórma

procede não tem direito de fallar ao mundo em nome da Civilização. Civilização não é progresso material apenas. A Civilização consiste principalmente no respeito que a vida humana inspira a cada individuo pertinente a uma collectividade.

O QUE SEJA UM AÇAMBARCADOR

SUCCEDEU que um bello dia o povo, o povinho, o vulgo vil sem nome, descobriu que não sómente os millionarios e as prostitutas têm direito a comer. Então, começou a reclamar. Os jornaes, que precisam do povo para subsistir, escreveram a favor do povo; e o governo, que, pelos modos, tambem não póde medrar sem o povo, resolveu tomar providencias drasticas para baratear o preço das victualhas. As providencias do governo consistiram em estabelecer um pomposo Commissariado de Alimentação! Facto notavel! Bastou que se estabelecesse o Commissariado para que os generos alimenticios encarecessem. Pelo que, a cidade se atterrisou com a perspectiva da fome. Os productores mandavam dizer: «Temos feijão, car-

ne, leite, milho, arroz, gado vivo, tudo quanto quizerem. Vendemos barato. A culpa da alta cabe aos compradores do Rio».

Os compradores do Rio tinham, como têm, os seus armazens abarrotados de mercadorias. Os jornaes clamavam. O Commissario sorria, fumava um góyano e contava uma anedota, que, por signal fazia morrer de rir o seu secretario e mais subalternos. Era, sem tirar nem pôr, o humorista da fome...

Ha ali na avenida Rio Branco, começo da praia da Lapa, um edificio de architectura desconhecida no qual funciona nada mais nada menos que a *Soberania Nacional*: é a chamada Camara dos Deputados. Nessa Camara ha cerca de trezentos individuos com apparencia humana, que se dividem em duas classes: a dos que fallam e a dos que não fallam; todos, porém, são eguaes perante o Thesouro. Ora, alguns desses cavalheiros começaram a bradar contra a fome. (Eu sempre odiei deputados que fallam contra a fome, pois não posso sympathisar com sujeitos que fallam do que ignoram). E como os deputados fallaram, a Associação Commercial estremeceu como as cotovias de La Fontaine, quando ouviram o proprio dono dos trigaes dar ordem para segal-os no dia seguinte.

Mas nada mais astuto do que o commerciante quando se defende. O commerciante, quando defende o seu dinheiro, é instinctivo como o animal quando defende a prole, porque o dinheiro do tratante é o osso dos seus ossos, o sangue do seu sangue e a carne da carne dos outros. Assim, pois, reuniram-se os negociantes secretamente (o que é facil em cidades mal policiadas) e combinaram entregar o destino da sua bolsa á Associação Commercial, o que vale dizer, a si mesmos. Mas a Associação Commercial, que é a Sorbonna dos traficantes, teve uma idéa solar: exigir da Camara que definisse o que fosse um *açambarcador*.

A Camara ficou aturdida. O presidente, as commissões, o plenario, todos ignoravam como definir um açambarcador. Si eu, porém, fosse deputado, pediria a palavra e diria com toda a emphase:

SR. PRESIDENTE — Açambarcador é o homem de côr mais ou menos esbranquiçada, gordo, de bigodes retorcidos, pançudo, braços cabelludos, que escreve *sebo* com *c* cedilhado; vae ao Recreio; costuma ir ao Municipal para dormir; tem um filho doutor que confunde Voltaire com Chateaubriand, o que não o impede de ser secretario de legação; tem uma filha

cujas carnes vastas, mal cobertas por vestidos leves, tremem e fazem estremecer nos logradouros publicos até velhos de setenta annos; tem ruas de predios e retratos nos jornaes; dá collares de vinte contos a raparigas que o enganam e não valem mais de dez mil réis, postas na praça; é provedor de irmandades e socio benemerito da Liga da Defesa Nacional; grande partidario da guerra, quer ella fosse contra quer fosse a favor da Allemanha; amigo pessoal do presidente da Republica e dos seus ministros, principalmente do da Agricultura e do da Viação; desprezador da intelligencia; incapaz de fallar dois minutos sem dar dez coices; candidato a retrato a oleo, a sepultura em São João Baptista, a missa de setimo dia em S. Francisco de Paula, e ao inferno, caso este ainda exista, o que eu espero em Deus... Eis ahi, senhor presidente, o que é um açambarcador. Mas si V. Excia. quizer definição mais clara e mais succinta, direi que *o açambarcador é o homem que tem no Caes do Porto dez, ou vinte armazens peçados de mercadorias que elle comprou por cinco e pretende impingir por cem, embora saiba que centenas de pessoas morrem de fome por causa da sua rapinancia. Tenho dito».*

Que me conste, ainda nenhum deputado definiu o açambarcador com esta clareza. É pena,

porque o assumpto é dos mais interessantes, principalmente para um representante da Nação. Em todo o caso, já que os deputados não querem firmar uma definição insophismavel do açambarcador; e já que tambem eu não tenho conhecimentos theoricos e praticos que me permitam definil-o, quero ao menos elucidar a attitude da Associação Commercial quando pediu á Camara *que definisse o que fosse um açambarcador*. Para mim, a Associação é mais ou menos como o frade capuchinho que disputava uma fritada de camarões a um jesuita e a um dominicano.

Foi o caso que, viajando em missões apostolicas e cada qual de sua banda, acharam-se casualmente hospedados no mesmo casebre de gente humilde um jesuita, um dominico e um capuchinho: o jesuita, intelligente, culto e astuto; o dominico, idem, idem, idem e tambem astuto; o capuchinho, nada intelligente, nada culto, mas astuto duas vezes mais que cada um dos outros. Estando, pois, hospedados no mesmo casebre, verificaram só haver para o jantar dos tres uma fritada de camarões, que mal chegava para um. Então, propôz o jesuita o seguinte:

— «Irmãos! Esta fritada mal dá para um de nós; assim, melhor é que a guardemos para

amanhan; vamos, portanto, dormir; e aquelle que amanhan contar o mais bello sonho que houver tido durante a noite, esse será o dono da fritada».

Annuiram os outros dois, e, feitas as orações, foram todos dormir, depois de guardarem a fritada num armario. É de supôr que dormiram como justos. No dia seguinte, feita a oração da manhan, reuniram-se na sala de jantar e trataram de conferir os sonhos.

O jesuita, que era o mais illustre, pediu a palavra e disse que sonhara ter sido arrebatado aos céos. E descreveu o céu, como jámais o fez o pincel de Fra Angelico. Os companheiros estavam maravilhados com a imaginação do orador! Depois d'elle, fallou o frade dominicano, que disse ter sido arrebatado... ao inferno! E descreveu o inferno como si fosse mais horrivel que o de Dante. Os companheiros estavam deslumbrados com a eloquencia do rival. A fritada, lá dentro do armario, indifferente e fria, sobretudo fria, aguardava o vencedor para entregar-se...

Chegou finalmente a hora do capuchinho, que estava callado, d'olhos baixos, mãos enteradas nas mangas, quasi todo elle sepultado na tumba das barbas abundantes e humildes.

— E o nosso frei Jeronymo? — interrogou o jesuita. Não sonhou nada?

— Eu? — respondeu o capuchinho, procurando desaparecer no seu habito côm de chocolate. Eu também sonhei; mas foi um sonho idiota... Tenho até vergonha de contal-o. Um sonho estúpido! Quem sou eu para fallar deante de Vossas Reverencias, um — discipulo do immortal Santo Ignacio de Loyola; o outro — discipulo do grande S. Domingos de Gusmão! Pobre de mim, que sou um humilde capuchinho, discipulo do *Poverello!*

— Mas, emfim, disse o dominico, Vossa Reverencia deve contar o seu sonho. É do contracto...

— Pois bem! Contal-o-hei, para meu castigo e confusão. Eu não sonhei com os esplendores do Céu nem com os horrores do Inferno. Sonhei apenas que me tinha levantado da minha cama; e fui até ao armario onde estava a fritada; abri-o; tirei-a de lá; levei-a para o meu cubiculo e comi-a!

— Oh! que horror! — exclamaram o jesuita e o dominicano a um tempo.

— Pois é verdade, continuou o capuchinho com lagrimas nos olhos, na voz e nas barbas. Sonhei que comi a fritada, mas o peor é que, quando me despertei, tinha realmente comido

os camarões! Peço a meus irmãos que me perdoem e me dêem salutar penitencia deste peccado que commetti dormindo...

O dominicano e o jesuita voaram ao armario, mas encontraram apenas um prato vasio...

Não sei porque, lembrei-me do capuchinho, quando a Associação pediu á Camara que definisse um *açambarcador*.

Emquanto os deputados discutem e berram e se injuriam e cavam e sobretudo dizem asneiras contra si proprios e contra todo o Universo, os açambarcadores se enriquecem e engordam, esperando que a Camara os defina.

Ao mesmo tempo o povo, roendo fome, medita barricadas...

PHILOSOPHOS E LIVRES-PENSADORES

O deputado J. Osorio, a respeito do Código do Trabalho, disse: «A questão só póde ser resolvida pelos philosophos, e nunca pelos livres-pensadores!»

Que é um philosopho?

Que é um livre-pensador?

Philosopho, supponho eu, é o individuo que procura obter a synthese dos conhecimentos humanos, resumindo-os numa sciencia que vulgarmente se chama Philosophia. Livre-pensador, como o indica o proprio vocabulo, é o homem que pensa livremente. Neste sentido, consoante o que observa Remy de Gourmont, todo homem é livre-pensador, porque do simples facto de pensar já se deve inferir que

elle o faz livremente, pois o pensamento de cada um é livre. *Livre como o pensamento* é phrase muito corrente entre nós; e si assim não fosse, o sr. Joaquim Osorio, não teria dado o seu aparte, com o qual se revelou o maior livre-pensador destes tempos.

Só os philosophos podem resolver a questão operaria, disse S. Excia.; por outras palavras, só os theoricos podem resolver as questões practicas. Ora, como entre nós ainda não ha philosophos, segue-se que a resolução da questão operaria tem de ficar adiada indefinidamente.

A Allemanha tem Kant; a França, Descartes; a Inglaterra, Bacon; a Italia, S. Thomaz de Aquino; a Hollanda, Spinoza; a Hespanha, D. Jayme Balmes; os Estados Unidos, William James. Esses paizes, podem, pois, resolver a questão operaria, de accordo com o respectivo character nacional e com o pensamento dos seus philosophos. Assim, ficam singularmente simplificados os programmas partidarios. Na Allemanha, quando o sr. Liebeknecht pedia no Reichstag mais algumas vantagens para os seus eleitores socialistas, de certo o Kaiser corria logo a folhear anciosamente a *CRITICA DA RAZÃO PURA, OU O MUNDO COMO VONTADE E COMO REPRESENTAÇÃO*; e na França, sempre que o sr. Jaurés fazia estremecer o Palais Bour-

bon em nome dos socialistas, o sr. Briand, o sr. Leon Bourgeois, ou qualquer outro que fosse presidente do Conselho, voava logo á bibliotheca a estudar o DISCURSO DO METHODO, de Descartes, ou o ESPIRITO GEOMETRICO, de Pascal. Porque só os philosophos sabem resolver taes problemas, da mesma fórma que, segundo disse certa vez Luiz XIV a Fontenelle, que extranhava a insinceridade de certos versos de Boileau, *só os poetas sabem escrever a historia dos reis...* Quanto ao Brasil — ai de nós! — nunca poderá resolver a questão dos salarios, porque infelizmente não ha, nq MUNDO INTERIOR, de Farias Britto, nada que se relacione com o assumpto...

O que eu não sei é como só os philosophos podem resolver as pendencias que se levantam a quando e quando entre trabalhadores e patrões. Comtudo, é possível que uns e outros ainda não tenham encontrado a solução de tão metaphysicos problemas devido á falta de philosophia. Si, por ventura, quando um operario pedisse augmento de salario, o patrão se puzesse a ler com elle o que Spinoza escreveu a respeito dos attributos da Substancia, talvez ambos conseguissem conciliar as necessidades do pobre com o dinheiro do rico. Ou então... Tudo depende da accepção em que se

tomar a palavra *philosopho*. Si se der a esta palavra a significação popular, talvez tenha razão o deputado Osorio, quando diz que só os philosophos são capazes de resolver o problema social; com effeito, para o povo, é *philosopho* o cidadão que se incommoda pouco com as coisas da vida; si tem dinheiro para almoçar, muito bem; si não o tem, olha para o céu, contempla o mar e sonha que almoçou; e assim, philosophicamente, tem resolvido o seu problema de vida muito melhor do que si fosse livre-pensador...

E que entenderá o sr. Osorio por *livre-pensador*? Para elle, que é positivista, livre-pensador é synonymo de revolucionario, como, para os catholicos, é synonymo de incredulo, de impio, de hereje, de anti-catholico. De facto ha cavalheiros que, tendo lido as obras de Eugenio Sue e alguns romances de Emilio Zola, negam a existencia de Deus e são inimigos pessoaes do Papa. Esses taes se intitulam espontaneamente livres-pensadores. Morreu ha pouco um antigo senador (Deus lhe dê o ceol), o qual, apezar de ter proferido no Senado alguns discursos anti-clericaes, inferiores aos do immortal Homais, não deixava de ser bom homem. Apenas, assim como ao grande Dom Quixote não se podia fallar em cavallarias sem que

elle perdesse a luz da razão, assim tambem a esse parlamentar ninguem podia fallar em religião sem que elle para logo se expraiasse nas mais desatinadas considerações. De uma feita, numa roda de amigos, como alguém fallasse em Deus, elle expendeu logo os seus mais fortes argumentos para provar que Deus era uma invençõe dos .padres para explorar «a credulidade dos incautos»; como, entretanto, a sua argumentação não parecesse surtir muito effeito no animo do seu interlocutor, recorreu ao argumento de autoridade e exclamou: «Dou-lhe minha palavra de honra em como Deus não existe!»

Deus, si de facto existe, e si ouviu esse argumento phenomenal, deve ter usado da mais divina das prerogativas dos deuses: deve ter sorriso...

Esse cidadão era um authentico specimen de livre-pensamento, tal como entre nós se interpreta essa attitude mental. Será a livres pensadores desta casta que se refere o sr. Joaquim? Si foi a esses que alludiu, estamos de accordo; livres-pensadores desse estofo não resolvem problema de especie alguma; dizer, porém, que livres-pensadores não comprehendem a questão operaria, nem vale a pena classificar esse primor. Porque livres-pensadores todos

nós o somos, uma vez que pensamos livremente; podemos nem sempre ter liberdade para exprimir, em voz alta, ou por escripto, o nosso pensamento, mas não ha quem, tendo o cerebro em estado de relativo equilibrio, não use da humanissima faculdade de pensar muitissimo livremente em tudo quanto não for contrario á razão e á experiencia. Em geometria, em physica e em biologia, a liberdade de pensamento é bastante limitada. Exemplo: *a somma dos tres angulos de um triangulo é igual a dois angulos rectos* e ainda não houve quem nos provasse o contrario; nisto, pois, não é possível haver livre-pensamento; mas em tudo mais que não repugnar á razão e á experiencia, é livre o pensamento de cada um de nós, tão livre, que um cidadão póde ser simultaneamente positivista e deputado, como o sr. Osorio, apesar do seu propheta Augusto Comte ser o fundador de uma escola radicalmente infensa a todas as assembléas deliberantes. É o que se póde chamar *liberdade de contradicção* entre philosophia e politica... Como positivista, deve elle considerar seu mestre Comte como os catholicos consideram a S. Thomaz, isto é, o homem que deu ao mundo a chave e a solução de todos os graves problemas espirituaes; ora, o sr. deputado não póde negar que Augusto Com-

te fosse livre-pensador, pois pensou coisas que outros ainda não tinham pensado; chegou até a pensar livremente a fundação de uma nova Religião, que é a da Humanidade, com o seu mytho da Virgem-Mãe, com o Grão-Ser, com o Grão-Feitiço, com a influencia santificadora do sexo affectivo e outras caraminholas que acabaram dando com o pobre grande homem no hospital dos doidos...

.

Exmo. Snr. A resolução do problema operario não é privilegio de nenhum homem nem de nenhuma casta intellectual. Quem o quizer resolver tem de obedecer apenas a tres condições: ser intelligente, ser bem intencionado e conhecer claramente o assumpto em debate.

O MAJOR DO BAIRRO TURCO

LÁ pela madrugada, ahi no *Bairro Turco*, um mussulmano espancava a socos um christão de menor idade; um guarda rondante, parecendo-lhe má aquella hegemonia furiosa do Crescente sobre a Cruz, deu voz de prisão ao turco, que resistiu e entrou para uma tasca onde se achavam patricios seus; e, todos juntos e unidos, fizeram frente á policia, que, numerosa, para lá tinha corrido, attrahida por apitos que afflictaamente trillavam. Dizem que o combate, posto menor que os travados ultimamente na Mesopotamia, foi grande e renhido. Depois de alguns minutos de tiroteio nutrido, os turcos renderam-se; e a policia ia já consideral-os prisioneiros de guerra, quando surgiu um tal Salim Beze, fardado de major da Guarda

Nacional, e deu voz de prisão a todos os policias, que estavam commandados por um capitão! Salim, que, depois de tomar parte no fogo, tinha corrido para a casa, ali bem perto, e de lá voltara fardado, explicava na sua meia lingua:

— Io brende tuda a bolizia, borguê é uffizial mais maiúr de gue dudas agui!

Mas o capitão não esteve pelos autos nem pelos galões do turco; e Salim-bey, feito prisioneiro, marchou tambem para a delegacia. Depois, não sei o que foi feito delle nem me interessa saber. O que me interessa é o facto em si, a *coisa em si*, como diria um philosopho: um turco, em plena capital do paiz, commanda, fardado, um magote de birbantes e até se atreve a querer prender a policia!

Póde parecer que eu tenha odio aos turcos, mas é engano. A colonia turca do Rio de Janeiro honra as tradições do seu paiz ou dos seus paizes, porque a Turquia é uma reunião de paizes. É até uma das colonias que eu mais respeito. Sinto que não sejam mais estreitas as relações entre o Brasil e a Turquia. São dois paizes feitos para se entenderem. Si algum dia eu chegar a ser governo, o ponto principal do meu programma será fazer a aproximação entre o Brasil e a Turquia. Hei de

criar uma linha de navegação directa entre o Rio e Constantinopla; não descansarei enquanto não tivermos embaixador nosso em Stambul; subvencionarei uma empresa editora que intensifique o intercambio litterario turco-brasileiro; hei de tornar a leitura do Alcorão obrigatoria nas nossas escolas primarias; em troca, o Sultão tornará obrigatoria nas escolas turcas a leitura da Constituição Brasileira, que é a obra-prima do nosso genio nacional; não descansarei enquanto não obtiver reciprocidade de validez dos titulos universitarios no Brasil e na Turquia; em resumo, acabarei fazendo a Confederação Turco-Brasileira, que ficará sendo uma das maiores do mundo, pois abrangerá dominios na America, na Europa, na Asia e na Africa, com ilhas e portos no Atlantico, no Mediterraneo, no Mar Negro. Coisa muito mais pratica e muito mais fructuosa do que a Confederação Luso-Brasileira... Por ahi se vê a estima em que eu tenho a nobre colonia turca domiciliada no Rio de Janeiro, e só por manifestar essa estima fiz tão longa digressão.

Mas não pude deixar de estranhar que Salim-bey quizesse prender a policia. Salim offendeu a nossa soberania. Salim conspurcou os nossos foros de nação livre. De outro lado, porém, Salim é cidadão brasileiro. Verdade é que

elle não sabe falar a nossa lingua; não conhece a nossa historia, nem póde ter amor a esta terra, que não é a sua; mas pouco importa tudo isso; uma vez que Salim tenha, como tem, direito a envergar uma farda da Guarda Nacional, é brasileiro; tão brasileiro quanto eu e o leitor. Talvez até um pouco mais... Porque eu, que não sou official, si for preso, — *quod Deus avertat* — tenho de ir para a enxada; ao passo que Salim-bey, um official, fica no Estado-Maior. Na Turquia, Salim, si fosse preso, podia ser muito summariamente chibateado por ordem do *cadi*; aqui, é tal o seu sentimento de liberdade, e tal, ao mesmo tempo, a consciencia da sua superioridade, que até quer prender a policia: *Io brende fuda a bolizia, borguè é uffizial maiúr de dudas agull* Bravo, Salim! Esta terra é nossa, meu irmão...

Eu me rio, sempre que ouço ou leio: *a Inglaterra, patria da Liberdade... Os Estados Unidos, terra classica da Liberdade...* Rio-me da injustiça que se faz ao Brasil. O nosso paiz, sim, é que é a terra da Liberdade. No sul, os allemães; em S. Paulo, os italianos e agora tambem os japonezes, que estão formando nucleo á parte; no Rio, como não bastasse a gallegada bronca, temos agora ahi o *Bairro Turco*, que se formou tranquillamente, por lentas alluviões,

sem que a Policia e Limpeza Publica se movessem. E esse *Bairro* é já uma potencia belligerante, como ficou provado hontem.

Admira-me que a bancada rio-grandense não tenha protestado contra a prisão de Salim-bey e principalmente contra a incursão feita pela policia nos seus dominios. Os turcos têm como capital Constantinopla; Constantinopla, segundo previu o incomparavel mestre Augusto Comte, nas suas confabulações com a sua santa companheira, será a capital da Republica Occidental, fundada pelo incomparavel Carlos Magno; portanto os turcos formam uma nação nobre, que saiu dignamente do grande erro do polytheismo e, pelo monotheismo dignamente pregado pelo incomparavel Mahomet, ficou dignamente incorporada á Republica Occidental, onde os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos. Assim sendo, a policia não podia attentar contra a liberdade dos dignos turcos que, não tendo ainda completado a sua evolução espiritual, só por isso atiraram contra os soldados; estes, que já estão em grau mais adeantado na esphera do sentimento, embora ainda se encontrem no periodo de transição do regimen catholico-feudal para o regimen pacifico-industrial, deviam deixar-se espingardear dignamente, limitando a sua acção á

X

catechese pacifica e gritando, como Rondon nas florestas: *Bravos não sejam! Amigos somos! Caboclo bom!* D'onde se conclue que a nossa Constituição, que tem por base a Ordem, o Amor por principio, e o Progresso por fim, foi violada pela policia, que pretende regenerar a Humanidade por processos empiricos e mostra ser ainda influenciada pela anarchia mental do Occidente, além de desconhecer completamente os fundamentos scientificos da Sociedade Futura, cuja liberdade foi dignamente defendida por Toussaint-Louverture, digno representante da raça negra, entre cujos representantes os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos brancos...

Assim teria fallado o dr. Teixeira Mendes e teria fallado muito bem. Eu estaria de pleno accordo com elle; porque, como toda a gente, sou um retrogrado de bôa fé em marcha para o Positivismo. Nós todos somos positivistas em graus differentes... E é exactamente por isso que não comprehendo o silencio da bancada gaucha quanto á violação da neutralidade do *Bairro Turco*. Os rio-grandenses são contrarios ao projecto que prohibe entrar no Brasil, como indesejaveis, os aleijados, os proxenetas, os individuos sem profissão, etc. As razões que elles allegam são de immensa força; são razões de

60 cavallos vapor; baseiam-se no nosso sentimento de liberdade, essa liberdade que fez do Rio Grande um estado governado pela dictadura scientifica; onde a Assembléa Estadual não tem autonomia, mesmo no papel, como letra morta; onde o presidente nomeia o seu substituto, etc., etc.. Sendo o Brasil um paiz livre, a Camara não póde votar lei que prohiba a esta ou áquella especie de mortaes entrar por aqui a dentro e fazer o que muito bem lhes approuver. É verdade que nos Estados Unidos existem taes leis; lá o proprio immigrante, si não trazer uma certa quantia em especie, não póde desembarcar; mas os norte-americanos são politicamente um povo atrazado em comparação com-nosco; não os imitemos, pois. Ora bem, os rio-grandenses defenderam a liberdade dos *indesejaveis* e calaram-se quando a nossa policia empirica violou o *Bairro Turco*. Salim-Bey foi preso, apesar de fardado; os seus patricios foram presos, só porque atiraram contra a policia; e a politica do Rio-Grande não se move em defesa da liberdade e do monotheismo! Não podem as coisas ficar neste pé. Tem a palavra o Mastodonte de Porto Alegre...

O QUE JUDAS ME DISSE DURANTE UM ALMOÇO

NÃO, dizia-me tranquillamente Judas de Keri-riot. Nem ambição de dinheiro nem rivalidades de amor. Ciumes de Magdalena! Tólices do Petrocelli... Ambição de dinheiro! Como? Então um ambicioso vende um segredo, um grande segredo, só por trinta moedas de prata? Absurdos, asneiras para adormecer crianças...

E Judas continuou a tomar calmamente o seu absintho, o seu apperitivo predilecto. Correcto no seu terno preto bem talhado, bem escanhado, com a sua perola a fulgir no *plastron*, ironico e pensativo, tamborilava com o indicador e o medio na ponta da mesa do restaurante em que nos achavamos para almoçar.

— Fui uma victima da fatalidade, continuou elle. Jesus póde ter sido victima de um grande erro judicial; mas tambem eu sou uma victima, victima do destino, das circumstancias, do jogo dos acontecimentos, da ironia do acaso, victima nem eu mesmo sei de que, mas victima. Todas as apparencias eram contra mim. Entretanto, meu velho, dou-lhe minha palavra de honra sobre que não tive nada, mas absolutamente nada que ver com a prisão do Mestre. Palavra de Judas!

— Acredito...

— Tão certo como estar você ahí, á minha frente, fumando esse charuto e limpando, na minha calça preta a poeira do bico do seu sapato...

— Oh! desculpe...

— Nada, não é nada... Têm-me succedido coisas muito peores...

— Em todo o caso, aventei, ha quem falle da sua avareza...

— Já sei: os Santos Padres...

— A proposito daquella mulher que entrou na casa de Simão, o Leproso, e derramou nos pés de Jesus todo o balsamo odorifero que havia num vaso de alabastro; e depois ainda lhe enxugou os pés nos seus proprios cabellos... Dizem que você, estando presente, disse aos cir-

cumstantes: «Para que semelhante desperdício? Podia-se tanto vender esse óleo por bom dinheiro, e que bom arranjo faria isso aos pobres! — *Ut quid perditio haec? Põtest enim venundari multum et dari pauperibus*». Não foi exacto? E Jesus, segundo corre, lhe respondeu com certo azedume: «Pobres sempre os tereis comvosco; ao passo que eu nem sempre cá estarei...»

— É exacto, respondeu Judas de Keriot. O que concorreu muito para me deixar mal com certa gente foi a minha ironia. Eu disse aquillo sem intenção malevola, só para fazer uma phrase ironica. Porque realmente, Jesus prégava a pobreza e a mortificação, o desprendimento e a penitencia. Ora, confessemos que ter os pés enxutos pelos cabellos de uma mulher, além de ser extravagante, não é coisa que se pareça muito com o espirito de penitencia... Que lhe parece?

— Até certo ponto você tem razão; mas não creio que Jesus o fizesse por mal; era uma personalidade eminente, altissima...

— Ah! nem eu digo o contrario. Pois eu o conheci pessoalmente! Era de uma pureza divina. O seu desinteresse não admite comparação com outro nenhum. Mas, e isto é que irritou os seus inimigos, considerava-se deus e

achava muito natural que lhe tributassem honras divinas. Era esse, aliás, o seu unico ponto fraco... Assim, bastou que eu estranhasse, sem maldade nenhuma, que a tal mulherzinha deramasse unguento precioso nos pés. de Jesus, para attrahir logo inimigos. Os commentadores e exegetas dizem que eu, si alludi aos pobres, não o fiz por espirito de caridade mas apenas por espirito de avareza! Alguns chegam até a dizer que, naquelle momento, já eu era um ladrão! De facto, eu não disse aquillo por espirito de caridade; mas tambem não o disse por espirito de avareza. Disse-o por dizer...

— E por causa de uma phrase, ou melhor, por causa de uma intenção ironica, chamam-lhe até ladrão!

— Paixões humanas... Sabe de onde nasce tudo isso? Era eu o encarregado do nosso pequeno thesouro commum. Em todos os grupos ha sempre um thesoureiro, não é assim? Pois era eu o thesoureiro dos discipulos de Christo. Posso affirmar que, si houve neste mundo thesoureiro honrado, fui eu. Nunca, mas absolutamente nunca me apropriei de uma drachma sequer a que não tivesse direito. Pois apesar de todo o meu escrupulo, apesar de trazer eu toda a minha contabilidade sempre, em dia, era suspeitado de toda a gente! Ima-

ginavam que eu me enriquecia com os pobres sestercios que nos davam aqui e ali. Ah! meu amigo, nunca queira ser depositario do dinheiro de ninguem. Olhe: si eu entrasse na politica, havia uma pasta que eu nunca accitaria: a da Fazenda! Hoje tenho experiencia...

— E Magdalena?...

— Outra mentira! Essa então é de primeira ordem. Magdalena, meu amigo, eu a conheci muito; mas nunca houve entre nós relações que não fossem communs. Ellã, como você sabe, era uma peccadora. E linda, ah! quanto a isso, não ha duvida. Tinha por Jesus adoração, mas platónica. Jesus era bello e eloquente; tinha coragem; fallava com energia; affrontava os poderosos. Magdalena era intelligentissima; ouvia-o fallar quasi sempre; admirava-o até o extase. Quem não viu os ultimos reflexos do sol poente illuminar os cabellos e a fronte de Jesus, na tarde em que elle fez o *Discurso da Montanha*, não sabe até onde póde chegar a belleza de um homem que falla convencido do que préga. Era irresistivel. Jesus fallava mais ao coração do que á intelligencia. Magdalena era mulher. Ouviu-o, adorou-o. Mas nunca ousou, olhando para o Mestre, pensar em materialidades; e elle, então, muito menos, já se vê.

Ella, apezar da vida que levava, era uma das creaturas mais espirituaes que tenho conhecido. Espiritualissima...

— Bem, mas o seu caso com ella?

— Que caso? Entre mim e ella não houve caso nenhum de importancia, filho! Magdalenina era amante de um grande amigo meu, Israel Bar-Elim, membro do Synhedrio. Bastava isto para me afastar de qualquer pretensão amorosa junto a ella. Israel Bar-Elim, esse, sim, podia ter alguma antipathia por Jesus; e, como membro do Synhedrio, podia perseguil-o, si o quizesse. Mas nunca cogitou de semelhante coisa. Era um sceptico, riquissimo e *blasé*. Fallava grego como um atheniense, e latim como um romano. Dava-se intimamente com patricios e senadores romanos. O procurador da Judéa, Pontius Pilatus, era amicissimo delle. Na occasião em que Jesus foi condemnado, Israel não estava em Jerusalem. Tinha ido a Corintho, porque, cá entre nós, era louco pelas mulheres hellenas... Poucos mezes passava elle em Jerusalem. O mais do seu tempo e do seu dinheiro gastava-o elle lá por Corintho, Chio, Mitylene... Era o typo mais elegante que navegava no Archipelago. Eu ás vezes penso: si Israel Bar-Elim estivesse em Jerusalem naquella occasião, Jesus não teria sido condemnado. Uma inter-

venção oportuna de Magdalena teria remediado tudo. E si elle interviesse junto a Annaz, Caiphaz e Pilatus, elles teriam recuado. Basta dizer que todos esses pontifices e magistrados lhe deviam muito bom dinheiro tomado por emprestimo, meu velho... E Israel interviria, garantindo, a favor de Jesus. Era mais um grego do que um judeu. Homem admiravel!

— Mas afinal, amigo Judas, como se explica que lhe tenham attribuido a trahição?

— Sou o primeiro a reconhecer que todas as apparencias me são contrarias. Olhe: eu era amigo de Jesus; mas tinha relações tambem com a melhor gente de Jerusalem; como acabo de dizer, até um membro do Synhedrio era meu intimo amigo. Os discipulos de Jesus não admittiam que alguem pudesse ter relações num e noutra circulo. O Mestre disse uma vez: «Quem não for por mim, é contra mim». E os discipulos eram ainda mais rigorosos do que elle nesses pontos de amizade sectaria. Ora, eu o admirava, e impressionava-me ouvil-o fallar; mas nunca pude ser fanatico. O meu mal foi ter querido ser um *dilettante* no meio de homens sinceros. Que coisa perigosa, a sinceridade! O mysterio sempre me attrahiu. Sempre fui apaixonado pelo estudo das religiões. Eu frequentava tudo quanto era templo que havia em Je-

rusalem. De uma vez, quasi fui lapidado por ordem do Synhedrio, só porque lhe constou que eu, um hebreu, tinha entrado no templo romano de Jupiter, com uns legionarios; e só não soffri muito, graças á intervenção de Israel Bar-Elim, que demonstrou que eu era victima de uma calumnia. Aliás, cá entre nós, o facto era verdadeiro... Eu me dava com alguns egypcios que me iniciaram no culto de Eleusis. Quando fui ao Egypto, estive muitas vezes no templo de Jupiter Ammon. Jesus dizia coisas novas e bellas; tanto bastou para que eu me fizesse seu discipulo, ou melhor, seu admirador e seu amigo. Succedia, porém, que elle se dizia rei dos Judeus, o que implicava em revolução contra Cesar; prérgava ás escancaras contra o Synhedrio, contra o Templo, contra o Summo Sacerdote! Era grave isso. E toda a gente o sabia! Você não póde calcular o que fosse, naquelle tempo, prérgar contra a religião do Estado em Jerusalem. Em Roma, ainda o cidadão romano podia contar com certas garantias, porque o romano fazia questão da legalidade. Tanto assim, que Pilatus, não achando no Direito Romano disposição que lhe permittisse condemnar Jesus, preferiu lavar as mãos. Em Jerusalem, entre judeus, não havia disso. Crime de lesa-divindade? Pena capital, condemnação summa-

ria! Depois, veja, o Mestre era algumas vezes rispido. Fazia coisas que não devia fazer. Lembra-se do que elle fez com os vendedores de bugigangas que estavam num dos atrios do Templo? Expulsou-os a chicote, sim, senhor, a chicote! Ora, imagine a impressão que isso teria causado numa cidade e num povo de commerciantes como era e ainda é o judeu! O resultado foi ter logo contra si uma classe numerosa e rica. O commercio ficou logo contra elle. Póde-se dizer que Jesus foi victima das classes conservadoras. Tres crimes commetteu elle: prégar contra a religião nacional, declarar-se rei contra a soberania do Imperio, e finalmente atacar os commerciantes. Porque, não se esqueça, aquelles mercadores do Templo estavam ali com licença das autoridades; pagavam imposto para lá estar. Supponha o seguinte: que um christão de hoje vá a uma casa commercial de objectos de culto e comece a espatifar as vitrinas e a espancar os caixeiros, a pretexto de extinguir uma profanação, de zelar a gloria de Deus! Ia ou não ia preso?

— Claro.

— Então? E olhe que estamos numa democracia christan? Faça agora idéa do que seria isso em Jerusalem, cujo governo era theocratico!

elle ia ser preso á ultima hora, por acaso, ao passar pelo Pretorio. Corri, com o fim de avisal-o, ao jardim de Gethsemani, onde eu sabia que elle costumava estar; mas já era tarde; e por coincidencia, ao mesmo tempo que eu chegava, chegava tambem a fôrça. Mal tive tempo de beijal-o. Agarraram-no e levaram-no. Eu mesmo tive a minha tunica rasgada pelos soldados. Inventaram então essa fabula da minha trahição. E por quanto? Trinta dinheiros! Incrível! Quem recebeu dinheiro para prender Jesus, não aos trinta mas ás centenas, foram os sacerdotes e os juizes hebreus. Receberam dos commerciantes... Uma verdadeira fatalidade...

Judas quedou pensativo, traçando coisas vagas no assoalho com a ponteira da sua bengala de junco. Eu contemplava um retrato do sr. Clemenceau, que estava na parede fronteira, e pensava: «Este sr. Clemenceau deve ser parente de Caiphaz: em nome das classes conservadoras mandou ainda outro dia absolver o assassino de Jaurès e condemnar á morte o joven Cottin, que tentou assassinal-o a elle, Clemenceau. O mundo é sempre o mesmo; mesmissimos, os homens».

Mas a minha meditação philosophica, bem pouco apropriada a uma Sexta-Feira Santa, foi

interrompida por um criado que, solícito, interrogava no seu francez hespanholado:

— *Est-ce que vous mangez gras aujourd'hui, monsieur de Kerieth?*

— *Pas du tout*, respondeu Judas, com enfado. *Apportez du poisson à la normande...*

E voltando-se para mim, declarou com civilisada melancolia: :

— Nunca me pude habituar a comer carne no dia de hoje...

— Nem eu...

PSYCHOLOGIA OPHIDICA

EU não mantenho relações de amizade com as jararacussús, não por antipathia nem odio, mas por covardia. Não me dou com as jararacussús da mesma fórma que não me dou com almas do outro mundo. Sempre tive horror a combater inimigos difíceis de ser vistos ao primeiro olhar.

Em todo caso, devo dizer, como homenagem á nobre raça ophidica, que não deixo de ter certa sympathia pelas jararacas, pelas co-raes, pelas surucucús, pelas cipós, pelas casca-veis, pelas urutús, pelas giboias, pelas cobras d'agua e pelas cainanas. Só não me sympathiso muito pelas serpes estrangeiras e pela nacional sucuryú. Esta serpente não merece a minha sym-pathia pelo prejuizo que dá á industria pastoril.

Desconfio de que a sucuryú tem sangue inglez. Esta serpe, que é uma das mais fortes (como os inglezes), ataca os bezerros, as novilhas, as vaccas e os bois, sem distincção. A unica razão que ella poderia dar da devastação que faz no nosso gado é a sua fome, exactamente como os inglezes da companhia de carnes congeladas, os quaes, no seu matadouro de Mendes, chegam a condemnar por dia oitenta vaccas e novilhas que elles dão summariamente como maninhas, apezar dos factos provarem posteriormente que essas vaccas e novilhas estavam em superior estado de procrear.

Eu comprehendaria facilmente a crueldade dos inglezes de Mendes para com os nossos rebanhos, si estes fossem allemães ou austriacos; tratando-se, porém, de vaccas alliadas, parece-me que Albion devia ser mais humana para com essas doces creaturas, que não está provado terem nascido só para matar a fome da Camara dos Communs.

Quanto á cainana, é mais delicada do que a sucuryú e do que os inglezes de Mendes. Nem ataca o homem, como os inglezes, nem o gado, como a sucuryú. Contenta-se com alguns pintos e ovos, sendo que prefere os ovos aos pintos. É uma serpe mansa e, dizem os zoologos, desprovida de veneno — o que, toda-

via, não nos deve impedir de ter para com ella certos resguardos, porque o homem também não tem veneno nos dentes e nem por isso deixa de ser extremamente perigoso á especie humana e ás outras. A cainana, pois, gosta de ovos. Não sei si este costume gastronomico lhe foi ensinado pelo homem ou si, pelo contrario, foi ella que nos ensinou a devorar o pinto antes d'elle ter tempo de nascer. Quanto a mim, considerando o egoismo atroz que existe em devorar um ente antes d'elle poder protestar, inclino-me a crer que foi o homem que ensinou á cainana a comer ovos.

Quando tem fome, o homem não se distingue nem das *sucuryús*, nem das cainanas, nem dos inglezes. Si o homem, segundo affirmam os anthropologos, ama as coisas bellas, não devia comer ovos, a não ser dos mochos, das corujas e das aranhas. Porque dentro de um ovo de gallinha ou de *seriema* ha grandes suggestões de belleza, isto sem fallar na clara e na *gemma*, que representam apenas suggestões culinarias. Ha *madrugadas* dentro de um ovo. É dentro d'elle que nasce o canto do gallo, clarim do Sol, que retine ao romper d'alva, e a gargalhada estridula das *seriemas*, que são as *hystericas* dos *descampados*...

Nasceram-me no espirito estas profundas considerações philosophicas ao ler uma noticia tão sensacional, que os jornaes do Rio lhe abriram columnas e a illustraram com photogravuras.

Muito simples: um chacareiro, a quem o reporter da *Gazeta* galardôa com o titulo de «destemido chacareiro», estando a limpar o jardim de uma chacara da rua do Riachuelo, deu de frente com uma jararacussú de mais de dez palmos, que se amodorrava tranquillamente numa moita, entre flôres, como uma virgem pagan. *Latet anguis in herbis...* O chacareiro, civilizado e portanto timido, amedrontou-se pelo menos tanto como Santo Agostinho, quando, em estudante, chegou á declinação grega de *Ophis*, palavra que quer dizer *serpente*; e tal qual o santo, que, segundo espontanea confissão sua, mal conseguiu aprender grego, o chacareiro, si fosse pedante como os eruditos, podia exclaimar neste trocadilho de Santo Agostinho: *Ophis me terruit*, que em vernaculo significa: *A cobra me metleu medo*. Mas o chacareiro, estando muito

longe destas espertezas litterarias da decadencia romana, tinha perto de si uma enxada, nada decadente, com a qual accommetteu e matou a cobra que, segundo declarou elle, já armava o bote para atacal-o. E ahi está a grande aventura da rua do Riachuelo, que tem para mim, entre outras vantagens, esta, a de explicar nitidamente como um chacareiro carioca se distingue de um roceiro do interior, a saber: emquanto um roceiro de Minas, ao bater as suas coivaras, mata dez cobras por dia e disso não faz reclamos, o carioca, só porque matou, com evidente superioridade de arma, uma jararacussú, tem o nome nos jornaes e não vae para a cadeia.

*

*

*

Eu não posso ouvir falar das serpentes sem pensar nas mulheres, em certas mulheres colleantes, elasticas e flexuosas, que, pela maioria, ao passar pela avenida, parecem armar o bote contra a nossa bolsa, raras contra o nosso coração, e todas contra a nossa sensualidade, que é, para ellas o caminho mais curto para attingir a nossa carteira.

Eis porque, lendo a noticia do assassinato da jararacussú da rua do Riachuelo, lembrei-me de uma mulher; e lembrando-me de uma mulher que tivesse todos os toxicos encantos óphidicos, cantaram-me dentro d'alma os versos de Baudelaire ao seu amor:

«À te voir marcher en cadence,
Belle d'abandon,
On dirait un serpent qui danse
Au bout d'un baton...»

*

* *

Tive pena da jararacussú. Eu tenho pena de todos os animaes brasileiros que desaparecem do Rio, onde é cada vez mais vasta e mais insolente a mūltidão anonyma dos animaes estrangeiros. Porque foi que o chacareiro matou a cobra? Porque lhe temia o veneno. Entretanto ha no Rio milhares de vendeiros que nos envenenam por via gastrica, sem que ninguém se lembre de incommodal-os; ha centenas de escribas estrangeiros, alguns até caftens, que vivem de trabalho de polacas vendedoras.

de unguentos perigosos, e nos impingem potocacas e procuram envenenar o cerebro da mocidade com mentiras e charlatanices litterarias, sem que haja contra elles o mais vago movimento de desfôrço não digo pessoal, mas ao menos intellectual.

Tive pena da jararacussú. Que culpa tem ella de ter peçonha na raiz dos dentes? Foi a Natureza, mãe nossa e della, que a fez assim. O seu defeito unico é ser determinista e, raciocinando pouco, considerar a todo homem como inimigo. Mas não terá suas razões para isso?... Refere o GENESIS, livro tão antigo quanto sabio, que Jehovah, para castigar a serpente pelo crime de ter illudido a Eva, sua cumplice na deliciosa mystificação do primeiro marido enganado que houve no mundo, lhe disse: «Porei inimizade entre ti e a mulher e entre os teus filhos e os filhos della : *Inimicitias ponam inter te et mulierem et semen tuum et semen illius*». Ora, pois, que culpa tem a jararacussú de ser nossa inimiga? Foi Deus que o determinou. E será possivel insurgir-se alguem contra os arcanos de Deus? Deus é o Destino. A serpente é venenosa, porque não póde deixar de o ser. Nós temos as nossas armas; ella tem a sua. O homem tem o canhão, a intelligencia, o punhal, a lingua, a enxada

e a penna. Qualquer destas armas é mortal. O seu poder mortifero depende apenas da dextreza de quem as vibra. A serpente só tem uma Arma inutil, entretanto, e que serve menos para defendel-a do que para fazer germinar e alimentar o odio humano contra ella e toda a sua geração por todos os seculos dos seculos, enquanto durar a maldição biblica...

ASPECTOS DE UMA AUTOCRACIA MORTA

OS editores Treves, de Milão, lançaram no mercado, este anno, um livro assignado por um certo J. W. Bienstock, e que se chama RASPUTIN — *La fine di un regime*. É a narrativa, mais ou menos documentada, da vida politica e social da Russia durante os ultimos dez annos da autocracia, vista atravez de uma figura singular na historia contemporanea: Gregorio Etimovic, mais conhecido pelo nome de Rasputin, palavra, segundo Bienstock, derivada de um adjectivo russo — *rasputnik*, que quer dizer *corrupto*.

Rasputin é uma especie de Antonio Con-
selheiro russo. Ambos analphabetos, ambos mys-
ticos, ambos reaccionarios, ambos em lucta com

a igreja official, apenas, do lado de Rasputin havia o ambiente de uma sociedade aristocratica em cujo seio elle praticou ignominias; ao passo que o Conselheiro nasceu e viveu sempre no sertão inter-tropical, no meio da gente rude, praticando alguns crimes, é verdade, mas sem commetter nem autorisar a pratica de certas miserias incompativeis com a dignidade humana...

O visionario russo nasceu em Pokrovskoie, pequena aldeia perdida entre os pantanos do districto de Tumen, provincia de Tobolsk, na Siberia. Os habitantes dessa aldeia, na sua maioria antigos grilhetas, exercem commummente dois misteres: o de postilhão e o de ladrão de cavallos; tanto assim, que os visinhos de Pokrovskoie, quando se referem aos habitantes dessa aldeia, é sempre com o mais profundo desprezo e chamando-lhes *tchaldony* e *digigany*, vocabulos que significam *velhacos* e *bandidos*.

Gregorio Rasputin não fez excepção no meio dos seus patricios: foi postilhão e ladrão de cavallos. Nos archivos do tribunal de Tobolsk havia, antes da Revolução, tres autos de processos a que respondera Rasputin, antes de metamorphosear-se em propheta: o primeiro, em ordem chronologica, a respeito de um

furto de cavallos, não teve andamento; o segundo, por crime de falso testemunho, determinou que o culpado fosse condemnado a açoites; o terceiro (estupro commettido na pessoa de uma velha mendiga chamada Likoniducka e em duas rapariguitas de doze a treze annos) foi Rasputin absolvido por falta de testemunhas.

De uma palestra que teve com certo padre orthodoxo, a quem conduziu de uma aldeia para outra, no seu officio de postilhão, nasceu-lhe a idéa de fazer-se propheta, ou, como dizem os russos, *staretz*, palavra que em sentido proprio quer dizer *ancião*, mas que, em sentido translato, se applica a definir qualquer sacerdote veneravel. Passou algum tempo em retiro espiritual num convento de Verkoturie, de onde, vestido de tunica e cingindo um cordão monastico, saiu a pedir esmolas para levantar egrejas que nunca se construíram... Mas o povo russo tão predisposto é ao mysticismo e ao delirio religioso (consequencia do analphabetismo, da autocracia, da alimentação deficiente, de taras hereditarias, de excessos alcoolicos e da indisciplina do alto e baixo clero, falta dessa unidade religiosa que só o catholicismo póde ter, graças ao dogma da Infallibilidade do Papa) o povo russo, dizia eu, é tão predisposto ao delirio mystico, que, apesar das evidentes provas da cri-

minalidade de Rasputin, este poudo dominar a Côrte russa durante dez annos e da maneira mais tyrannica.

Transformado em *staretz*, fundou o charlatão na sua aldeia uma seita, que teve logo innumerados adherentes, principalmente entre as mulheres. Sua doutrina, extremamente simples, resumia-se neste syllogismo theologico-moral: «Para que uma alma se salve, é necessario que se arrependa; ora, para que se arrependa, é preciso que peque; logo, para salvar-se, deve o homem começar por peccar». *Mutatis mutandis*, o syllogismo de Rasputin é quasi o de Lutero, no que respeita á justificação do peccador; apenas, onde Rasputin exigia *contricção*, exigia Lutero *a fé nos meritos dos soffrimentos de Christo*; de maneira que, segundo a primitiva confissão lutherana, o homem podia peccar *fortemente*; mas, si cresse *mais fortemente*, ainda do que pecasse, estaria salvo: *Pecca fortiter; crede fortius et salvus eris!* É facil imaginar os corollarios praticos de tal doutrina...

Entre os peccados capazes de levar o homem ao céu pelo arrependimento, o principal, para Rasputin, era a luxuria; d'ahi, deboches e orgias indescriveis. Os camponeses de Pokrovskoie, escandalizados por tal seita, dirigiram ao Santo Synodo varios protestos. Um

d'elles chega a descrever o rito rasputiniano.

Noite. Logar deserto. Mal começam as estrellas a piscar no céu, Rasputin, com seus fieis, accende fogos. Numa tripode queima-se incenso de mistura com hervas aromaticas. Homens e mulheres, de mãos dadas, cirandam em torno da tripeça, psalmodiando: «Nosso peccado! Nosso arrependimento! Senhor, perdôanos o nosso peccado em virtude do nosso arrependimento!» Pouco a pouco se aperta o rythmo da danza; tornam-se indistinctas as palavras; dominados pela choréa mystiforme, os crentes emittem apenas flebeis gemidos; apagam-se lentamente os fogos; e no meio d'aquelles phantasmas eroticos, que saltam de mãos dadas em torno do fogo, inopinadamente troveja a voz do *staretz*: «Eu vos digo: fortificae a vossa carne!» *A queste parole — diz o autor — uomini e donne si lasciano cadere e si accoppiano a caso. Gli uomini strappano alle donne un nastro o un lembo delle loro vesti, per sapere con chi hanno peccato, e accade che il padre riconosce la figlia; la madre, il figliò».*

Todos os protestos ficaram sem resposta. As autoridades ecclesiasticas limitaram-se a ordenar ao clero de Tobolsk que ensinasse a ler e a escrever a Rasputin e procurasse exercitar influencia religiosa sobre elle! Mas como, si a

sua doutrina immoral lhe valia adeptos tantos quantas são as estrellas do céu? Demais, munido de uma carta de recommendação do superior do convento de Verkoturie para o celebre padre João de Cronstadt, Rasputin abandona a mulher e duas filhas e parte para Cronstadt, de onde depois vae para a Côrte. Ahi é que a sua audacia se affirmou de maneira fulminante. O seu poder hypnotico era formidavel. Cruzando, á entrada de um convento, com a condessa Ignatiev, viuva de antigo embaixador da Russia em Constantinopla, abalroou-a e não lhe pediu desculpa. Offendida pela insolencia d'aquelle simples *mujick*, insultou-o a condessa. Rasputin parou, fitou-a com seus percucientes olhos pardos e disse-lhe apenas: *Cretina!* Habituada ás mais servis homenagens de que são capazes russos e turcos, a condessa ficou petrificada! O charlatão, sem titubear, continuou: «Reza! Tua alma procura a Deus, mas Deus se afasta de ti! Abandona-te, entendes? E te abandonará completamente!»

Contando este incidente, remata a condessa Ignatiev: «Então vi que deante de mim não estava um homem ordinario, mas um eleito de Deus. Suas palavras — que Deus me abandonava — impressionaram-me de tal sorte, que

eu o tomei pela mão, levei-o para minha casa e conversamos toda a noite».

Foi, pois, essa pobre condessa que apresentou Rasputin no seu salão, como propheta, á alta sociedade petroburgueza. Mas o erro não era sómente d'ella. Toda a Russia, desde Pedro o Grande e muito antes, está trabalhada por prophetas e Cagliostros de todos os matizes. Padres, bispos, todas as eminencias da Egreja Orthodoxa acreditavam em individuos inspirados. O archimandrita Theophano, rheitor da Academia Ecclesiastica, dizia que Rasputin era o propheta Elias redivivo. O mesmo declarava o archimandrita Chrysantho Stcetkovsky, superior da missão religiosa russa na Coréa. Quanto ao Imperador, esse era um russo como qualquer outro, descendente de tarados, ultimo rebento directo de uma dynastia de degenerados. A Imperatriz, nascida duqueza de Hassia, devia ser inclinada ao mysticismo por hereditariedade. Basta dizer que ella descendia de Santa Izabel da Hungria, sobrinha que foi de Santa Edwiges da Polonia, e tia de Santa Izabel de Portugal. Pertencia, pois, a uma familia em que não faltam santos e bemaventurados d'ambos os sexos...

O Imperio Russo sempre teve innumerados inspirados, cujo paraíso era a Côrte. O tzar

Nicolau II, o autocrata de direito divino, acreditava piamente em tudo quanto diziam prophe-tas. No caso particular de Gregorio Etimovic, a sua obcecação era pasmosa. Quanto á tzarina e suas filhas, entregaram-se de corpo e alma ao *staretz*. Era elle que mandava; era elle que dirigia a politica; era elle que curava, por processos quasi instantaneos, certas hemorragias mysteriosas do *tzarewitch*, que, segundo dizem, era hemophilico. Toda a Russia, com os seus 150 milhões de habitantes, durante dez annos, esteve á mercê dos caprichos mysticos de um casal de loucos, manobrados, como titeres, pela fôrça hypnotica de um postilhão explorador, de um camponio analphabeto e perigoso!

Tinha razão o philosopho, quando disse que no amago de toda questão social se debate uma questão religiosa. Na intimidade de toda a tragedia social da Russia vamos encontrar o predominio de Rasputin e outros malandros religiosos e politicos, que os jornalistas, liberaes e politicos adeantados do Imperio, amofadados pela policia dos Trepoff e dos Popoff, mal podiam denunciar sob o euphemismo de *fôrças occultas*...

Da leitura deste livro do sr. Bienstock, entretanto, livro provavelmente escripto por penna mais ou menos apaixonada, recolhi uma conso-

lação e uma observação. A consolação foi esta: comparado com a Russia, não com a Russia d'agora, que não existe, mas com a Russia dos tzares, é o nosso paiz um dos mais bem organizados do Occidente. A comparação póde não ser muito lisonjeira para os nossos creditos democraticos, mas é consoladora...

A observação é a seguinte: a grande superioridade da Egreja Catholica Romana sobre a Egreja Orthodoxa Russa. É impossivel surgir um Rasputin no seio do Catholicismo. Na Russia, um archimandrita, como Theophano, e um chefe de missão, como Chrysantho, aceitam a Rasputin como propheta. No Occidente, não se concebem, por exemplo, o arcebispo do Rio, considerando propheta a Antonio Conselheiro. É que acima d'elles está uma autoridade suprema e universal, cujos arestos são irreformaveis, quando definem questões de fé e de moral: o Summo Pontifice. Só elle póde decidir si tal homem é ou não digno de fé. Elle e cada um dos bispos do orbe catholico têm deante de si a grande, audacissima e autoritaria palavra de S. Paulo: «Si descer um anjo do céu e vos ensinar coisa differente do que eu vos tenho ensinado, seja anathema! — *Si angelus de cælo evangelizaverit vobis præterquam evangelizavi vobis, anathema sit*». De sor-

te que, si um bispo autorisasse oficialmente um Rasputin, ficaria isolado, e, si não se retratasse, ficaria fóra da communhão catholica. Eis ahi, para as consciencias simples, para os corações crentes, uma valvula de segurança: a supremacia papal como fonte da unidade catholica e como anteparo contra as charlatanices religiosas capazes de generalisar-se até ao ponto de, em pleno seculo XX, transformar uma nação em manicómio...

A PATIFARIA ELEGANTE...

FOI preciso que no Municipal se representasse *Le traité d'Auteuil*, peça canalha; e foi preciso que os oitenta annos do governador da cidade se revoltassem contra isso, para que afinal se esboçasse leve movimento de indignação não só contra o desrespeito do galante Brulé, como também contra a tolerancia omnimoda com que acceitamos aqui tudo quanto traga a chancellia de Paris. Desde as idéas até ás *cocottes*, Paris póde mandar-nos o que entender; uma vez que venham de Paris, não examinamos as primeiras nem criticamos as ultimas. É a victoria mais alarmante do *Vient de paraitre*. Póde-se dizer que o Brasil é a principal colonia mental dos franceses. Também, um consolo nos resta: é que difficilmente se en-

contrará paiz onde se escreva tanto bem e se pense tanto mal da França como o Brasil. Culpa de quem? Dos proprios francezes, que nos mandam em romances, em revistas, em comedias, em dramas, em tudo, por todos os vapores, ás toneladas, as mais tremendas informações a respeito dos seus costumes.

Eu bem sei que não se póde avaliar da moralidade de nenhum povo só pelos livros que esse povo produz. Os espiritos claros sabem perfeitamente que a litteraura franceza, principalmente a litteratura de ficção, não representa de modo absoluto a vida da familia franceza. Ha muita corrupção em Paris, para usarmos de linguagem consagrada; mas essa corrupção, inevitavel em Paris, como seria inevitavel em Athenas e em Coryntho, é a corrupção dos meteques, dos adventicios, dos *rastacueros* e dos mesmos nacionaes que, em proporção menor, são arrastados pela corrente dos prazeres faceis. Mas a familia franceza permanece alheia a taes miserias. Nós não podemos nem devemos estudar a moralidade franceza nem pelos romances de Bourget, nem pelas insupportaveis frioleiras de um engenheiro chamado Marcel Prevost, nem pelos *vaudevilles*, nem, muito menos, pelas *cocottes*. que fallam francez ali na Confeitaria Colombo, ás seis da tarde,

porque muitas destas, embora fallem francez perfeitamente, ás vezes nem chegam a ser francezas...

«Si as letras fossem a expressão da sociedade, escrevia Salvandy já em 1836, teriamos que desesperar da França». E o professor Baldensperger, da Sorbonna, em livro publicado em 1913 (*LA LITTERATURE — Création — Succès — Durée*), protestou contra os que julgavam a sociedade franceza pelos romances naturalistas de Emile Zola, os Rougon-Maquart, por exemplo, (*Histoire d'une famille sous le Second Empire*); porque esses monotonos romances não podem dar o quadro exacto da França agricola de 1887, do mundo dos mineiros de 1885, ou da burguezia parisiense de 1882. «Como si, diz elle, o romance dos gabinetes de leitura inglezes de 1865, mesmo á luz de certa poesia de *keepsake* e de alguns primores de Tennyson, podesse revelar o estado real da sociedade industrial da Inglaterra, febrilisada e anemisada pela surmenagem usineira e pelas rudes condições da vida operaria! Como si a Allemanha de 1890, já trabalhada por correntes economicas e sociaes, cuja exorbitante vitalidade o futuro ia manifestar, se revelasse nas narrativas e peças de escriptores daquelle momento, melancolicos sobreviventes de perio-

do anterior, ou novos talentos seduzidos pelos exaggeros pathologicos do recente naturalismo».

De facto, si ha familia rigorosa em pontos de moralidade, é a franceza. Em França, as meninas de familias que se prezam não vão a theatrinhos de *boulevard* ou peças patifas de Sergine, ou de Flers et Caillavet. Muito menos irão ver Brulé no *Traité d'Auteuil*. Eu não vi essa borracheira, porque não tenho paciencia para ficar no Municipal de oito horas até depois de meia noite. Só vi o sr. André Brulé da primeira vez que elle por cá esteve, e saiu do theatro convencido de que elle não merece ser visto mais de uma vez, a não ser por sujeitos de coração desoccupado, que não tenham onde passar a noite, ou por senhoras interessadas em mostrar ás suas conhecidas que a bolsa dos maridos ainda têm relativa cotação perante as costureiras.

Mas então como é que se explica a presença de tantas môças no Municipal, para verem peça que os paes não conheçam?

Eis ahi um caso de consciencia difficilissimo. A meu ver, esse phenomeno póde explicar-se assim: os paes dessas meninas não sabem ler. Sim, porque, si soubessem ler, em primeiro logar não pagariam tanto para ver

Brulé; em segundo logar, teriam a prudencia de, antes de ir ao theatro, indagar si a peça do dia foi escripta para gente honesta, ou para sujeitos velhos e gastos, que tenham necessidade de certos aperitivos psycho-physiologicos, feitos de genebra, pimenta, mostarda, polvora, vinho do Porto e outros ingredientes condemnados pela hygiene.

E a empresa? Está no seu papel. A que explora o Municipal é uma empresa commercial como qualquer outra. Do mesmo modo por que o vendeiro serve vinho falsificado, si o freguez não reclama, e mesmo embora elle reclame, assim tambem a empresa do Municipal vae servindo á sua freguezia tudo quanto póde, até que ella reclame. E infelizmente a freguezia não reclama quasi nunca... É assombrosa a sem cerimonia com que se apresentam no Municipal peças abaixo de mediocres; actores que, com excepções, (Huguenet, Guitry, Le Bargy, Zacconi, Falconi, poucos outros) não valem muito mais do que os nossos; actrizes que, sem fallar nos grandes nomes, nos nomes universaes, não passam do que a nossa giria de bastidores chama *pataqueiras*; scenarios puidos, pintados por famintos em 1860, descorados, dignos de barracas de feira; e tudo isso a preços feitos de proposito para desafiar o rastaque-

rismo das *cocottes* e dos banqueiros de bicho, cujo dinheiro é facilmente ganho.

Dir-me-hão que a empresa paga fretes caríssimos, actores, actrizes, contra-regras, etc., etc. Quanto a preço de fretes, actores, actrizes e outros pertences, diremos que a culpa da carestia não é nossa; e mais, que, quando vamos ao theatro e pagamos 20\$000 por cadeira, o que discutimos não são os fretes da Mala Real, mas o valor dos artistas e das peças que se nos apresentam por tal preço. Si Sarah Bernardt, com a sua decrepitude gloriosa e a sua perna cortada (mais pela syphilis talvez do que pelo bisturi do cirurgião) viesse ao Brasil em terceira classe, para representar simples saynetes, como os de Jean Richepin, de certo valeria muito mais do que o sr. Brulé com as suas casacas e a sua gardenia, aquella gardenia que eu vi ha tres annos passados na sua lapella *boulevardière*; e o preço do modesto frete pago, ou a pagar por ella ou por nós, naturalmente nada influiria nessa admiração de basbaques esthetas, que nós todos dedicamos á grande actriz. Agora, si o sr. Brulé e o seu grupo, que não valem mais de cinco mil reis na platéa, se offerecem por vinte em consideração ao estado de guerra e á difficuldade de obter praça nos vapores inglezes para

artigos de infima necessidade, nesse caso, ainda uma vez, a culpa não é nossa; porque, assim como Sarah Bernardt, vindo em terceira classe, vale mais do que Brulé vindo em primeira, assim também Brulé — é logico — mesmo vindo em primeira classe, vale menos do que Sarah.

Mas será assim tão grande o dispendio da empresa do Municipal? Quanto ao dispendio que ella tem até que as suas companhias cheguem aos armazens da Alfandega, já dissemos que não somos responsaveis por elles. Só nos responsabilizamos, e indebitamente, pelas despesas que ella fizer de portas a dentro; e estas, salvo engano, são minimas. Realmente, a empresa paga pelo Municipal quatrocentos e poucos mil réis por noite — despesa de luz, continuos, porteiros, etc. Ora, essa despesa é tão pequena, que vale por subvenção indirecta. Quem quer dar um simples concerto de piano no *Jornal do Commercio* paga pelo salão duzentos mil réis, sem ter as mesmas probabilidades de lucro que a empresa do Municipal, embora, diga-se, sem os mesmos encargos. Entretanto, no Colon de Buenos Ayres a empresa do Municipal dá espectaculos muito melhores e está sujeita a despesas muito maiores! Dir-me-ão que o Colon dá mais lucro

do que o Municipal; mas a isso eu, si fosse prefeito do Districto Federal, responderia com este despacho simplicissimo: «Si a empresa Walter Mocchi & Da Rosa ganha mais em Buenos Ayres do que no Rio, dê espectaculos só em Buenos Ayres, porque não faltarão empresarios que dêem espectaculos no Rio sem subvenção da Prefeitura».

É esta a unica resposta digna que um bom governador da capital poderia dar a qualquer empresario que quizesse, argumentando com questões financeiras, explorar a nossa indigencia artistica...

AS MULHERES DO PACHÁ

LENDO nos ultimos numeros do *Temps*, as minudencias do processo de Bolo-Pachá, duas coisas me impressionaram: a intelligencia com que accusação e defesa orientaram os debates, e os depoimentos das testemunhas femininas chamadas á barra.

É bem de ver que a ninguem admira sejam espiritos ageis os juizes e advogados que apparecem nos julgamentos celebres de Paris. Educados na severidade dos modelos classicos, obrigados, antes do curso de direito, a fazer bom curso de humanidades, sob á fórma do bacharelado em letras, taes homens, quando attingem a posições eminentes, estão de posse da cultura sobria, mas verdadeira, que consiste em ter no espirito um sedimento de idéas geraes

que permitem visionar numa resposta, ou numa replica aspectos amplos de problemas humanos. Por um aparte se póde conhecer a capacidade de um homem. Haja vista, por exemplo, a resposta dada ao sr. Casella, representante do governo, na terceira audiencia, por mestre Marcel Héraud, advogado de Porchere, um dos implicados no caso Bolo.

Mestre Héraud censurou ao sr. Casella ter proferido este periodo: «Eu só peço uma coisa: servir á accusação com todas as minhas forças». Censurado por Héraud, respondeu o representante do governo com esta tirada romantica: «A accusação e a patria confundem-se aqui!» Ao que respondeu Héraud: «E eu, que defendo um innocente, não posso admittir que a accusação não se confunda com a justiça!» Parece que a nobreza desta resposta devia bastar para que o commissario do governo se retrahisse, não por mêdo nem por humildade, mas apenas vencido pela sua limpidez. Tal não succedeu, porém. O sr. Casella atirou ao seu antagonista este sarcasmo: *Chacun défend son pays comme il l'entend. Vous defendez Bolo...* Mas o sr. Héraud bradou-lhe: *Je vous défends de m'insulter. J'ai défendu la patrie sur le champ de bataille. Je porte la Croix de guerre!* E po-

dia accrescentar tambem, commenta o *Temps*, que ainda trazia o braço na tipoia...

*

* *

Depoimento impressionante é o de monsenhor Henri Bolo, irmão do réo, pregador muito querido do mundanismo de Paris, Nice, Biarritz... Separados ha cerca de trinta annos, reconciliaram-se os dois irmãos ha pouco tempo, quando esteve gravemente enfermo Paul Bolo. Accusado este de alta trahição, veio monsenhor em seu auxilio, por estar em jogo o nome da sua familia. Uma das grandes difficuldades de Paul Bolo era explicar claramente a origem de tantos milhões que rolavam em cascatas nas suas mãos. Elle affirmava que já antes da guerra, jogando na Bolsa, tinha adquirido grande fortuna e possuia um deposito de seis a oito milhões no banco Behrens, de Antuerpia. Mas faltavam as provas da existencia desse deposito; e eram essas provas que monsenhor queria ir buscar á Suissa e á Hespanha, affirmando ter certeza da existencia d'ellas. Negaram-lhe passaporte. As suas cartas para a Hespanha,

inclusive uma que elle confiou á mala diplomatica do embaixador de Affonso XIII, eram interceptadas e não seguiam. Monsenhor pediu directamente ao sr. Clemenceau um passaporte, papel que se dá a qualquer turista. O Presidente do Conselho respondeu que era preciso consultar o capitão-relator. Tres dias depois, indo monsenhor procurar a resposta, disse-lhe o *Tigre*: «A resposta é negativa por tres razões. A primeira é que monsenhor é suspeito; a segunda é que monsenhor vae ao estrangeiro só para ganhar tempo; a terceira é que monsenhor de lá trará documentos para só produzir effeito em audiencia».

Vê-se quanto é irregular tudo isso. Os juizes dictatorialmente julgaram do valor de provas que ainda não conheciam e nem sequer admittiram que ellas fossem apresentadas em juizo! Não se comprehende como, estando em jogo a vida de um homem, mesmo provadamente miseravel, trahidor, gatuno, rufião e crapuloso como Bolo-Pachá, se despreze, mais ainda, se recuse e se prohiba a producção de qualquer elemento de defesa. E isso se pratica sob a presidencia de um republicano radical, como o sr. Clemenceau, perseguidor do clero e director de um jornal que se chama pomposamente *L'Homme Libre!*

Monsenhor Bolo, depois de narrar succintamente estes factos durante a setima audiencia, fez esta pequena mas eloquente digressão: «Suspeito! Suspeito eu, senhores, eu que passei dois annos entre os torpedos e as minas do Adriatico! Durante dois annos dormi ao lado de um 195. Caí gravemente doente quando tratava dos colericos de Corfú. Durante dois annos cumpro o meu dever; durante dois annos, nas minhas orações da manhan e da noite, offereci minha alma a Deus e minha vida á Patria; e agora ouço dizer a um homem, que aceita como oracular a palavra do uhlano Saddik, do espião Pavenstedt e do espião Hugo Schmidt, ambos presos, ouço dizer que eu é que sou suspeito! Mas então aos dois milhões de homens que estão nas fronteiras, que de lá voltarão estropiados e mutilados, de nada lhes valerá tudo isso, e na primeira opportunidade qualquer juiz de instrucção lhes poderá dizer friamente: «O vosso patriotismo é suspeito!»

Esta inesperada evocação dos combatentes, assim como a allegação de serviços militares, feita por aquelle padre de cabellos grisalhos, fez o auditorio a esquecer-se do criminoso e proromper em applausos tão clamorosos, que o presidente do tribunal, coronel Voyer, mandou evacuar a sala...

*

* *

Ao lado desses lances altaneiros, está a sua causa occasional: a trahição de Bolo-Pachá. Demos de barato que elle não fosse trahidor — embora pareça provado tel-o sido. O depoimento de Pavenstedt, por exemplo, tomado pelo *Attorney* Geral de Nova-York, vale pelo mais tremendo requisitorio que se pudesse fazer contra Bolo. Demos, entretanto, por provado que elle não tivesse tido entendimentos com o inimigo; ainda assim, a sua vida particular, principalmente no passado, é de tal ordem, de tal maneira infame, que Dom João Tenorio, Lovelace, Casanova, todos os amoraes do universo teriam repugnancia em conviver com elle. D'ahi — quem sabe? — talvez não tivessem. O dinheiro é a melhor, a mais efficiente carta de rehabilitação que se descobriu até hoje nas sociedades decadentes e canalhas.

Uma das mulheres que primeiro depozeram contra Bolo foi madame Panon, já velha e quasi cega por causa d'elle, «*presque aveugle à cause de ce citoyen*», como disse em audiencia o seu marido, o sr. Panon. Este Panon fôra amigo de

infancia de Bolo. Já homens, encontraram-se depois na vida. Panon, casado, vivia bem com a mulher. Bolo metteu Panon em negocios equívocos, que lhe deram um prejuizo de 50.000 francos. Vendo o amigo fallido, seduziu-lhe a mulher, que fugiu com elle para Valencia, na Hespanha, levando as suas joias, o seu bragal e alguns milhares de francos em dinheiro. Bolo devorou-lhe todo o dinheiro, tomou-lhe as joias e abandonou-a. Treze annos passou ella a trabalhar, já regenerada, até que a familia e o marido lhe perdoaram as passadas loucuras. O depoimento de Madame Panon arrancou lagrimas aos espectadores. Os proprios juizes, velhos advogados e rudes militares, os primeiros longamente habituados a descarnar crimes de varia especie, os segundos affeitos a todos os soffrimentos da guerra, com a alma cheia dessa frieza sinistra que nos dá a familiaridade com o perigo e com a morte, esses, si não choravam, estavam pasmados, de olhos fixos naquella pobre mulher que se castigava singelamente, confessando em publico as suas faltas, Bolo perdeu o aprumo, ao ouvir aquella voz espectral. Transparecia-lhe no semblante demudado, não remorso talvez, mas o espanto de Dom João deante do espectro do Commendador...

Mas ahi vem a mulher legitima de Bolo,

porque o pachá tem duas mulheres: a primeira, madame Bolo-Soumaille, da qual se separou sem divorcio legal; a segunda, madame Bolo-Müller, rica viuva, a sua ultima.

A Soumaille, estando como artista no Theatro Francez de Bordeos, conheceu Bolo em fevereiro de 1894 e casou-se com elle em abril do mesmo anno. Veio trabalhar em Buenos Ayres, onde era Madame de Grangeneuve, esposa do mui nobre Senhor de Grangeneuve. Era uma actriz como essas que trabalham por aqui: de decima classe. Toda a noite, depois do espectáculo, Bolo, ou melhor, *Monsieur de Grangeneuve*, ia á caixa e embolsava o *cachet* da rapariga. Em casa, razão de pancada sempre que faltava dinheiro. Um caften authenticico. Um bello dia, foge de Buenos Ayres com as joias e o dinheiro da mulher, que entretanto consegue apanhal-o aqui no Rio e rehaver o que era seu. Unem-se de novo. De novo elle rouba as joias. Partem para o Chile, onde elle é preso num hotel, como suspeito de furto. A mulher, para obter a liberdade provisoria d'elle, entrega todo o dinheiro que possuia, empenha as joias, vende o guarda-roupa, as musicas, tudo. E Bolo foge, dessa vez para sempre...

Muitos annos depois — vejam como este dramalhão tem minudencias technicas da car-

pintaria theatral a Sardou — muitos annos depois, Bolo está rico, casado com uma mulher encantadora e senhor de um *pachalik*... Depois de muitas pesquisas, consegue madame Soumaille saber onde elle mora; vae á sua casa e ahi se desenrolla uma scena comica, para descansar os espectadores... Recebendo-a, pede-lhe Bolo que converse com elle em outra parte, porque a mulher delle... *Ailleurs qu'ici, car ma femme...* — *Votre femme? Mais votre femme c'est moi! Je n'en connais pas d'autre...*

Outra scena. Os mesmos e madame Bolo-Müller, que entra na sala e pergunta quem é aquella creatura. Bolo-Pachá posto entre esses dois fogos, responde, apontando para a Soumaille: «*Il y a vingt ans, à Buenos Ayres, madame était ma femme!*» Pensam que houve tragedia logo? Não. O acaso é bom dramaturgo. Bolo e a segunda mulher entraram em accordo com a primeira, para que esta não fizesse escandalo, mediante retribuição de 25.000 francos de contado, que recebeu.

Quanto ao depoimento de madame Bolo n. 2, foi uma apologia do marido. Um perfeito cavalheiro, um santo! O diabo era aquella pobre céga na miseria; o marido Panon, na miseria; a Soumaille roubada e espancada; e o resto, o resto, o infinito resto...

Entretanto, como é difficil formar juizo acerca de um réo! Duas mulheres affirmam que elle é um bandido; uma terceira jura que elle é um anjo. Grandes homens affirmam que elle é trahidor; outros grandes homens, como Cail-
laux, vêm ao tribunal e declaram nunca ter ouvido delle nenhuma palavra anti-patriotica. Ahi é que se vê quanto é difficil julgar e quanta razão tinha Renan quando, sceptico e amavel historiador, escrevia: *L'Histoire, cette petite science conjecturale...*

FUTEBOLANDIA

O artigo de fundo do *Paiz* commemora, em phrases dithyrambicas, a victoria dos futeboleiros indigenas sobre os futeboleiros uruguayos, «como um facto de grande significação nacional e sul-americana».

Vão uns rapazes a um campo fechado e commecam, na presença de muito povo, a dar pontapés numa bola cheia de vento; por acaso um desses rapazes consegue lançar a bola dentro de uma rêde não sei de que, e logo esse pontapé tem «grande significação nacional e sul-americana!» Nacional porque? Sul-americana porque cargas d'agua? Si fossem os uruguayos que déssem na bola o pontapé certo que a fez engastalhar-se na rêde, estariamos nós deshonrados por isso? Não. Os uruguayos, por não terem

conseguido dar esse pontapé, estão deshonrados? Também não. De onde virá então essa alta significação nacional e sul-americana de um pontapé dado numa bola por um meio-sangue allemão residente em S. Paulo? Sim, antes que me esqueça, a victoria que tanto enthusiasma os brasileiros do Rio foi ganha por um rapaz de origem alleman e residente em S. Paulo, o que demonstra que até no futebol a Allemanha nos é util...

O *Paiz*, — e para tanto lá terá suas razões — achando que nós «estamos, felizmente, voltando ao ponto de vista grego», declara-nos que o futebol, isto é, o acto de andarem varios individuos a dar pontapés numa bola, serve muito para desenvolver «certos caracteristicos moraes, cuja utilidade social é manifesta;» é indispensavel a um povo «que quer viver com brio e altivez;» e é muito util, afim de que os moços adquiram «desassombro em face do perigo e uma certa capacidade para não se deter deante da dôr physica».

Desassombro em face do perigo!

Qual o perigo?

Uma bola cheia de vento.

Eu acho que excellente meio de adquirir desassombro em face do perigo e capacidade de não temer a dôr physica, é sair de manhã

bem cedo, com quatro ou seis valentes cães de caça, uma bôa espingarda, com as respectivas munições, e ir pelos samambaias afóra tocaiar uma onça que está roubando os bezerros da fazenda; e voltar de tarde para a casa, com a onça morta e mais umas cotias, uns préas e umas perdizes, de contrapezo. Lá onde eu nasci, é assim que se adquire desassombro em face do perigo.

Outro meio muito proprio para fazer perder o medo ao perigo e á dôr physica é montar numa bôa besta estradeira, bem arreiada e bem ferrada, ás seis da manhã, e andar dez a doze leguas a trote, subindo e descendo morros, atravessando rios a vau, ás vezes tendo de viajar de noite, na escuridão, sem enxergar nada, no meio da matta, guiando-se só pelo tino, pelo faro e pelo instincto da besta, enquanto o camarada nos vae contando historias de assombra-mentos e jurando que ali mesmo, perto de uma perambeira que está lá adiante, já viu uma noite o *sacy-pererê*, que, por signal, lhe pediu um cigarro!

Mas, já que nem sempre se póde ter pela redea uma bôa besta viageira, aqui mesmo no Rio ha outras maneiras de perder medo ao perigo e á dôr physica: é jogar a capoeira, o legitimo, o genuino, o nosso unico esporte na-

cional. Este, sim, é o nosso verdadeiro jogo de dextreza e de defesa pessoal. As qualidades de iniciativa individual que a capoeira desenvolve; a agilidade que requer; a leveza de corpo, a ligeireza de pé, a flexibilidade das articulações, a precisão dos movimentos de ataque e de defesa — tudo isso faz de um capoeira um verdadeiro e temível animal; mas, si esse capoeira é um homem civilizado, de hábitos morigerados e bom sangue, nunca usará desses recursos a não ser em legitima defesa.

A acreditar, porém, no *Paiz*, quem quizer formar seu character de homem de bem tem de jogar futebol. Com effeito, diz o artigo: «Entre esses traços moraes do verdadeiro *sportsman*, nenhum é de maior importancia, social e politica do que o desenvolvimento de um sentimento humano, discreto, equilibrado e elegante de justiça, que é a expressão da attitude moral, em que se acha o *foot-baller* capaz de evitar uma violação intencional das regras do jogo, afim de prejudicar o *team adverso*».

Evitar violação intencional das regras do jogo, isto é, ser leal, ser probo, ser honesto. Mas isto não é no futebol que se apprende; isto se apprende em casa, na escola, no collegio e no convivio dos homens de bem. Essas qualidades moraes, que de modo algum podem ser

apuradas a pontapés, são conhecidas e praticadas em todos os jogos, desde que os jogadores sejam homens de bem ou, pelo menos, respeitem a policia. No *pocker*, no *baccará*, na *campista* e no *trinta e um* também é prohibida qualquer violação intencional das regras do jogo; e o individuo que commette tal violação é logo expulso da roda e fica desmoralizado; não sei si no Club dos Diarios e no Jockey-Club se procede assim ou de modo contrario; mas estou informado de que as regras geraes de qualquer jogo entre gente limpa são essas.

Continúa *O Paiz*: «Diante desses moços fortes, sadios, bellos de corpo e energicos de espirito, que papel fariam os jovens flacidos, sentimentaes, e amollecidos, que, ha dez ou quinze annos, ostentavam a sua decadencia romantica? Infelizmente, desses representantes de uma mocidade melancolica e precocemente envelhecida, sob o pretexto de cultura mental e de afinamento de sentimentos, ainda temos, por ahi, muitos exemplares. Esperemos que o triumpho da mocidade forte, no campo do Fluminense, induza esses decrepitos prematuros a enfibrarem um pouco a musculatura flacida e a masculinisa-rem, tambem, a sua alma effeminada».

Vejam isso: ha dez ou quinze annos atraz só havia no Brasil homens flacidos, sentimentaes

e amollecidos! Só d'agora em diante começarão a apparecer homens fortes e varonis.

Ó general Osorio, que fizeste tu nos campos de Tuyuty? Jogaste futebol?

Não.

Nesse caso eras um amollecido...

Ó duque de Caxias, tu consolidaste a unidade nacional; aos vinte e poucos annos eras o arrimo da Regencia e o braço direito do grande Feijó: a tua coragem, honradez, prudencia e a segurança da tua orientação militar deram victoria ao Brasil nos campos do Paraguay; mas não jogaste futebol; logo eras um flacido.

E tu, almirante Barroso, que fazes tu ahi no pedestal da tua estatua? Debalde a esculptura de Correia Lima apanhou esse historico e largo gesto com que, tirando o teu boné, ergueste um — *Viva o Brasil!* — no meio do fumo que cercava a tua fragata na batalha naval de 11 de junho. De nada vale tudo isso, porque não sabias jogar futebol.

E Mallet, Argollo, Andrade Neves, Inhauma, Tamandaré, Porto Alegre, velhos marechaes e velhos almirantes, nada valieis, vós outros, porque não sabieis jogar futebol!...

Mas não param ahi as virtudes mirificas do futebol. Este jogo ensina até sciencias exactas

e philosophia. Com effeito diz *O Paiz*: «*O sportman* apprende a grande verdade da relação de causa e effeito, cujo conhecimento é o unico meio de nos livrar do immediatismo impulsivo, etc., etc.».

Chamo a attenção para este topico. Suprima-se, por inutil, a Escola Polytechnica. Realmente, ha rapazes que passam naquella escola seis annos, exactamente para isso: estudar as relações de causa e effeito, sem cujo conhecimento é impossivel ter noções das leis da mecanica; esses rapazes aturam pacientemente aulas massudas, vão ver desmontar e recompor machinas complicadissimas; passam horas nos laboratorios, justamente para isso: conhecer as causas, os effeitos e suas relações. Mas, já agora, não ha necessidade de estudar na Polytechnica. Basta ir ao futebol. Apenas, eu quizera poder chamar uma menina *torcedora*, das mais enthusiasmadas, e falar-lhe assim: «Este jornal diz que quem ama o esporte, conhece as relações de causa e effeito; ora, a menina é louca pelo futebol; portanto, vae me responder ao seguinte: por que razão a bola, quando cae na arena, se eleva novamente aos ares, sem auxilio de ninguem?» Duvido de que ella me respondesse satisfactoriamente...

Sejamos, pois, menos exaggerados. O futebol é apenas um divertimento, como as corridas de cavallos, os circos de cavallinhos e o pau de sebo. A taes diversões vae quem quer e quem as aprecia. Questão de gosto. Apesar de haver summidades medicas que condemnam o futebol como nocivo á saude, eu nem louvo nem condemno os que se enthusiasmam por esse jogo. Quanto a mim, acho-o insipido de mais; nem por isso, todavia, passo logo diploma de cretinos aos que o adoram. Conheço homens de intelligencia que não perdem uma partida. O meu amigo Gilberto Amado, por exemplo, que é um tão alto e grande espirito, lá está frequentemente no Flamengo e no Botafogo. O futebol, dizia eu, é um divertimento como qualquer outro; mas não lhe attribuamos essas virtudes mirabolantes de formar caracteres e ensinar coisas que só se aprendem a custa de muito estudo. Quanto ao seu alcance moral, não nos esqueçamos de uma coisa: a mocidade que delira no futebol é a mesma que o anno passado, valendo-se do pretexto de uma epidemia, andava pela Camara e pelas redacções dos jornaes a pedir apoio para que o governo approvasse todos os estudantes, como approvou, em exames por decreto, e até vaiava deputados que não concordassem com semelhante immoralida-

de. É por causa dessas e outras que eu não acredito na efficacia moral do futebol como formador do character da mocidade. O futebol póde, quando muito, desenvolver panturrilhas, mas nem orna a intelligencia nem purifica o coração.

AMORES DE PHILOSOPHO

CHARLES de Rouvre, sobrinho neto de Clotilde de Vaux, no seu livro *L'AMOUREUSE HISTOIRE D'AUGUSTE COMTE ET DE CLOTILDE DE VAUX* — traça do philosopho, um esboço biographico, que elle diz poder ser attribuido a um historiador que fosse ao mesmo tempo imparcial e ironico. Nesse esboço, em que não ha uma só phrase que não seja verdadeira, diz elle que o philosopho, depois de separar-se amigavelmente de sua mulher, «enamorado-se de uma rapariga dezeseite annos mais nova do que elle; viu-a morrer — o que o impressionou para sempre; e de tudo isto, a saber, da sua vida conjugal fallhada, do seu tardio amor tão cêdo espedaçado, da sua philosophia social transmutada em politica, fez uma religião da qual achou

muito simples ser o papa; na qual Deus, quero dizer, o Ser, foi substituído pelo Grão-Ser, isto é, a Humanidade; e finalmente Clothilde de Vaux, posto que innocente, representou depois da sua morte o papel de deusa e de Virgem-Mãe, ainda que, enquanto viva, nem tivesse ficado virgem nem jámais tivesse sido mãe...»

A leitura deste livro, que o autor escreveu tendo á vista o archivo de sua familia, nos dá a idéa mais clara possível da vida sentimental de Augusto Comte e de Clothilde. É um livro massiço e de estylo soporifero, mas optimamente documentado. O seu proprio autor tem cuidado de chamar a attenção do leitor para o facto dalguns documentos nelle publicados parecerem inverosimeis, o que não os impede de ser profundamente verdadeiros e irrefragavelmente authenticos. Com effeito, as personagens que passam por entre estas paginas parecem irreaes, como todas as naturezas romanticas. Não nos esqueçamos de que o periodo da paixão casual de Comte por Clothilde, isto é, de abril de 1844 até abril de 1846, quando ella falleceu, pertence ao bello tempo em que florescia e triumphavam em França todas as figuras e extravagancias romanticas creadas por Victor Hugo, Balzac, Vigny, Gautier, Lamartine, etc.; e, apezar de toda a sua mathematica trans-

cidental e do seu espirito positivo, o philospho não podia fugir ás inevitaveis influencias do seu meio e da sua época. Assim, o seu sentimentalismo, um pouco mesclado de espirito scientifico, embora hoje nos pareça tão incomprehensivel e distante como o de Lamartine bradando pela alma de Elvira, tem sua explicação, em parte, nas ambiencias que o cercavam...

«Eu nunca poderei ser ridiculo», disse uma vez Augusto Comte e é verdade. Em tudo quanto escreveu e em tudo quanto fez, ainda nas suas concepções mais estapafurdias, elle nos inspira respeito; e, si por vezes, melancolico nos afflora aos labios um sorriso de piedade para com um grande homem que, tendo construido um dos maiores monumentos do saber humano, não deixou de ter deploraveis deliquios, quer na sua vida privada, quer na sua vida publica, ainda assim ninguem applaude que se apedreje o profundo rehabilitador da Edade Média perante a critica historica moderna, só porque elle foi, depois de marido infeliz, namorado sem ventura... Em todo o caso, irrita a nossa dignidade de animaes intellectivos ver como este homem superior, esquecido da sua superioridade intellectual, se apegou a uma mulher que o não amava, que lhe dava a entender que amava a ou-

tro e o mantinha sempre a respeitosa distancia do seu corpo, cuja posse elle tão ardentemente cubicava e tão insistente quão inutilmente procurou...

Um tanto pançudo, meio calvo, tendo na testa uma mecha de cabellos isolada, como Napoleão, olhar doce mas lacrymejando sempre de um dos olhos, rosto raspado, tendo incessantemente, quando falava, um pequeno deposito de saliva na commissura dos labios, tal era o Comte que conheceu Clothilde em 1844, em casa da familia della. Não era, como se vê, homem que fizesse mulher morrer de amor por elle. Assim, quando elle se retirou, depois desta primeira visita, Clothilde, já então separada do marido, riu-se a perder da sua fealdade e dos seus olhos lacrymejantes... Outras vezes se viram. Comte lhe emprestou livros, que ella agradeceu em bilhetinhos curtos e insignificantes. As primeiras cartas que elle lhe mandava eram para ella motivo de troças infinitas no seio da sua familia. Foi-se comtudo estabelecendo entre ambos uma intimidade que ella procurava sempre resfriar com cartas em que lhe pedia que, quando a fosse visitar, evitasse o que ella chamava *causeries embarrassantes*... Eram, porém, inuteis as tentativas de Clothilde para reduzir o philosopho. aos limites da amizade res-

peitosa e desinteressada. Porque este cerebral era tambem um sensual dos mais inconvenientes, visto que, escrevendo á rapariga, chegava a dizer-lhe que conservava na sua plena maturidade *physica toute la verdeur et l'impetuosité de la jeunesse!* É o que se póde chamar uma declaração de amor bem positiva...

Tudo nella, desde a sua voz até o seu chapéozinho *cabriolet* e o seu longo chale do tempo de Luiz Philippe, tudo concorria para vibratilisar a sensualidade e a sensibilidade desse homem isolado, gravemente vestido á Odilon Barrot, cheio de mathematicas superiores e inteiramente desprovido daquillo sem o que é impossivel qualquer efficaz tentativa de amor: dinheiro.

Marrast, director do *Nacional*, por quem Clothilde sentia palpitar-lhe o coração, ou outros órgãos, torna-se então para Augusto Comte motivo de amargurado ciume. Dahi o seu odio aos jornalistas, sentimento inteiramente pessoal, antipathia de macho vencido, que os seus discipulos depois erigiram em dogma da Religião da Humanidade...

Apezar de tudo — tal a constancia amorosa de Comte! — Clothilde chega quasi a ceder deante dos seus desejos e lhe escreve uma carta em que se confessa disposta a *fazer o que*

elle quizesse... O philosopho sente-se transportado de ventura e lhe manda, numa carta, dizer que venha quanto antes ter com elle; mas a reflexão volta á rapariga e eil-a a desdizer-se do que promettera; rue por terra todo o castello de felicidade que elle sonhara; então, desesperado, exasperado por ver fugir a mulher que elle já cuidava ter nos braços, sem ao menos ter o consolo de transformar-se em rochedo como Adamastor, manda elle á sua adorada uma longa carta cheia de gemidos e recriminações, na qual lhe diz entre outras coisas: «Como! fazeis-me espontaneamente, sexta-feira, a imprevista promessa de felicidade proxima; sabbado confirmaes essa promessa; domingo a illudis, e a retiraes segunda-feira! Não será abusar um pouco do privilegio feminino?»

Pobre philosopho! Como lhe custa conformar-se com esse *lapin!* Daqui por deante, não teve elle outro remedio sinão resignar-se e transformar esse amor carnal em amor immaterial; e desse projecto de amante, que até então fôra Clothilde, fez elle, até a sua morte, uma divindade, que ingenuamente offereceu á adoração da Humanidade, ao culto das dignas gerações futuras, como Dom Quixote, com a sua lança e o elmo de Mambrino, impunha a toda

a gente o culto da sua pobre labrega do Toboso...

Condemnaremos Clothilde por não ter querido corresponder aos ardores do philosopho? Ella esteve sempre dentro da logica feminina. Ainda que fosse mulher mais fortemente sexuada do que era, difficilmente poderia amar com amorosa carne aquelle homem pauperrimo, funebre na sua eterna sobrecasaca preta, e que lhe falava horas e horas a respeito de Homero, de Carlos Magno, do quadrado da hypotenusa e das variações da ecliptica. Clothilde não podia fugir á regra commum, segundo a qual a mulher, tendo conforto, quer ser, antes de mais nada, divertida pelo homem a quem ame, *amusée*, ou com theatros, vestidos e joias, ou com palestras espirituosas, ou com vicios requintados, ou ainda com pancadas, porque as ha, e muito numerosas, que só se divertem apanhando... Seja como fôr, a experiencia tem demonstrado que, com ausencia de dinheiro, embora superabundem as mathematicas superiores, é impossivel agradar a mulheres; e ellas afinal não deixam de ter razão, porque, que me conste, ainda nenhuma conseguiu viver almoçando incognitas e vestindo-se de logarithmos...

O seu desastre sentimental tornou-o aspero, a elle, que já era naturalmente autoritario. Trans-

formando-se de apaixonado em amigo e de amigo em director espiritual, intimamente convencido das suas prerogativas sacerdotaes, Comte esmagava a todos em volta de si. Clothilde, extremamente debil e atacada de doença gravissima, encontrou nelle um amigo dedicado como um cão e simultaneamente odioso como um tyranno. Nos ultimos tempos da enfermidade da pobre creatura, a propria familia della não podia ter acção quanto á maneira de medical-a. Era elle e só elle que escolhia os medicos e impunha a therapeutica. Desconfiado de todôs e de tudo, intervinha de improviso no tratamento, combatia o diagnostico dos profissionaes, ia para a casa ler o seu Broussais e vinha elle proprio, duas vezes louco, receitar mésinhas! Póde-se dizer que Clothilde, si não foi Virgem-Mãe, tem direito de figurar no calendario positivista, como *Santa Clothilde, Viuva e Martyr*. Martyr de Augusto Comte, já se vê. Elle proprio, annos depois, reconheceu que sua amiga morrera menos da doença do que do tratamento...

Tal foi aquella a quem elle chama a sua digna inspiradora e santa companheira. Morta, nem por isso deixou de alimentar no coração do philosopho todos os enganos e illusões sentimentaes que tanto o fizeram soffrer durante a vida. Repellido por ella como namorado, come-

çou Comte a consideral-a santa. Santa era a ingenuidade d'elle. Si Marrast, o director do *Nacional*, apesar de casado, tivesse querido, Clothilde teria cedido... Clothilde era uma mulher que tinha, como tantas outras, a mania de ser escriptora; Marrast, naquella occasião no auge da popularidade, publicava-lhe os trabalhos, que, por signal, litterariamente, nada valem; ella tinha inclinação por elle; bastava, pois, que elle lhe fizesse um aceno, e ella viria, submissa e feliz...

Comte preferiu consideral-a santa. Pois então? Gostava de Marrast e não foi amante de Marrast; teve Comte a seus pés e não se lhe entregou; logo era uma columna de virtudes. Aqui é que me parece immensa a candura do pontifice. Si ella não foi amante de Marrast deve-se isto ao facto do jornalista estar, naquella occasião, inteiramente absorvido pelos seus triumphos na politica, na imprensa e possivelmente em amores outros; e si não foi amante de Comte, deve-se isto é fealdade deste. O facto de uma mulher não ter sido amante de ninguem não prova que tivesse sido um poço de virtudes. «Fulana amou Sicrano e não foi sua amante; eu lhe declarei meu amor e ella me repelliu; logo é virtuosa». Póde ser que sim. Eu, entretanto, prefiro philosophar sobre o caso e dar tem-

po ao tempo, matutando: «Si não foi commigo, talvez tenha sido, seja, ou venha a ser com outro...» Concluir logo pela virtude da dama é leviandade, ausencia de espirito philosophico. Ha quem attribua a libertação de Roma á castidade de Lucrecia. Brincar com as palavras parece-me isto. O que houve em Lucrecia, foi, não virtude, mas repugnancia pelo homem que a requestava. Si, em vez do joven Sextus Superbus, fosse outro o patricio que a requestasse, e si ella amasse esse patricio, talvez Roma ainda estivesse até hoje esperando pelos punhaes libertadores... Eis porque digo que, na vida sentimental de Clothilde, o que se póde firmar é o seguinte: gostou de um homem do qual não foi amante por falta de oportunidade; foi loucamente amada de outro, do qual tambem não foi amante, porque isso repugnava á sua natureza. Ella mesma, escrevendo a Augusto Comte, durante o periodo agudo da crise sentimental que elle soffreu por causa della, declarou-lhe que só se entregaria a alguem por amor, o que me parece perfeitamente sensato e honesto, mas não até ao ponto de nos permittir fazer dessa mulher uma Virgem-Mãe...

A ESTATUA DE BENJAMIN

O governo do Brasil vai mandar erguer uma estatua a Benjamin Constant. Este egregio cidadão notabilisou-se por ser fundador da Republica, segundo a versão positivista, e por ter sido, conforme o declarou a Constituinte, «modelo de virtudes civicas e privadas». Tanto tenho pensado nessa estatua que cheguei a sonhar que estava passeando no campo de Sant'Anna (vulgo praça da Republica), em companhia de Guilherme Tell.

Apezar do respeito que tenho por Guilherme Tell, eu não podia deixar de sorrir de soslaio, quando olhava para o seu saiote, a sua aljava, a sua bésta archaica e o seu chapéo com pluma á tyroleza. Mas nem por isso deixava elle de ser o Tell, o grande Guilherme Tell,

aquelle mesmo que eu admirava no drama de Schiller!

— Com que então, sr. Tell, cá estamos nós no Rio de Janeiro, hein?

— É verdade. Ha muito tempo que eu desejava visitar a cidade. Na Suissa falla-se muito do Brasil. Eu sempre suppuz que o Brasil fosse na Argentina. Depois verifiquei que não. Um amigo meu, Allemão e negociante em Hamburgo, explicou-me que o Brasil era alguma cousa diversa da Argentina...

— Outro paiz, talvez?

— Exactamente. Esse amigo até me mostrou um mappá... Nunca pensei que o Brasil fosse isto. É verdade que conheci em Losana um homem muito instruido, que se dizia Brasileiro; mas eu sempre suppuz que elle fosse Australiano... Sabe porque? Porque no mesmo hotel em que eu estava, morava tambem um Francez, official aviador e condecorado com a cruz de guerra; e esse homem jurava que no Brasil, quero dizer, no Rio de Janeiro, ainda se viam serpentes, tigres e selvagens nus pelas ruas...

— Ha algum exagero nisso. No Rio de Janeiro ainda ha quem ande quasi nu, mas não são os selvagens: são as meninas civilisadas. Em Cuyabá...

— Cuyabá!

— É uma cidade brasileira.

— Muito longe daqui?

— Muito, muitissimo! É mais longe do que de Berna a Basiléa.

— Mais longe do que de Berna a Basiléa!

— É o que lhe digo.

— Mas que grande paiz! Olhe que de Berna a Basiléa é um pedacinho...

— Mas como eu lhe dizia, em Cuyabá costumam entrar indios, que vêm das mattas comprar fumo e aguardente. Esses indios andam habitualmente nus lá nas suas malocas; mas, quando têm de entrar na cidade, vestem-se, tanto os homens como as mulheres. Aqui é o contrario. As môças e as senhoras, em casa, andam vestidas; mas, quando têm de vir á rua, despem-se! É por isso que os Francezes dizem que no Rio andamos nus...

Iamos, entretanto, andando, quando Tell, apontando para uma estatua, me perguntou:

— Quem é este cidadão?

— Benjamin Constant.

— O escriptor francez?

— Não. Cousa superior. Este é o Fundador da Republica no Brasil.

— Ah! Ah! — exclamou Guilherme Tell, já cheio de respeito.

Estavamos, com effeito, diante da estatua do Fundador.

O monumento constava de um simples pedestal de granito, sobre o qual repousava uma columna de marmore; e esta columna sustentava um boneco de bronze, inexpressivo, de lunetas, bigodes caídos de funcionario cansado, cavanhaque de professor jubilado, sobrecasaca militar... Não se podia distinguir si o homem era militar reformado ou si seria antes um mestre-escola aposentado. Era um typo intermedio entre o militar pacato e o professor bellicoso. Em todo o caso, uma cousa ficava evidente: o numero de rugas do seu rosto valia por um feixe de aposentadorias remuneradas...

— Coisa grandiosa, dizia Guilherme Tell, ser fundador de uma Republica!

— Sim, respondi eu, principalmente quando o Fundador é Benjamin Constant, modelo de virtudes civicas.

— Elle combateu?

— Heroicamente!

— Nas trincheiras e nas barricadas?

— Não. Na cathedra de professor e nas reuniões dos conspiradores. Benjamin, sr. Guilherme Tell, era um Santo; e, como todos os santos, tinha horror ao sangue, a todo sangue, em geral, e ao delle em particular... Esteve na

guerra do Paraguay, mas o espectáculo da morte de tantos innocentes bem depressa o ennojou. Voltou logo para a Côrte, sem nunca ter entrado em combate. A sua espada era virgem. Pensando melhor, não chegava a ser espada: era, antes, um espeto que nunca viu fogo. Espada... Espeto... Si considerarmos com attenção, não ha grande differença entre uma cousa e outra. A differença está apenas na qualidade da carne assada: a espada serve para assar carne humana; o espeto serve para assar vitellas e coelhos. No fundo a ferocidade é a mesma, e as victimas, muito parecidas...

— E como foi então que elle fundou a Republica?

— Sendo amigo do monarcha. Benjamin Constant era amigo e apaniguado do imperador D. Pedro II. Tão amigo que resolveu livral-o dos encargos do governo. Ficou assim provado que a melhor maneira de fundar uma Republica é ser amigo de um soberano... Elle tinha jurado fidelidade á bandeira de Dom Pedro II; era official do exercito de que Dom Pedro II era commandante em chefe; era professor da Escola Militar; era director do Asylo dos Meninos Cegos; era director da Escola Normal da Côrte. Como official, percebia o soldo; como professor da Escola Militar, percebia ordenado;

como director dos Meninos Cegos, percebia gratificação e tinha ainda casa e mesa á custa do Estado; como director da Escola Normal, percebia outra gratificação. De sorte que, tendo casa e mesa á custa do Estado, o soldo, os ordenados e as gratificações chegavam intactas ás suas mãos. E ainda lhe sobrava tempo para conspirar. Na Escola Militar, em vez de ensinar calculo differencial, balística e fortificações, ensinava positivismo e pregava as excellencias do regimen republicano sobre o monarchico, isto é, regimen que lhe dava tudo, inclusive a honra insigne de convencer o Imperador de que elle, Benjamin, era um sabio... Um bello dia estourou uma rebellião da força armada. O marechal Deodoro foi a espada que deu vigor a esse movimento. Sem a espada de Deodoro e sem a cumplicidade de Floriano, nunca a rhetorica do sr. Ruy e o positivismo de Benjamin teriam conseguido depôr nem ao menos um terceiro juiz de paz, quanto mais o Imperador do Brasil! O marechal Deodoro foi proclamado generalissimo! Imagine o amigo Tell essa comedia: um generalissimo em tempo de paz! Um generalissimo de alguns regimentos amotinados! Benjamin era coronel. Os estudantes da Escola Militar e os tenentes philosophantes resolveram promovê-lo; e um bello dia, por aclamação dos tenentes e

dos alferes-alumnos, foi Benjamin promovido a brigadeiro! Passou de coronel a general de brigada por aclamação dos rapazes e preterindo camaradas mais antigos nas fileiras e com maior folha de serviços! Os rapazes queriam; Benjamin submetteu-se... Dizem que intimamente elle se revoltava contra essa promoção livremente aceita por elle; e costumava dizer, batendo nos pulsos: «Estes bordados me queimam os punhos!» Mas não consta que, recebendo o soldo de brigadeiro, tivesse dito alguma vez: «Estes dinheiros me queimam os bolsos...» Afinal morreu. Os positivistas choraram muito a sua morte. O povo não deu por isso. Mas a Assembléa Constituinte resolveu apresental-o ás gerações futuras como modelo de virtudes civicas e privadas...

— Que pensa o senhor a esse respeito?

— Penso que está tudo muito certo. Mas é difficil conseguir imitar Benjamin. Depende de muita sorte. A dizer a verdade, meu ideal na vida é ser general sem nunca ir á guerra; ser professor da Escola Militar sem ensinar mathematica; ser director da Escola Normal sem entender de pedagogia; ser director dos Meninos Cegos, com casa e comida á custa do governo; ser amigo do chefe do Estado e conspirar contra esse chefe de Estado, meu bemfeitor e meu

amigo; depois morrer, ter uma estatua e ficar como modelo de virtudes civicas. Tal é o meu ideal: ser Benjamin na vida. Mas é difficil. É preciso ter muita sorte...

Quando acabei de dizer isso, Guilherme Tell começou a ladrar como um cão de fila. Suppondo-o louco, procurei fugir, mas acordei. Continuei, entretanto, a ouvir Guilherme Tell a ladrar. E havia com effeito um cão que ladrava: era o cão do vizinho, que, com certeza, afugentava algum gato.

Rompia a manhã...

ELEGANCIAS INDIGENAS

(Carta ao sr. W. G. Morris King, director da «Fashion Review», de Londres).

Rio -- Fevereiro de 1919.

MEU CARO SR. MORRIS KING — Com grande admiração minha, trata a sua ultima carta de questões de elegancia e me pede, para a sua admiravel revista, informações minuciosas a respeito do que V. gravemente chama *O Problema da Elegancia no Brasil*, para fazer parte de um largo estudo que a revista pretende lançar sobre *O problema da Elegancia nas republicas latino-americanas e sua repercussão no mundo moral, religioso, financeiro e economico.*

Pelo que me diz na sua carta, pretende a *Fashion Review* dar aos seus milhões de leitores uma idéa justa do que seja a Elegancia cá por estas terras de sol. Por essa informação o mundo britannico ficará tendo idéa de todas as modalidades da nossa gentileza, desde a maneira por que calçamos as chinellas, quando nos levantamos da cama pela manhan, até o momento em que descalçamos as botas á noite (ou mesmo pela manhan, conforme os habitos de cada um) quando nos deitamos. Fallo em chinellas em vez de fallar em gravatas de sêda e collares de perolas, porque toda a vida elegante de cada dia consiste naquillo que fazemos durante o tempo que medeia entre o calçar das chinellas antes do banho matutino e o descalçar das botas quando se vem do club, do baile ou de outras partes...

Desde já lhe digo que nunca um brasileiro lhe poderá offerecer um estudo completo do *Problema da Elegancia no Brasil*, digno de fazer parte dessa vasta informação que a *Fashion Review* pretende dar aos pastores, aos elegantes, aos modistas, aos fabricantes, aos membros do Parlamento e das variadissimas Camaras de Commercio do Imperio Britannico, etc., etc. A revista é exigente e nós somos uns dispersivos que mal distinguimos a face superficial das coi-

sas que em torno de nós fenecem, mal vão nascendo... Aqui estou eu, por exemplo.

Quem sou eu para lhe dar um artigo capaz de interessar igualmente os pastores anglicanos, episcopaes e presbyterianos de Inglaterra e Escocia, aos *não-conformistas* do Paiz de Galles, aos tecelões de Manchester, aos elegantes do *Derby Day*, a Sua Majestade a Rainha, aos oradores populares de Hyde Park, ao Principe de Galles e ao Sr. Cardeal Arcebispo de Westminster? Seria tarefa muito grande para homem tão pequeno. Limito-me, pois, a offerecer-lhe alguns aspectos superficiaes do «problema», os unicos que eu sou capaz de apanhar e desenvolver como me ajudar a penna.

Para começar, devo dizer-lhe que a moda masculina no Brasil se modificou um pouco depois do anno de 1500. Até então os homens usavam tangas e cocares de pennas; hoje usamos calças e chapéos; quanto ás pennas, só são usadas ainda pelas senhoras, principalmente nas recepções, creio eu que por espirito de nacionalismo.

As nossas antepassadas usavam pennas de tucano, de papagaio, de araras e de outras aves indiscretas; actualmente usam pennas mais discretas, embora muito mais caras; mas a indiscreção das donas continúa intacta. A moda fe-

minina tem soffrido pequenas modiifcações de 1500 para cá. Paraguassú, por exemplo, dama da mais alta nobreza bahiana daquelle tempo (e até afillhada da Rainha de França, que lhe deu o nome de Catharina e a fez casar-se com Diogo Alvares Corrêa), Paraguassú usava muito pouca roupa sobre si; as brasileiras de hoje usam um pouco mais de panno para seu vestuario, mas não tanto que, em questões de moda, as torne muito differentes das inolvidaveis patricias Paraguassú, Moema, Lindoya, Jupyra e outras *melindrosas* das florestas. Creio até, sr. director, que as minhas patricias, por sentimento do mais puro nacionalismo, estão voltando ás formas primitivas da moda feminina que era de rigor aqui quando entraram na bahia de Todos os Santos as celebres caravellas de Pedr' Alvarez — não sei si ahi na Inglaterra se terá conhecimento desse tão importante facto historico...

Mas a Elegancia, como V. de certo sabe, não consiste só em roupas bem talhadas: consiste principalmente em maneiras e muito mais nestas do que naquellas. Uma mulher rica pôde estar vestida segundo os ultimos figurinos de Paris, coberta de perolas legitimas, e não ter sombra de elegancia; uma costureirinha, uma caixeira de casa de modas, ou uma simples em-

pregada de escriptorio pôde estar vestida pobremente e ser um primor de elegancia. Da mesma sorte um homem pôde trajar casacas do Poole e não passar de um labrego; outro, vestido mais modestamente, pôde encantar pela sua elegancia, pela distincção, natural das maneiras, por esse conjuncto de pequenas coisas que se não adquirem nem por decreto, nem por compra, nem por herança. Por isso disse Balzac: «Um homem pôde tornar-se rico, mas o elegante nasce». Assim sendo, meu caro senhor, julgo poder affirmar, sem receio de commetter injustiça para com os meus patricios, que não ha Elegancia actualmente no Brasil. A Republica, entre outras coisas que destruiu, extinguiu entre nós a Elegancia. A sociedade fina do nosso Segundo Imperio era exigente. Geralmente, nas recepções e festas da alta sociedade, quer do Rio quer de Petropolis, estavam membros da Familia Imperial. Muitas vezes comparecia o proprio Imperador com a Imperatriz, cujo aspecto inculcava logo gravidade e discreção. O Corpo Diplomatico estrangeiro concorria para impor distincção de maneiras, pois era formado de individuos que tinham habitos de côrte. O que se queria em rapaz que penetrasse num salão era que tivesse boas maneiras e soubesse dizer ás senhoras phrases amaveis e espirituosas, não

estudadas e ridiculas, mas dotadas dessa graciosa espontaneidade que só a agilidade do talento pôde dar. Quem não soubesse dansar uma valsa aristocratica e não fosse capaz de tagarellar com espirito num grupo de senhoras, que se mantinham dignas na indiscreção dos seus decotes, não podia ter entrada nas altas rodas. Dizia-se de um rapaz d'alta vida, ou de uma môça bem educada: «Aquelle sabe entrar num salão. Aquella sabe estar numa sala». Era assim no tempo do Imperio, mas eu não sou desse tempo...

Hoje já não ha vestigios dessa gentileza. A Republica, com a sua Dictadura Militar, com o regimen de *pronunciamientos*, com a sua orgia financeira, com as suas revoluções, com os seus presidentes que não sabem atar nem sequer mediocrementemente o laço da gravata, com os seus ministros que não sabem abrir a bocca sem dizer dez tolices; com o seu Congresso Federal de nullos e negociastas; com o seu desprezo pela Intelligencia e com a sua hottentotica indifferença por todas as coisas gentis; com o seu regimen presidencial que torna inutil a arte de bem fallar; a Republica estragou tudo, matou tudo, peor ainda, achatou tudo! O regimen republicano fez desapparecer todas as coisas bellas do passado, as quaes, segundo parece e é

triste dizer, só existiam devido á acção de presença da Família Imperial...

Para que V. tenha uma idéa do retrocesso que soffremos em questões de Elegancia, vou transcrever aqui alguns trechos publicados por um jornal que representa alguma coisa na capital do Brasil. Esse jornal — um dos mais autorisados no que diz respeito á alta roda — é *A Noticia*, que, na sua edição de 6 do corrente, tratando de uma festa havida no *Tennis-Club* de Petropolis, no qual se reúne tudo quanto ha de mais *fashionable* no Rio, disse o que se segue, a respeito dos rapazes que constituem a nossa *jeunesse dorée*. Devo dizer-lhe que fiz nos commentarios do jornal apenas as correcções estrictamente indispensaveis á harmonia grammatical do meu artigo e ao respeito que devo á *Fashion Review*; excepto essas correcções inoffensivas, é textual o que transcrevo. Os trechos são os seguintes: «Os dois ultimos annos da nossa vida mundana assistiram a essa transformadora substituição dos cavalheiros realmente de salão, senhores de aspecto e de situação, por jovens sem situações e sem aspecto. Dominadores das festas mais requintadas, sem habitos discretos, não se julgando nunca attingidos pelas exigencias da linha de salão, tomando, nas reuniões onde ainda se faz representar a

grande sociedade pelas suas mais distinctas embaixatrizes, as mesmas attitudes que tomariam em um salão, «onde a liberdade fosse mais tolerada»... — elles são, entretanto, os Victoriosos. O que caracteriza esses moços é a liberdade das maneiras, o pouco brilho do espirito e a tortuosidade da linha individual. Com elles, foi a *debacle* das palestras, que eram um jogo malabar de pedrarias. Foi a destruição da correcção das maneiras cavalheirescas e galantes, dos gestos que encantavam pela sobriedade e pela elegancia. O *encantador* está no salão do Tennis, como num campo de *foot-ball*. Educação americana? Mas as attitudes de desembaraço dos americanos da Fox e da Triangle têm no fundo a magnifica affirmação de energia da raça sadia, — a credencial para acceitação dos gestos e das maneiras americanas, da educação americana que não poderiam supportar, realmente, os nossos *encantadores* para quem o assumpto predilecto das conversas são as ultimas fazendas e os ultimos modelos das *toilettes* femininas, e cuja preocupação no estio petropolitano é confeccionar almofadas, bordar, coser... A transformadora invasão dos *encantadores*! É a época da desgraciosidade das attitudes, do exagero na compostura e da feminisação dos ademanes».

Fox - Triangle

Salvo, como já dei a entender, certas hesitações de estylo que correm inteiramente por conta do chronista, tudo que ahi fica é textual; e, continuando, diz *A Noticia* com a sua pouco habitual franqueza: «Mas a festa de hontem terminou com uma demonstração do espirito e da essencia da alta sociedade carioca. Foi uma noite memoravel. No meio da sala uma das mais falladas *melindrosas*, que marcou época o verão passado, promovendo uma festa de que ainda hoje se falla, batia o *record* da alegria, com uma taça de *champagne* na mão e em volta o grande encantamento dos presentes. Realmente, *mlle.* estava alegrissima e espirituosa. A festa continuava ruidosa, no apogeu da animação. Em volta de *mlle.*, tudo girava, vertiginosamente. A orchestra toca um maxixe. Irresistivelmente, todos dansam, dansam mais do que o *puladinho*. Como só ha *encantadores*, a reunião assume esplendidas proporções. A intimidade que se estabelece, a familiaridade que se crêa nesses logares como Petropolis, onde todos os dias é sempre a mesma gente a encontrar-se, colloca, naturalmente, todos em situação de poder considerar-se isentos de etiquetas e formalidades de cerimonia uns com os outros. Os *encantadores* e as *melindrosas* estão sempre em familia. Dahi, o exito das quadrilhas com que terminou a reunião de hontem,

com a orchestra a vibrar, os moços e as môças numa allucinação pela sala, correndo, batendo os pés violentamente, precipitando-se uns contra os outros, em encontros e abraços, num desvario, numa vertigem deliciosa. O ambiente era infinitamente alegre».

Eu, que tudo isto li e não o entendi, fui perguntar a um amigo meu, que conhece coisas da alta roda, si o jornal não teria exaggerado quando alludiu a rapazes que cosem, a môças que rodopiam nas salas com taças de champanha na mão e finalmente a rapazes e senhoritas que, no fim de um baile (em que a Constituição não permite a fiscalisação directa da Policia) caem uns sobre os outros «em encontros e abraços, num desvario, numa vertigem deliciosa». Esse amigo me informou de que tudo era verdade. Portanto, neste paiz e neste seculo, com o maximalismo na Russia e as inundações em Minas, ha rapazes que, em vez de remar, de andar, de correr, de estudar livros e mais livros, de escrever, de beber, de observar a Vida ou de suicidar-se, em vez de fazer alguma coisa mascula emfim, que os recomende, cosem, bordam, fazem almofadas de velludo brosladas a flocos de sêda, como si fossem mulheres, e até são conhecidos em Petropolis pela denominação ignominiosa de *almofadinhas*... Os al-

mofadinhas, meu caro sr. Morris King! Homens que bordam almofadas! Phantastico! V. não tem vontade de enforcal-os num fio de sêda? Eu tenho... Fóra disso, o que se vê é, como 'descreve o chronista, uma senhorita «com uma taça de *champagne* na mão e, em volta, o grande encantamento dos presentes»; e tudo isso, num final de festa, é «uma demonstração do espirito e da essencia da alta sociedade carioca!» Si, no tempo do Imperio, tal se dêsse, os rapazes que bordassem almofadas nunca teriam a honra de ser apresentados ao sr. Marechal Duque de Caxias, ou ao sr. Marechal Marquez do Herval; e as meninas que andassem loucas pelos salões, com taças de champanha espumejante, á vista de toda a gente, nunca teriam a honra de beijar a mão a Sua Majestade a Imperatriz nem de curvar-se deante de Sua Alteza Imperial a Princeza Dona Izabel.

E nada lhe digo, caro senhor, a respeito de certa dança chamada *puladinho*, que a directoria do Tennis-Club foi obrigada a prohibir nos seus salões. Não posso descrever o *puladinho*, para não escandalisar os leitores da sua revista. Ha poucos dias fui ao Club dos Politicos com alguns amigos. Como não jôgo nem danso, quando vou a clubes, limito-me a olhar e a palestrar. Ora succedeu que um cavalheiro,

a quem não conheço, começou a dansar um maxixe com uma linda rumena, de cabellos côr de ouro velho, *cabaretière* graciosa e muito conhecida; a certa altura, esse cavalheiro assumiu para com ella attitudes choreographicas um tanto escandalosas; a rumena, sem ares de *collet monté* (que lhe ficariam mal), mas com muita seriedade, parou e o fitou, como quem dizia: «Veja lá com quem está dansando! Eu não permitto certas liberdades...» E o cavalheiro corrigiu-se; e dahi por deante o maxixe correu quasi familiarmente. Pois o *puladinho*, segundo me informaram, é um pouco mais escandaloso do que esse maxixe que repugnou a uma *cabaretière*. Vê, pois, o meu amigo, que não deixo de ter razão quando affirmo que se perderam totalmente no Brasil as tradições de elegancia e de bem viver em sociedade fina.

Os nossos cinemas têm-se tornado famosos como santuarios em que — dizem — os rapazes da moda ensinam ás meninas, tambem da moda, os primeiros rudimentos da prostituição, quando não são ellas proprias que lhes ministram a elles os principios primarios do vicio. Quem quizer convencer-se disso converse com «um moço de bôa familia» a respeito da senhorita Fulana ou de *mlle.* Beltrana. Tal rapaz lhe proporcionará logo historias picantes e saborosas, em que elle

e *mlle.* Fulaninha foram partes durante o tempo em que a sala esteve ás escuras. E a desmoralisação do cinema, do theatro e do bonde chegou entre nós a tal ponto, que um brasileiro olha para outro brasileiro sempre como si estivesse olhando para outro canalha; e quando entra no cinema, ou quando toma o bonde, si está em companhia da mulher, da irman, ou da noiva, olha para o visinho com ares ferozes, porque, na mente d'elle, esse camarada vae certamente procurar roçar a perna propria pela perna della, embora, muitas vezes, tal individuo seja um cavalheiro perfeitamente incapaz de *bolinar* uma senhora.

Até as mais réles marafonas sabem que esses factos se dão entre moços e môças de familias que são indubitavelmente muito respeitaveis; e uma vez certa judia polaca de rotula, estando num cinema e sendo bolinada por um cavalheiro que lhe ficava ao lado, respondeu, não sem certa dóse de razão: «Seu sem-vergonha! Olhe que eu não sou familia, não, já ouviu? Eu sou polaca!»

Ahi está...

Uma das aventuras mais perigosas que ha no Brasil é procurar um cavalheiro apanhar, por mera cortezia, o leque caído a uma senhora; ou procurar levantar do chão essa senhora, si

por ventura houver sido ella propria que caiu em vez do leque; ou erguer-se para lhe ceder o seu logar num theatro, num bonde, em qual-quer sitio publico; porque, si ella estiver só-zinha, não sómente cerrará o sobrecenho, para inculcar respeito, como tambem tomará nota da physionomia do cavalheiro para depois apon-tal-o ao marido como um conquistador; e si o marido estiver presente no momento em que se fizerem essas amabilidades, tão communs entre gente civilisada, murmurará um *muito obrigado* rangendo os dentes, e o pobre *gentleman* fica marcado a olho e a dedo para apanhar uma surra na primeira oportunidade. Eu nunca le-vanto do chão o leque de senhora nenhuma, nem cedo meu logar a senhora nenhuma, não por-que eu seja de meu natural grosseiro, mas ape-nas para evitar aggressões e não ser tido como bolina. Si o meu amigo vier algum dia ao Brasil e vir uma môça, ou uma senhora, em perigo de ser esmagada por um automovel, ou de cair no mar, ou de rolar no fundo de um precipicio, não intervenha, porque, si lhe salvar a vida, fica sujeito á inimizade de toda a familia della e correrá durante toda a sua existencia o risco de tomar um tiro, ou uma facada, ou, na hypo-these mais benigna, algumas bengaladas. No me-nos tragico dos casos, em vez de lhe concederem

medalha de merito humanitario, o seu retrato sairá nos jornaes como sendo o de um perigoso satyro e um repugnante conquistador.

Illustrando o sobredito com um exemplo verdadeiro, vou contar-lhe o que se passou com um velho de grande respeitabilidade, um dos mais respeitaveis, sinão o unico respeitavel positivista que existe no Brasil. Esse digno discipulo de Augusto Comte, theorico, moralista e mathematico, tem a inoffensiva mania de considerar *senhoras* a todas as mulheres que se lhe deparem. Seja a Rainha da Belgica, ou Santa Thereza de Jesus, ou uma preta com um cêsto de laranjas na cabeça, qualquer mulher que lhe appareça é e será sempre uma digna senhora e uma santa inspiradora dos mais nobres e definitivos sentimentos altruisticos, de onde surgirá irrefragavelmente, na phase final da transição organica, o triumpho da Humanidade, de accordo com as previsões do incomparavel Mestre e com a utopia positivista da Virgem-Mãe. Esse digno homem tem ainda' o habito de viajar sempre em segunda classe, não por avareza, mas porque — é pelo menos o que eu conjecturo — viajar em primeira classe póde ser contrario á incorporação do proletariado á sociedade moderna. Pois foi pensando e ponderando todas essas coisas profundas que o digno

positivista, com seus dignos bigodes grisalhos e pendidos, e mettido na sua vetusta sobrecasaca, digna contemporanea de Deodoro e da proclamação da Republica, tomou a segunda classe de um bonde no largo da Carioca para ir ao Templo da Humanidade, na rua Benjamin Constant. O vehiculo rodou. Ao chegar ao Passeio Publico, ali perto do Instituto de Musica, entrou no bonde uma preta gorda, apparentando seus quarenta annos de idade, muito pezada, carregando uma trouxa de roupa e um guarda-chuva. Ao entrar, a pressa do conductor, a lufa-lufa do trafego, o pezo das carnes e da roupa servida, os solavancos do carro, tudo isso fel-a cair assentada como um fardo ao lado do respeitavel positivista, ao mesmo tempo que lhe caia a ella o guarda-chuva no soalho do vehiculo. O digno apostolo da humanidade futura apanhou-o e entregou-lh'o com a mesma reverencia com que teria dado um volume de Lagrange a Augusto Comte. A preta recebeu com arrebatamento o guarda-chuva, fincou-o bem firmemente entre ella e elle, fez com a beicorra um signal de enfado muito digno e sibillou, olhando-o de soslaio: «Hum! aqui neste Rio de Janeiro ha cada velho mettido a engraçado!...» De maneira que até as pretas e as judias duvidam da moralidade do brasileiro! E o que se passa com as pretas e

judias passa-se egualmente com todas as que se presumem brancas... Elles, os homens, não crêem na honestidade dellas; ellas por sua vez não concebem a honestidade delles. Nós nascemos, vivemos e morremos na volupia da desmoralisação geral. É tal a certeza que temos da nossa ausencia de moral; é tal e tão cega a nossa confiança na immoralidade como instituição nacional, que, quando um cavalheiro acha na rua uma carteira com dinheiro e vae entregal-a á policia, para que esta a entregue a seu dono, os jornaes commemoram semelhante facto como uma façanha nunca vista. Um homem que achou uma carteira com dinheiro e não a guardou para si! Os homens de bem são aqui tidos como tolos e falhados, isto é, individuos incapazes de triumphar, de, como se diz, *vencer na vida*. Ninguem tem noção da existencia de certas consciencias que não se conformam com qualquer processo de vencer na vida; de certas organizações moraes que não enxergam no successo pessoal e no exito monetario a unica razão de viver; de certas individualidades que sentiriam remorsos si se appropriassem de logares e situações que ellas intimamente reconhecessem pertencer por maiores razões a outrem; de certos temperamentos, raros, já se vê, mas que subordinam toda a rota da sua vida a

regras religiosas e tradicionaes que são immutaveis e sagradas para milhões de consciencias no mundo. Toda a nossa vida se baseia nas exterioridades, e, quanto mais superficiaes, melhores. Toda a nossa existencia é apenas o triumpho do postiço. *In eo movemur, et sumus.* A sinceridade não nos commove, mas o postiço, principalmente quando é ridiculo, subjuga-nos. Veja, por exemplo, o caso dos titulos nobiliar-chicos. No Brasil não os possuímos. Tivemol-os durante o Imperio, mas sem cunho hereditario. A unica familia legitimisticamente nobre, fidalga de typo historico, que houve no Brasil, foi a de Bragança. Esta perdeu para nós os seus fóros de nobreza em 1889. Todas as demais que se arrogam titulos de nobreza são familias mescladas e sem significações. Pois bem! Quem vier ao Brasil disposto a esgaravatar tolices encontrará varios principes, duques e marquezas brasileiros authenticos, que ninguem sabe donde vieram para ter tanta fidalguia.

São filhos de advogados, de medicos, de engenheiros, de tabelliães, de carnicheiros e outras pessôas indubitavelmente muito estimaveis, mas que nunca foram fidalgos nem por si, nem pelos seus caixeiros, nem pelos seus avós, caso os tenha havido na familia. Esses rapazes, filhos desses advogados, desses fornecedores e desses

engenheiros, *tout ce, qu'il y a de plus roturier*, fazem uma viagem á Europa, quero dizer, ao *grill-room* do *Claridge's Hotel* em Paris; embriagam-se de venenosos *cock-tails*; mandam fazer roupas que não pagam aos alfaiates; dormem nos hotejs de doze francos com raparigas *en carte*, mas que elles tomam por timidas senhoras casadas que só com elles aprenderam as delicias ineditas que a Venus Erudita ensina aos amantes capazes de não temer os riscos dos adulterios dramaticos; depois, sem duvida envergonhados de usar o nome de familia (e elles para isso lá terão suas razões que a razão facilmente comprehende) adoptam titulos de viscondes, condes, marquezes, duques e principes, de um dia para outro. Os jornaes só os tratam por esses titulos. Os amigos, quando os apresentam, dizem: *O meu amigo duque de Pirassinunga*. Quando lhes escrevem, deitam: *A S. A. o Principe de Magdeburgo*. Mas o mais interessante é que, ao cabo de certo tempo, os proprios paes, mães, irmãos, irmans, toda a parentalha desses rapazes enfim, começam a considerar-os realmente duques, marquezes e principes! Antigamente havia a nobreza espiritual e a nobreza de espada. Estava, porém, reservado ao Brasil descobrir a nobreza de sobrecarta...

Ha, todavia, entre nós, uma nobreza muito

mais seria do que essa, que afinal não passa de uma pilheria de rapazes não dotados de bom gosto: é a fidalguia dos engraxates; é o *Gotha* dos tamancos. Os tamancos, já se vê, só nos podem vir das margens do Tejo; os engraxates, das fraldas do Vesúvio. Aquelles manifestam-se geralmente em sujeitos gordos, com a commenda de Christo; estes, em sujeitos também gordos, com a commenda da Corôa da Italia; mas no fundo como na fórma, todos elles se parecem. Sómente, os fidalgos engraxates são mais vivos e mais pittorescos do que os de tamancos. Fallam uma lingua mais sonora e vêm de uma patria muito maior e infinitamente mais interessante. Um delles, poderoso conde enriquecido em São Paulo no honesto commercio de banhas podres e algodões vendidos como lan, foi certa vez, juntamente com outros condes-engraxates, passar a estação calmosa num hotel de Guarujá, que é a Dauville dos nobres-engraxates e a Brighton dos *lords-sebos* da Terra Roxa. No mesmo hotel estavam também o Presidente de São Paulo e seus secretarios. Certa noite, no *hall* do hotel, apóz o jantar, o Presidente e seus secretarios, repimpados nas poltronas, fumavam charutos. D'ahi a pouco foram tomando lugar no *hall* varios condes-engraxates; sinão quando um delles, rustico mas espivitado, olhou

para o Presidente altivo, relanceou os olhos pelos secretarios, deu uma olhadela ás senhoras brasileiras ali presentes, escancarou a bocca em vasto e gorduroso riso aos seus patricios condes, tirou uma fumaça do charuto e exclamou na lingua nativa:

— *Ma è proprio un bel paese questo qui! Noi qui siamo tutti aristocratici!*

Quanto a bôas maneiras, é inutil procural-as no Brasil. Somos um povo de exuberantes. Fallamos alto. Rimos ás gargalhadas, com estrepito bruto. E o desejo de todo brasileiro é tomar familiaridade com toda a gente. O rapazola que lhe foi apresentado hoje lhe baterá amanha na barriga. Ou isso, ou então a solemnidade phrasejante, trombuda e ridicula. A civilidade pura, esse meio termo que o homem civilizado sabe manter entre a solemnidade e o grotesco e que é, em ultima analyse, a fórmula externa de uma grande dignidade interior, isso é desconhecido do brasileiro.

O que vulgarmente se chama elegancia não é mais que a quintessencia de certos preconceitos suaves que tornam a vida agradável. Um desses preconceitos é o da dignidade pessoal, e este nos faz aborrecer simultaneamente o acotovelar e o ser acotovelado; assim como tambem nos leva a preferir tudo quanto é nobre e

harmonioso no nosso vestuário, na nossa casa, á nossa mesa, no culto da amizade, no desprezo pelos detractores dos nossos amigos, nas nossas palestras, cujo tom deve ser ao mesmo tempo elevado e inimigo do pedantismo, na escolha das affeições, dos passatempos, e dos livros que tomarmos para nossos companheiros. Mas tudo isto é vão, é vazio, sôa ôco, ou não tem mesmo som nenhum aqui no Brasil.

E mentimos, meu amigo, oh! si mentimos! Mentimos a proposito de tudo e principalmente a respeito daquillo acerca de que não é decente mentir.

Mentir a respeito da idade, occultando-a, isto é entre nós commum! a homens e mulheres. Já têm havido no mundo elegante do Rio sexagenarios mais môços de que as filhas collegiaes de Sion; e, por mais absurdo que pareça, já se têm observado casos de adiposas e nalgudas senhoras com menos annos do que os filhos já reprovados no quarto anno de direito e campeões do futebol.

Mentir a respeito de dinheiro é considerado até motivo para honrarias no Brasil. Ha aquelle homem ou aquelle rapaz cheio de dividas, de cujas letras protestadas appareceu noticia pela manhan, e que á noite lhe contará vantagens fabulosas a respeito de um negocio de primeira

ordem — duzentos contos de lucro liquido! — que elle realisou ás tres horas da tarde. Mas, como ainda foi preciso ir ao tabellião legalisar umas escripturas e depois não houve tempo para ir ao banco, elle lhe pedirá ahi uns cem mil réis emprestados apenas por vinte e quatro horas. Não caia na esparella, amigo! Offereça a esse millionario cinco ou até dez mil réis no maximo e elle irá satisfeito jantar no primeiro restaurante... não muito caro, que se lhe deparar.

A respeito de mulheres nem fallemos. O Brasil é terra de mulheres escassas e na maioria feias. Eu não regulo a belleza das mulheres do Brasil pelo pequeno grupo de bonitas raparigas que vemos nas avenidas cariocas á tarde, nas confeitarias, nos bailes officiaes e nas egrejas. Faço os meus calculos pelas mulheres que conheço do sertão em mais de um Estado; e estas são, na sua maioria, magras, desdentadas, anemicas, rachiticas, enfezadinhas, desgraçadas, analphabetas, opiladas, sem noção de hygiene nem de conforto, melancolicas e desalentadas, creaturas irremediavelmente perdidas para tudo quanto significar vida, saude, agilidade, fôrça, alegria, belleza. Assim, é facil comprehender como, em tal paiz, a caça á mulher deve ser aspera e terrivel. E o é, com effeito. As poucas mulheres bonitas do nosso paiz são alvo

de *raids* ferozes. D'ahi, o seguinte: 1.º) ellas vendem-se caro: 2.º) os maridos, noivos e amantes são victimas de um ciume que naturalmente só póde acabar ou na tragedia ou na farça; 3.º) os outros, os que estão de fóra, os que não têm muita sórte para conquistar, quer legal quer extra-legalmente, uma mulher bonita e, sendo possivel, rica, ficam ciumentos de todas as mulheres, quer casadas, quer solteiras, e dedicam-se então ao gracioso esporte da diffamação. Alguns, pela carta anonyma; outros, a maioria, por palavras sussurradas aqui e ali... E não ha correctivo, nem material nem moral, para taes criminosos. Em certos paizes estrangeiros a carta anonyma é perseguida no mesmo plano que os grandes crimes. No Brasil, não. Nem ao menos se abre inquerito a respeito. Pois si ha jornaes, chamados *grandes jornaes*, cujo officio unico é diffamar diariamente a toda a gente e ninguem attenta contra elles nem por intermedio da lei nem pela violencia pessoal, como exigir que se persigam autores de cartas anonymas? Seria ridiculo! De sorte que, andando ahi pelas ruas do Rio de Janeiro, encontramos centenas de jovens, certamente encantadores, que nos vêm narrar notaveis façanhas amorosas em que os heróes são evidentemente elles, e as heroínas são senhoras e raparigas

que geralmente nem sequer os conhecem, a não ser de vista. Mas que quer? O brasileiro julga-se deshonrado, sente-se humilhado deante do seu semelhante, si não tem muitas victorias de amor para contar. D'ahi, a mentiragem que a esse e a outros respeitos somos obrigados a ouvir diariamente. Ha momentos em que eu quizera ser surdo...

Quão agradável fôra, sob estes ceos tão claros, sob estes ares tão leves, por estas ruas tão limpas e nestas praias tão amplas, poder andar um homem livremente, tendo por broquel apenas a sua consciencia honesta, sem receio de que o primeiro valdevinos illetrado tivesse o atrevimento de vir discutir letras de idiotas e politica sordida com elle; ou de vir sussurrar-lhe as mentiras mais torpes, as invencionices mais inverosimeis a respeito da Senhora A. ou da Senhorita B.; ou de provocar alguma disputa de consequencias tragicas! Sim, não ha exaggero algum nisto, porque no Brasil é tão tempestuosa a barbaridade geral, tão sanguinaria a selvageria do meio, tão aggressiva a boçalidade ambiente, que não ha garantia nem de vida, nem de honra, nem de liberdade para ninguem; a tal ponto que um homem, ao sair de sua casa pela manhan, não sabe si á noite estará na cadeia como assassino, ou desmoralisado como

um pederasta passivo pelas columnas de qualquer jornal honesto que as meninas lêem, ou muito simplesmente estendido sobre uma mesa de marmore do Necroterio — tal a atmospherá moral que respiramos. Será possível a um homem de character viver com dignidade e, portanto, com elegancia em tal paiz, onde os sentimentos mais sagrados do individuo estão sujeitos, impunemente, a tão alarmantes assaltos, surpresas e tocaias moraes?

Está bem visto que não...

Ahi está, pois, a razão por que vivemos nesta infinita tristeza de um paiz em que o riso, quando apparece, é apenas um riso amarello e alvar de gente escabriada, que já nasce e vive sempre sob o terror de invisiveis e truculentos chicotes. Gente essa, aliás, de que não vale a pena fallar por mais tempo. Pelo que, caro senhor, pingo aqui o meu ponto final e me subscrevo

Sinceramente seu,

ANTONIO TORRES.

INDICE

	Pags.
Preambulo	9
Castellos no ar...	19
Por causa de uma carta anonyma...	27
Christo, positivismo, medicina e amor...	35
Chronica culinaria	41
Os comicos amores de João Costa	49
A theophobia gaúcha	57
O theatro nacional	61
O ridiculo como expressão nacional.	71
O principe de Roccarna	77
Por causa de uma gata...	87
Literatura estrangeira	93
Amores de poeta	101
Saúvas e Cuyabanás.	111
O centenario de Wagner (1913).	117
Como se domam inglezes...	131
A visão de Mons	137
Pela fraternidade occidental!	147
O caso do preto Eloy	155
A policia contra o Dr. Austregesilo!	163

	Pags.
Os dramas americanos	171
O fanatico do Bangú	179
Yunkers, negros e yankees	187
O que seja um açambarcador	197
Philosophos e livres-pensadores	205
O major do bairro turco	213
O que Judas me disse durante um almoço	221
Psychologia ophidica	233
Aspectos de uma autocracia morta	241
A patifaria elegante	251
As mulheres do Pachá	259
Futebolandia	269
Amores de philosopho	279
A estatua de Benjamin	289
Elegancias indigenas	297

A coisa mais difícil do
mundo é vender um livro.
Supersticial. Legado.

—
há quem possa fazer ser a
violencia dos Turquinos

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO DO BRASIL,
(ALMANAK LAEMMERT)
R. D. MANOEL, 62 — RIO DE JANEIRO
AOS 28 DE JUNHO DE 1922



desafiando o Universo e
o Ideal.

qualificadas, incidentes
de destino a l'œuvre